

LT 500 kV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E SUBESTAÇÃO ASSOCIADAS

CAPÍTULO 4.4.3

DIAGNÓSTICO AMBIENTAL

MEIO BIÓTICO – COMPONENTE FAUNA

AGOSTO/2021

SUMÁRIO

1	DIAGNÓSTICO AMBIENTAL	4-10
1.4	DIAGNÓSTICO DO MEIO BIÓTICO	4-10
1.4.3	<i>Componente fauna</i>	4-10
1.4.3.1	Apresentação	4-10
1.4.3.2	Introdução	4-10
1.4.3.3	Objetivos	4-11
1.4.3.4	Região de estudo	4-11
1.4.3.5	Área de estudo	4-18
1.4.3.6	Delineamento amostral	4-18
1.4.3.6.1	Unidades amostrais	4-19
1.4.3.7	Herpetofauna	4-33
1.4.3.7.1	Introdução	4-33
1.4.3.7.2	Métodos de amostragem	4-34
1.4.3.7.3	Resultados e discussão	4-39
1.4.3.8	Avifauna.....	4-63
1.4.3.8.1	Introdução	4-63
1.4.3.8.2	Métodos de amostragem	4-64
1.4.3.8.3	Resultados e discussão	4-70
1.4.3.9	Mastofauna terrestre	4-124
1.4.3.9.1	Introdução	4-124
1.4.3.9.2	Métodos de amostragem	4-124
1.4.3.9.3	Resultados e discussão	4-129
1.4.3.10	Considerações finais gerais.....	4-146
1.4.3.11	Registros fotográficos.....	4-148
1.4.3.11.1	Herpetofauna	4-148
1.4.3.11.2	Avifauna	4-149
1.4.3.11.3	Mastofauna	4-151

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1-1: LOCALIZAÇÃO DA LTS 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II; LT 500 KV MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E SUBESTAÇÃO ASSOCIADA (LT PO3-MN2-JN2).....	4-13
FIGURA 1-2: ROTAS MIGRATÓRIAS E ÁREAS DE INTERESSE CONSERVACIONISTA DA AVIFAUNA PRÓXIMAS A ÁREA DE ESTUDO DO EMPREENDIMENTO, TRECHO LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II.	4-16
FIGURA 1-3: ROTAS MIGRATÓRIAS E ÁREAS DE INTERESSE CONSERVACIONISTA DA AVIFAUNA PRÓXIMAS A ÁREA DE ESTUDO DO EMPREENDIMENTO, TRECHO LT 500 KV MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2.	4-17
FIGURA 1-4: LOCALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO E DAS UNIDADES AMOSTRAIS PARA LEVANTAMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS DA FAUNA, TRECHO LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II, UNIDADES AMOSTRAIS 1, 2 E 3 (UA 1, UA2 E UA3).	4-21
FIGURA 1-5: LOCALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO E DAS UNIDADES AMOSTRAIS PARA LEVANTAMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS DA FAUNA, TRECHO LT 500 KV MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2, UNIDADES AMOSTRAIS 3, 4 E 5 (UA3, UA4 E UA5).	4-22
FIGURA 1-6: LOCALIZAÇÃO DA UNIDADE AMOSTRAL 1.	4-24
FIGURA 1-7: LOCALIZAÇÃO DA UNIDADE AMOSTRAL 2.	4-26
FIGURA 1-8: LOCALIZAÇÃO DA UNIDADE AMOSTRAL 3.	4-28
FIGURA 1-9: LOCALIZAÇÃO DA UNIDADE AMOSTRAL 4.	4-30
FIGURA 1-10: LOCALIZAÇÃO DA UNIDADE AMOSTRAL 5.	4-32

LISTA DE FOTOS

FOTO 1-1: AMBIENTE DA UA 1	4-23
FOTO 1-2: AMBIENTE DA UA 1	4-23
FOTO 1-3: AMBIENTE DA UA 2	4-25
FOTO 1-4: AMBIENTES DA UA 2.....	4-25
FOTO 1-5: AMBIENTE DA UA 3	4-27
FOTO 1-6: AMBIENTE DA UA 3	4-27
FOTO 1-7: AMBIENTES DA UA 4.....	4-29
FOTO 1-8: AMBIENTES DA UA 4.....	4-29
FOTO 1-9: AMBIENTES DA UA 5.....	4-31
FOTO 1-10: AMBIENTES DA UA 5.....	4-31
FOTO 1-11: ARMADILHA DE INTERCEPTAÇÃO E QUEDA (AIQ), UA 3	4-36
FOTO 1-12: MARCAÇÃO COM ELASTÔMERO FLUORESCENTE, UA 5.....	4-36
FOTO 1-13: ARMADILHA DE CONTENÇÃO VIVA, TIPO SHERMAN.	4-126
FOTO 1-14: CAPTURA COM ARMADILHA DE CONTENÇÃO TIPO TOMAHAWK.	4-126
FOTO 1-15: DIDELPHIS AURITA (GAMBÁ-DE-ORELHAS-PRETAS) REGISTRADO FORA DAS UAS.	4-140
FOTO 1-16: CERDOCYON THOUS (CACHORRO-DO-MATO), REGISTRADO FORA DAS UAS.	4-140
FOTO 1-17: <i>ENYALIUS BIBRONII</i> , UA 1	4-147
FOTO 1-18: <i>BOANA CREPITANS</i> , v.....	4-147
FOTO 1-19: <i>BOTHROPS LEUCURUS</i> , UA 2.....	4-147
FOTO 1-20: <i>RHINELLA DIPTYCHA</i> , UA 2	4-147
FOTO 1-21: <i>LEPTODACTYLUS FUSCUS</i> , UA 3	4-148
FOTO 1-22: <i>THAMNODYNASTES NATTERERI</i> , UA 3.....	4-148
FOTO 1-23: <i>PHILODRYAS OLFFERSII</i> , UA 4	4-148
FOTO 1-24: <i>SPHAENORHYNCHUS MIRIM</i> , UA 4	4-148
FOTO 1-25: <i>BOANA SEMILINEATA</i> , UA 5.....	4-149
FOTO 1-26: <i>THOROPA MILIARIS</i> , UA 5	4-149
FOTO 1-27: <i>XENOPS RUTILANS</i> , UA 1.....	4-149
FOTO 1-28: <i>ZONOTRICHIA CAPENSIS</i> , UA 1	4-149
FOTO 1-29: <i>CORAGYPS ATRATUS</i> , UA 2.....	4-149
FOTO 1-30: <i>EUPSITTULA CACTORUM</i> , UA 2.....	4-149
FOTO 1-31: <i>PYRIGLENA LEUCOPTERA</i> , UA 3	4-150
FOTO 1-32: <i>DONACOBIVAS ATRICAPILLA</i> , UA 3	4-150
FOTO 1-33: <i>GALBULA RUFICALDA</i> , UA 4	4-150
FOTO 1-34: <i>TOLMOMYIAS FLAVIVENTRIS</i> , UA 4	4-150
FOTO 1-35: <i>GLAUCIS HIRSUTUS</i> , UA 5	4-150
FOTO 1-36: <i>DRYOCOPUS LINEATUS</i> , UA 5.....	4-150
FOTO 1-37: <i>OLIGORYZOMYS NIGRIPES</i> , UA 1.....	4-151
FOTO 1-38: <i>NASUA NASUA</i> , VESTÍGIO, RASTRO, UA 3	4-151

**LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA**

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



FOTO 1-39: <i>TAMANDUA TETRADACTYLA</i> , CÂMERA-TRAP, UA 4.....	4-151
FOTO 1-40: <i>DIDELPHIS AURITA</i> , UA 4.	4-151
FOTO 1-41: <i>GRACILINANUS MICROTARSUS</i> , UA 5.	4-151
FOTO 1-42: <i>CALLITHRIX GEOFFROYI</i> , UA 5.	4-151

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1-1: MUNICÍPIOS INTERCEPTADOS PELA LT 500 kV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E SUBESTAÇÃO ASSOCIADA.	4-12
QUADRO 1-2: ESTRUTURAS LT POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E SUBESTAÇÃO ASSOCIADA.	4-14
QUADRO 1-3: COORDENADAS (UTM; SIRGAS 2000; ZONA 24) DAS UNIDADES AMOSTRAIS E FITOFISIONOMIAS.	4-23
QUADRO 1-4: COORDENADAS DAS ARMADILHAS DE INTERCEPTAÇÃO E QUEDA PARA O DIAGNÓSTICO DO GRUPO DE HERPETOFAUNA.	4-35
QUADRO 1-5: RESUMO DE ESFORÇO AMOSTRAL PARA O DIAGNÓSTICO DE FAUNA DO GRUPO DE HERPETOFAUNA.	4-37
QUADRO 1-6: LISTA DAS FONTES DE DADOS SECUNDÁRIOS UTILIZADOS PARA CARACTERIZAR A COMPOSIÇÃO DA HERPETOFAUNA REGIONAL NA ÁREA DE ESTUDO (AE) DO EMPREENDIMENTO.	4-38
QUADRO 1-7: LISTA DA HERPETOFAUNA DE PROVÁVEL OCORRÊNCIA PARA A REGIÃO DO EMPREENDIMENTO.	4-40
QUADRO 1-8: LISTA DE ESPÉCIES DE OCORRÊNCIA COMPROVADA DO GRUPO HERPETOFAUNA, DADOS PRIMÁRIOS.	4-52
QUADRO 1-9: RIQUEZA E ABUNDÂNCIA POR UNIDADE AMOSTRAL DO GRUPO HERPETOFAUNA.	4-58
QUADRO 1-10: PARÂMETROS DE DIVERSIDADE E EQUITABILIDADE DO GRUPO HERPETOFAUNA PARA OS UNIDADES AMOSTRAIS.	4-61
QUADRO 1-11: MATRIZ DE SIMILARIDADE DO GRUPO HERPETOFAUNA.	4-62
QUADRO 1-12: RESUMO DE ESFORÇO AMOSTRAL PARA O DIAGNÓSTICO DE FAUNA DO GRUPO AVIFAUNA.	4-64
QUADRO 1-13: COORDENADAS GEOGRÁFICAS DOS PONTOS DE REDES DE NEBLINA, GRUPO AVIFAUNA.	4-65
QUADRO 1-14: COORDENADAS DOS PONTOS DE ESCUTA ESTABELECIDOS EM CADA UNIDADE AMOSTRAL.	4-66
QUADRO 1-15: LISTA DAS FONTES DE DADOS SECUNDÁRIOS UTILIZADOS PARA CARACTERIZAR A COMPOSIÇÃO DA AVIFAUNA REGIONAL NA ÁREA DE ESTUDO (AE) DO EMPREENDIMENTO.	4-70
QUADRO 1-16: LISTA DA AVIFAUNA DE POTENCIAL OCORRÊNCIA PARA A REGIÃO DO EMPREENDIMENTO.	4-72
QUADRO 1-17; LISTA DE DADOS PRIMÁRIOS DO GRUPO AVIFAUNA.	4-99
QUADRO 1-18: LISTA DE AVES COM DISTRIBUIÇÃO RESTRITA.	4-111
QUADRO 1-19: ESPÉCIES COM ALTA SENSIBILIDADE A ALTERAÇÕES AMBIENTAIS, GRUPO AVIFAUNA.	4-113
QUADRO 1-20: AVES MAIS SUSCEPTÍVEIS A COLISÃO COM COM A REDE ELÉTRICA.	4-114
QUADRO 1-21: PONTOS DE MAIOR SUSCETIBILIDADE A COLISÕES DA AVIFAUNA COM A LT.	4-115
QUADRO 1-22: LISTA DE AVES MIGRATÓRIAS REGISTRADAS EM CAMPO.	4-116
QUADRO 1-23: LISTA DE AVES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO REGISTRADAS EM CAMPO.	4-117
QUADRO 1-24: LISTA DE AVES BIOINDICADORAS REGISTRADAS EM CAMPO.	4-119
QUADRO 1-25: RIQUEZA E ABUNDÂNCIA DO GRUPO DAS AVES POR UNIDADE AMOSTRAL.	4-120
QUADRO 1-26: : PARÂMETROS DE DIVERSIDADE DO GRUPO AVIFAUNA.	4-122
QUADRO 1-27: MATRIZ DE SIMILARIDADE DO GRUPO AVIFAUNA.	4-123
QUADRO 1-28: COORDENADAS DAS ARMADILHAS DE INTERCEPTAÇÃO E QUEDA PARA O DIAGNÓSTICO DO GRUPO DE MASTOFAUNA.	4-125
QUADRO 1-29: COORDENADAS DAS ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS PARA O DIAGNÓSTICO DO GRUPO DE MASTOFAUNA DA 1ª CAMPANHA.	4-127
QUADRO 1-30: RESUMO DE ESFORÇO AMOSTRAL PARA O DIAGNÓSTICO DE FAUNA DO GRUPO MASTOFAUNA.	4-128
QUADRO 1-31: LISTA DAS FONTES DE DADOS SECUNDÁRIOS UTILIZADOS PARA CARACTERIZAR A COMPOSIÇÃO DA MASTOFAUNA REGIONAL NA ÁREA DE ESTUDO (AE) DO EMPREENDIMENTO.	4-129
QUADRO 1-32: LISTA DA MASTOFAUNA DE POTENCIAL OCORRÊNCIA PARA A REGIÃO DO EMPREENDIMENTO.	4-130

QUADRO 1-33: LISTA DE DADOS PRIMÁRIOS DO GRUPO MASTOFAUNA.....	4-138
QUADRO 1-34: RIQUEZA DE ESPÉCIES POR UNIDADE AMOSTRAL DO GRUPO MASTOFAUNA PARA A 1ª CAMPANHA.	4-142
QUADRO 1-35: ABUNDÂNCIA POR UNIDADE AMOSTRAL DO GRUPO MASTOFAUNA, PARA A 1ª CAMPANHA.	4-142
QUADRO 1-36: ABUNDÂNCIA ABSOLUTA E RELATIVA PARA O GRUPO MASTOFAUNA DURANTE A 1ª CAMPANHA.	4-142
QUADRO 1-37: PARÂMETROS DE DIVERSIDADE E EQUITABILIDADE DO GRUPO HERPETOFAUNA PARA OS UNIDADES AMOSTRAIS.....	4-145
QUADRO 1-38: MATRIZ DE SIMILARIDADE DO GRUPO MASTOFAUNA.....	4-145

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1-1: CURVA DE RAREFAÇÃO DO GRUPO HERPETOFAUNA DA 1ª CAMPANHA AMOSTRAL. LINHA VERDE-ESCURA REPRESENTA A RIQUEZA OBSERVADA E LINHA VERDE-CLARA REPRESENTA A RIQUEZA ESTIMADA.	4-60
GRÁFICO 1-2: CURVA DA COMPONENTE DOMINÂNCIA PARA O GRUPO HERPETOFAUNA PARA A 1ª CAMPANHA.	4-61
GRÁFICO 1-3: DENDROGRAMA DE SIMILARIDADE DE BRAY-CURTIS PARA O GRUPO HERPETOFAUNA, 1ª CAMPANHA AMOSTRAL.	4-62
GRÁFICO 1-4: NÚMERO DE ESPÉCIES POR AMBIENTE PREFERENCIAL, GRUPO AVIFAUNA.	4-112
GRÁFICO 1-5: CURVA DE DOMINÂNCIA DO GRUPO AVIFAUNA.	4-121
GRÁFICO 1-6: CURVA DE RAREFAÇÃO DO GRUPO AVIFAUNA.	4-122
GRÁFICO 1-7: DENDROGRAMA DE SIMILARIDADE DO GRUPO AVIFAUNA.	4-123
GRÁFICO 1-8: CURVA DA COMPONENTE DOMINÂNCIA PARA O GRUPO MASTOFAUNA PARA A 1ª CAMPANHA.....	4-143
GRÁFICO 1-9: CURVA DO COLETOR/RAREFAÇÃO DO GRUPO MASTOFAUNA DA 1ª CAMPANHA AMOSTRAL. LINHA VERDE-ESCURA REPRESENTA A RIQUEZA OBSERVADA E LINHA VERDE-CLARA REPRESENTA A RIQUEZA ESTIMADA.	4-144
GRÁFICO 1-10: DENDROGRAMA DE SIMILARIDADE PARA O GRUPO MASTOFAUNA, 1ª CAMPANHA AMOSTRAL.	4-145

4 DIAGNÓSTICO AMBIENTAL

4.4 DIAGNÓSTICO DO MEIO BIÓTICO

4.4.3 Componente fauna

4.4.3.1 APRESENTAÇÃO

De acordo com o Termo de Referência, Parecer Técnico 48/2021-CODUT/CGLIN/DILIC e com base na Instrução Normativa IBAMA nº 08 de 14/07/2017 e Plano de Trabalho, apresentamos o Diagnóstico de Fauna, realizada entre os dias 08 e 28 de julho de 2021, com a apresentação geral do empreendimento, delineamento amostral e resultados parciais, referentes a 1ª campanha amostral para o Diagnóstico de Fauna do empreendimento em questão para avaliação do órgão ambiental. A realização das atividades em campo compreende métodos de captura e coleta de animais silvestres dos grupos da herpetofauna, avifauna e mastofauna. O mapa de Unidades Amostrais de Fauna é apresentado por meio do Anexo 3-1, mapa 15 – Unidades amostrais.

Considera-se importante salientar que o Diagnóstico de Fauna segue o Plano de Trabalho que foi baseado como proposta de delineamento amostral da fauna a partir de grupos faunísticos e métodos de amostragem já consagrados em estudos de avaliação de impactos ambientais no âmbito do licenciamento ambiental e as principais legislações ambientais:

- Termo de Referência do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA;
- Instrução Normativa IBAMA nº 08 de 14/2017;
- Resolução do Conselho Nacional de Meio Ambiente – CONAMA nº 001/1986;
- Lei de Crimes Ambientais – Lei Federal nº9605/1998;
- Resolução nº 301/2012 do Conselho Federal de Biologia – CFBio.

4.4.3.2 INTRODUÇÃO

Os estudos de inventários e caracterização das espécies silvestres são cada vez mais comuns dentre as exigências de órgãos ambientais, face às demandas do licenciamento. Neste sentido, com foco nos estudos ambientais que compõem parte dos ritos inerentes ao licenciamento ambiental das LTs 500 kV Poções III – Medeiros Neto II; LT 500 kV Medeiros Neto II – João Neiva 2 e subestação associada (LT PO3-MN2-JN2), dentre eles o estudo da fauna, destaca-se que a região do empreendimento em epígrafe encontra-se inserida no bioma Mata Atlântica, com pequenas localidades de área de tensão ecológica, em que ocorre a transição entre tipos de vegetação de Cerrado e Caatinga.

O bioma da Mata Atlântica é considerado um dos hotspots mundiais da conservação da biodiversidade, pelo seu elevado nível de endemismo (entre os mais ricos do mundo) e grande pressão de degradação, restando apenas cerca de 7,5% do bioma (MYERS *et al.*, 2000). Contudo, na região em que o traçado do

empreendimento intercepta, a matriz predominante é de atividades agropecuárias e os poucos remanescentes de vegetação nativa encontram-se bastante fragmentados. Esses remanescentes, embora fragmentados e de pequena extensão, cumprem importante papel na conservação da fauna local. Dessa forma, a partir do levantamento de dados secundários e primários, será possível caracterizar a fauna potencialmente afetada pelo empreendimento, bem como identificar as espécies ameaçadas, raras e bioindicadoras, suas áreas de ocorrência e como os principais impactos causados pelo empreendimento podem afetar essas espécies.

4.4.3.3 OBJETIVOS

O Diagnóstico de Fauna tem por objetivo geral caracterizar a fauna da região de inserção do empreendimento através de levantamento qualitativo e quantitativo e identificar os principais impactos possíveis sob a fauna inventariada. Visando alcançar o objetivo, alguns objetivos específicos foram propostos:

- Listar, a partir de dados secundários, as espécies da herpetofauna, avifauna e mastofauna terrestre de potencial ocorrência para a região do empreendimento;
- Realizar, a partir dos dados primários, a caracterização da fauna que deve consistir na amostragem quali-quantitativa de acordo com métodos propostos em Termo de Referência e Plano de Trabalho aprovado pelo órgão ambiental;
- Identificar, listar e analisar, a partir dos dados primários, as espécies da herpetofauna, avifauna e mastofauna terrestre de ocorrência confirmada na área de estudo do empreendimento;
- Apresentar informações disponíveis na literatura quanto à biologia e ecologia das espécies listadas;
- Indicar as espécies predominantes, as constantes nas listas oficiais de fauna ameaçada (internacional, nacional e estadual(ais)), as endêmicas, as raras, novos registros, as de importância econômica e cinegética, as potencialmente invasoras ou de risco epidemiológico; e espécies passíveis de serem utilizadas como indicadoras de qualidade ambiental;
- Identificar as espécies de aves migratórias, assim como as rotas migratórias, áreas importantes para avifauna e áreas com risco de colisão com as estruturas do empreendimento, assim como os principais representantes da avifauna com potencial de colisão;
- Avaliar os possíveis impactos que o empreendimento pode causar na comunidade faunística da região afetada;
- Fornecer subsídios para o Prognóstico Ambiental, em especial para definição de estratégias de prevenção e mitigação de impactos negativos sobre a fauna local e regional.

4.4.3.4 REGIÃO DE ESTUDO

A LT 500 kV Poções III – Medeiros Neto II – João Neiva 2 e Subestação Associada possui aproximadamente 590 km de extensão, estão localizada nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia, interceptam 32 municípios (Quadro 4-1 e Figura 4-1) e é composta pelas estruturas indicadas no Quadro 4-2.

**LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA**

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA

PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17

AGOSTO/2021



Quadro 4-1: Municípios interceptados pela LT 500 kV Poções III – Medeiros Neto II – João Neiva 2 e Subestação Associada.

UF	MUNICÍPIO	
BA	Caatiba	Lajedão
	Caravelas	Macarani
	Guaratinga	Maiquinique
	Ibirapuã	Medeiros Neto
	Itambé	Mucuri
	Itanhém	Planalto
	Itapetinga	Poções
ES	Jucuruçu	Vereda
	Boa Esperança	Nova Venécia
	Colatina	Pinheiros
	João Neiva	Rio Bananal
	Linhares	São Mateus
	Marilândia	Vila Valério
	Montanha	
MG	Jacinto	Santo Antônio do Jacinto
	Jordânia	Serra dos Aimorés
	Nanuque	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021

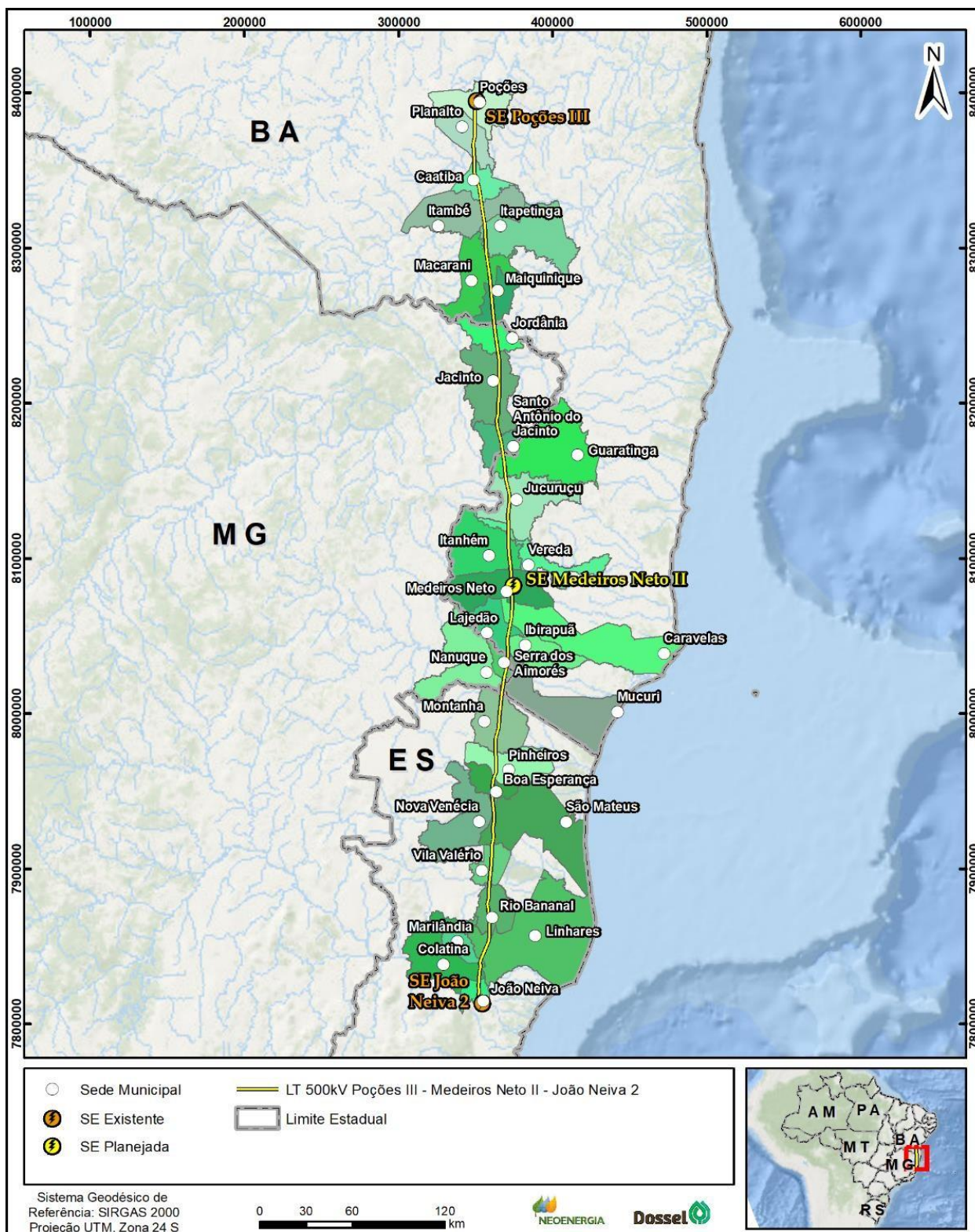


Figura 4-1: Localização da Lts 500 kV Poções III – Medeiros Neto II; LT 500 kV Medeiros Neto II – João Neiva 2 e Subestação Associada (LT PO3-MN2-JN2).

Quadro 4-2: Estruturas LT Poções III – Medeiros Neto II – João Neiva 2 e Subestação Associada.

EMPREENDIMENTO	UF	EXTENSÃO
LT 500kV Poções III – Medeiros Neto II	ES, MG, BA	~320km
LT 500kV Medeiros Neto II – João Neiva 2	ES, MG, BA	~270km
Ampliação da Subestação João Neiva 2	ES	

A região de inserção da LT faz parte da Bacia hidrográfica do Atlântico Leste e das Regiões Hidrográficas (RH) do Atlântico Leste e Atlântico Sudeste. Na RH Atlântico Leste, o empreendimento está inserido nas Unidades Hidrográficas Pardo Jequitinhonha, interceptando os rios Pardo, Jequitinhonha; e Litorânea ES/BA, interceptando os rios Prado, Itanhém, Mucuri e São Mateus. Já na RH Atlântico Sudeste, abrange as Unidades Hidrográficas Doce, interceptado pelo rio Doce; e Litorânea RJ/ES (ANA, 2015).

O empreendimento está localizado no bioma Mata Atlântica com pequenas localidades de área de tensão ecológica, em que ocorre a transição entre tipos de vegetação de Cerrado e Caatinga, principalmente na porção norte do empreendimento, na chegada da Subestação Poções III. O bioma da Mata Atlântica é considerado um bioma de complexidade biológica única, um dos hotspots mundiais da conservação da biodiversidade, pelo seu elevado nível de endemismo, biodiversidade e grande pressão de degradação, restando apenas cerca de 7,5% do bioma (MYERS *et al.*, 2000). Atualmente a Mata Atlântica está reduzida a manchas disjuntas, principalmente em locais de topografia acidentada, inadequada às atividades agrícolas, e nas unidades de conservação (KURTZ e ARAÚJO, 2000). Na região em que o traçado do empreendimento intercepta, a matriz predominante é de atividades agropecuárias e os poucos remanescentes naturais encontram-se bastante fragmentados e reduzidos, mais associados principalmente às margens dos cursos d'água e áreas de relevo mais acentuado.

Segundo os dados apresentados pela Fundação SOS Mata Atlântica e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) (Fundação SOS Mata Atlântica/INPE, 2020), a região do empreendimento compreende, principalmente, formações de Floresta Estacional Decidual, Floresta Ombrófila Densa nos trechos mais próximos do litoral da Bahia e Espírito Santo (constituindo uma das principais áreas de matas de tabuleiro), e em menor porção, Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Estacional Decidual e Áreas de Tensão Ecológica de Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado, sendo as duas últimas mais concentradas na divisa de Minas Gerais e Bahia, próximo à chegada da Subestação Poções III. Entre o período de 2018-2019, os quantitativos dos remanescentes florestais da Mata Atlântica corresponderam a 12,6% para o Espírito Santo, 14% para Bahia e 11,6% para Minas Gerais do total de área natural para cada estado (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA/INPE, 2020) e os estados da Bahia e Minas Gerais foram os estados mais desmatados nos últimos anos.

Existem diversas Unidades de Conservação (UC) distribuídas ao longo da região de inserção do empreendimento. Cabe destacar que nenhuma delas é interceptada diretamente pelo traçado previsto e também não estão inseridas na faixa de servidão e área de ampliação da subestação, no entanto, cinco delas estão inseridas na área delimitada como Área de Estudo para o diagnóstico e caracterização ambiental da fauna, sendo estas o Refúgio de Vida Silvestre Mata dos Muriquis, o Parque Nacional do

Alto Cariri, a Reserva Biológica do Córrego do Veado, a Reserva Biológica de Sooretama e a Reserva Biológica Augusto Ruschi. Na região do empreendimento também há várias Áreas Prioritárias para a Conservação, Utilização Sustentável e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade (APCBs), três delas são diretamente interceptadas pelo traçado proposto, sendo estas a MA238, MA 235 e MA 210. A MA 235 é classificada como APCB de importância biológica “Alta” e as MA 238 e MA 210 são classificadas como “Muito Alta. Além destas, a MA 199 encontra-se inserida na Área de Estudo e também é definida como de importância “Muito Alta”. O detalhamento em relação as Ucs e APCBs é apresentado de forma específica no **Capítulo XX – Unidades de Conservação e Áreas Protegidas.**

Ainda no contexto de áreas prioritárias para conservação, desde o ano de 2000, a BirdLife International vem trabalhando com ações e estratégias de conservação da natureza e, a partir de 2001, deu-se início ao Programa Áreas Importantes para a Conservação das Aves (Important Bird Area – IBA), que faz parte de uma estratégia mundial que visa identificar, monitorar e proteger uma rede de áreas críticas para as aves e a biodiversidade em geral. Desde então, já foram mapeadas no Brasil 237 IBAs, sendo 163 (69%) localizadas na Mata Atlântica (SAVE Brasil, 2009). O traçado da LT não intercepta diretamente nenhuma IBA, no entanto, cinco IBAs estão situadas dentro da Área de Estudo, sendo elas MG04, MG/BA 02, BA31, ES01 e ES02 (Figura 4-2 e Figura 4-3).

O empreendimento também não intercepta nenhuma rota migratória de aves, sendo as mais próximas a Rota Migratória Atlântica, que encontra-se paralela ao empreendimento, ao longo de toda costa brasileira; e a Rota Nordeste, que consiste numa divisão da Rota Atlântica, iniciando na Baía de São Marcos (MA) e no Delta do Parnaíba (divisa MA/PI), seguindo pelo interior do Nordeste até a costa da Bahia e que encontra-se ao norte do empreendimento.

Já em relação às áreas de concentração de espécies migratórias ou de concentração de indivíduos pertencentes a espécies migratórias definidas pela CEMAVE, destaca-se que a subestação João Neiva 2 e cerca de 2km do traçado no Espírito Santo estão inseridos em um polígono de área de alta concentração espécies migratórias (Figura 4-2 e Figura 4-3).

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021

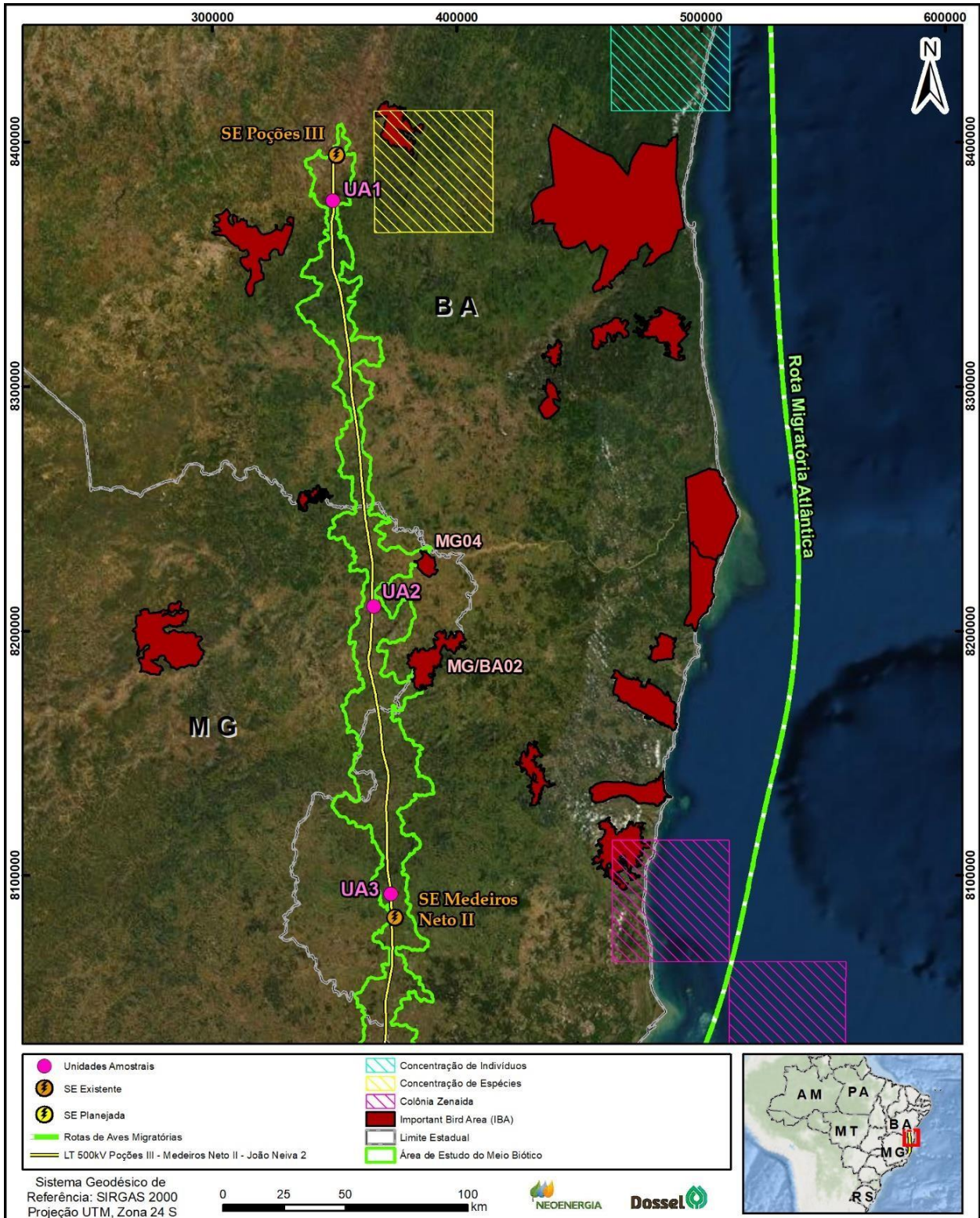


Figura 4-2: Rotas migratórias e áreas de interesse conservacionista da avifauna próximas a Área de Estudo do empreendimento, trecho LT 500 kV Poções III – Medeiros Neto II.

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021

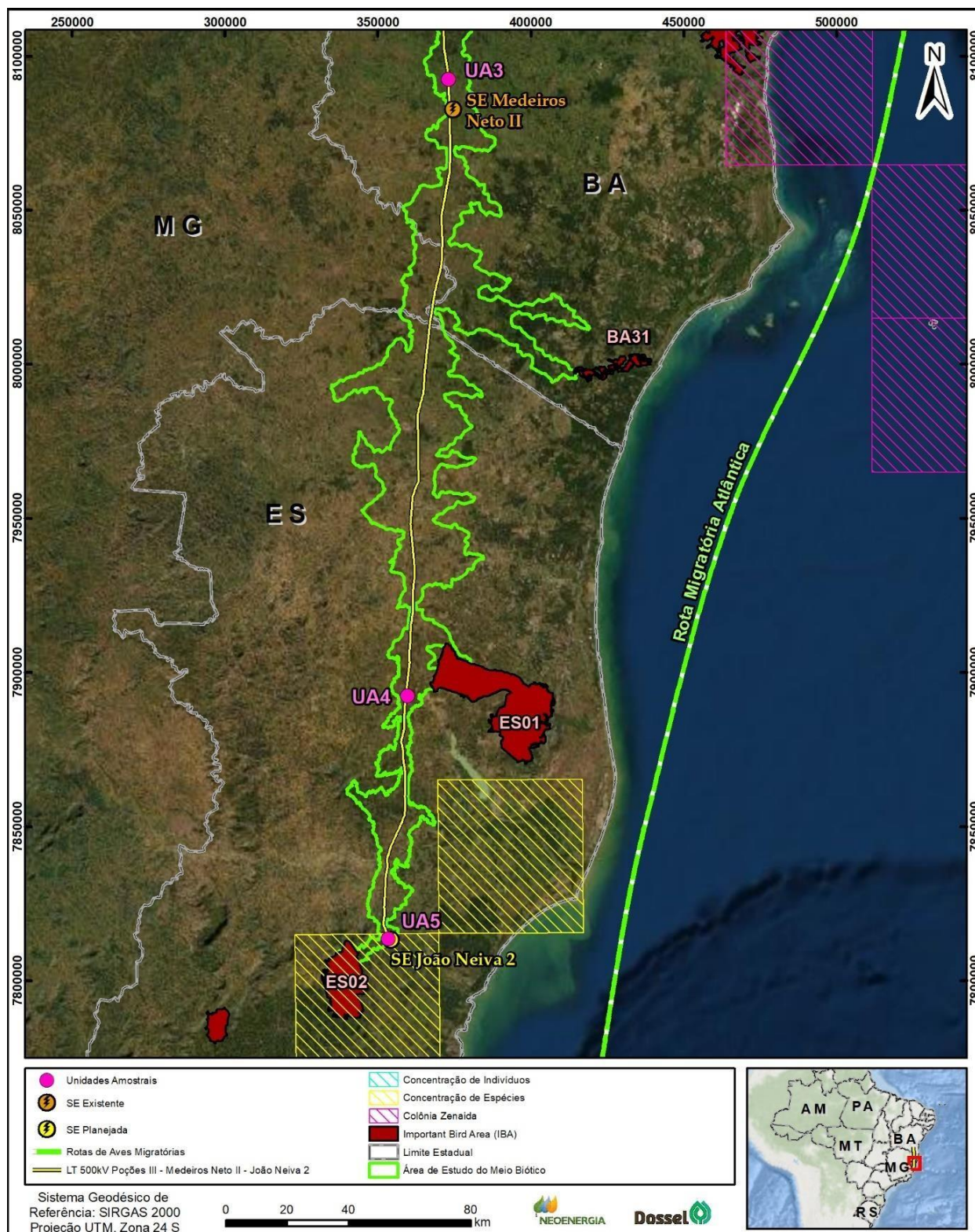


Figura 4-3: Rotas migratórias e áreas de interesse conservacionista da avifauna próximas à Área de Estudo do empreendimento, trecho LT 500 kV Medeiros Neto II – João Neiva 2.

4.4.3.5 ÁREA DE ESTUDO

A Área de Estudo (AE) para o meio biótico foi definida a partir da delimitação geográfica considerada para a realização do levantamento de dados primários da fauna e análises que integram o Diagnóstico Ambiental. A definição dessa área é essencial para o diagnóstico e caracterização ambiental e posterior viabilidade de implementação do empreendimento.

Desta forma, para o empreendimento em questão, a Área de Estudo da fauna foi determinada considerando a delimitação natural encerrada pelas bacias hidrográficas, unidade territorial comumente utilizada como unidade de planejamento.

A metodologia aplicada baseou-se no sistema de subdivisão e codificação de bacias hidrográficas (Minimum Watershed), desenvolvido por Otto Pfafstetter (1989), que propôs este método de codificação de bacias hidrográficas que permitiu aperfeiçoar o gerenciamento das bacias de drenagem assim como aumentar o controle das ações antrópicas e suas consequências nessas áreas.

As otobacias levam em consideração a topografia do terreno permitindo que o sistema hídrico seja detalhado, facilitando, conseqüentemente, a visualização dos impactos ambientais provenientes de ações antrópicas (GOMES e BARROS, 2011).

Tal sistema é adotado como oficial para o Brasil pelo Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH). Para o mapeamento das áreas apresentadas foi utilizado um modelo hidrológico gerado a partir do Modelo Digital de Elevação (MDE) com resolução espacial de 90 m, disponibilizado pela Embrapa Monitoramento por Satélite (CNPM). O modelo representa a delimitação de diversos trechos de áreas de contribuição, os quais foram selecionados a partir da interferência direta com a LT PO3-MN2-JN2, sendo considerado uma distância mínima de 2 km no entorno da diretriz preferencial do traçado da LT em questão (Figura 5-1).

4.4.3.6 DELINEAMENTO AMOSTRAL

Para elaboração do Diagnóstico de Fauna, foram considerados dados secundários do levantamento das espécies da herpetofauna, avifauna e mastofauna com potencial ocorrência na região do empreendimento, considerando a distância de até 100 km da área de estudo e dados primários para os três grupos, a partir de duas campanhas de amostragem realizadas para conhecimento da comunidade faunística na área afetada com dados coletados na Área de Estudo (AE).

Cabe ressaltar que em atendimento ao Termo de Referência, as duas campanhas deverão abranger a variação sazonal da região, contemplando um período seco e outro chuvoso, sendo que a primeira campanha foi realizada no âmbito da elaboração do EIA/RIMA. A segunda poderá ser realizada na fase anterior à emissão da Licença de Instalação. Além disso, também devem ser previstas campanhas de monitoramento a serem realizadas ao longo das fases de instalação e operação do empreendimento que serão propostas no EIA/RIMA. A primeira campanha será a base do diagnóstico de fauna anterior à implementação do empreendimento e para fins de monitoramento, essa campanha será considerada como background, devendo, portanto, observar as mesmas metodologias e delineamento amostral das demais campanhas subsequentes.

Considerando que o objetivo principal do Diagnóstico é identificar o máximo de espécies possível que possam ocorrer na área que será direta e indiretamente impactada com a instalação de um empreendimento e determinar como as espécies se distribuem na mesma, visando identificar a extensão dos impactos sobre as populações a eles exposta (CURCIO *et al.*, 2010), é importante os pontos de amostragem foram distribuídos visando contemplar o máximo de variação ambiental existente na área de estudo, para que a maior parte da riqueza local seja amostrada (CURCIO *et al.*, 2010), aplicando os métodos de amostragem mais eficientes para os respectivos grupos taxonômicos selecionados (CURCIO *et al.*, 2010; FERRAZ, 2012). Além disso, estudos que propõe delineamento amostrais considerando pontos de amostragem selecionados criteriosamente em diferentes tipos de fitofisionomias existentes em cada área mostram-se eficientes para obter resultados de alta riqueza local de espécies (SILVA, 2015).

Em adição, em consonância ao Termo de Referência, a seleção dos locais de amostragem considerou a diversidade de ambientes, contemplando as áreas de importância biológica mais vulneráveis aos impactos e com maior proximidade à diretriz de traçado a ser proposta, focando nos grupos faunísticos com maior probabilidade de serem afetados pelo empreendimento, com atenção às áreas relevantes para alimentação, descanso ou nidificação, onde há grande potencial de colisão com as LTs.

Desse modo, a coleta de dados primários foi precedida pela análise da imagem de satélite da região, a fim de estudar a paisagem interceptada pelo empreendimento, e conhecimento científico com base em dados secundários existentes sobre a fauna e flora da região, visando otimizar a busca, em campo, por locais mais representativos para fauna local e selecionar as Unidades Amostrais (UA) onde serão realizadas as amostragens. Em adição, a seleção dessas UAs foi feita considerando os princípios de Ecologia de Paisagem, para integrar de forma multidisciplinar as informações das vertentes biológicas e socioambientais, amostrando diferentes unidades da paisagem para se ter uma noção da heterogeneidade ambiental e das diferenças de composição de espécies de uma área para outra, para avaliar a viabilidade do empreendimento sem ignorar a importância dos processos ecológicos, evolutivos e a conservação da biodiversidade (KOBBLITZ *et al.*, 2011).

Considerando o exposto acima, as áreas selecionadas como Unidades Amostrais buscaram visar os remanescentes naturais mais bem preservados e representativos em termos de tamanho, qualidade e conectividade dos habitats, abrangendo diferentes tipologias fitofisionômicas que estejam bem distribuídos ao longo da região de inserção do empreendimento. Os critérios estabelecidos para a seleção das UAs foram: localização (abrangendo a área de estudo do empreendimento), acessibilidade (vias de acesso, autorizações de proprietários e segurança da equipe), tamanho e continuidade dos remanescentes, tipo de fitofisionomias existentes, presença de corpos d'água, qualidade dos habitats, conectividade e proximidade com áreas protegidas ou prioritárias para a conservação da biodiversidade.

4.4.3.6.1 Unidades amostrais

A partir da imagem de satélite da região, foram selecionadas 5 Unidades Amostrais, com cerca de 15 km² cada, distribuídas ao longo do trajeto projetado para a linha de transmissão. O formato e extensão de cada UA são delimitados de forma que os pontos amostrais possam ficar bem distribuídos em relação à diretriz do traçado, visando abranger a maior variedade de fitofisionomias e habitats atrativos existentes,

os quais possam abrigar espécies raras, ameaçadas de extinção e endêmicas, além de espécies comuns e abundantes (Figura 4-4, Figura 4-5 e Quadro 4-3). Como já abordado anteriormente, na região do empreendimento, a matriz predominante é de atividades agropecuárias e os poucos remanescentes naturais encontram-se bastante fragmentados e reduzidos, mais associados principalmente às estreitas faixas de Áreas de Preservação Permanente (APP) situadas margens dos cursos d'água; áreas de encosta com relevo bastante acentuado que são de difícil acesso; ou áreas de reserva legal. Desta forma, a seleção das UAs ficou limitada aos poucos fragmentos mais acessíveis em que se avalia se será possível realizar as amostragens com segurança e a viabilidade de instalação das armadilhas.

Em cada UA foram selecionados três pontos amostrais e cada grupo taxonômico irá desempenhar diferentes esforços amostrais de acordo com os métodos de amostragem. A seleção dos pontos e as amostragens ocorreram dentro dos limites definidos para cada UA. Devido as atividades de campo utilizarem métodos interventivos, foi necessária a emissão da Autorização para Captura, Coleta e Transporte de Material Biológico (Abio) para a execução do estudo.

Os pontos amostrais foram distribuídos em locais que favoreçam a ocorrência e o registro do grupo faunístico em questão. A localização exata dos pontos amostrais para cada grupo faunístico foi definida em campo por cada especialista responsável pela execução do estudo de seu respectivo grupo amostral, considerando locais com maior probabilidade de detecção do grupo e espécies-alvo; variação espacial e independência dos pontos; maior eficiência da aplicação dos métodos e coleta de dados (YOCCOZ *et al.*, 2001); e viabilidade de instalação das armadilhas. A localização desses pontos é apresentada nos tópicos específicos de cada grupo faunístico deste Diagnóstico, com apresentação de fotos das áreas e coordenadas.

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021

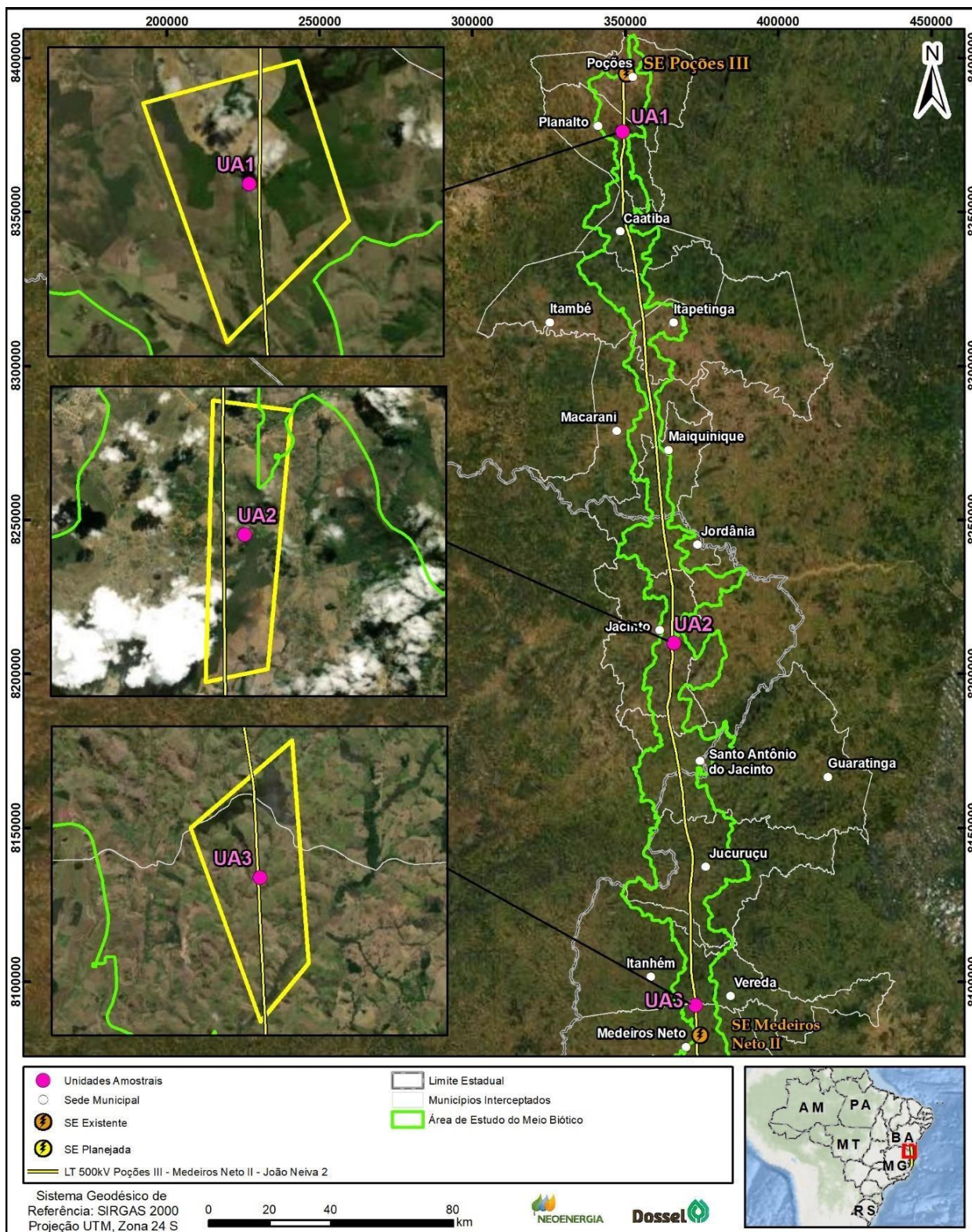


Figura 4-4: Localização do empreendimento e das Unidades Amostrais para levantamento de dados primários da fauna, trecho LT 500 kV Poções III – Medeiros Neto II, Unidades Amostrais 1, 2 e 3 (UA 1, UA2 e UA3).

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021

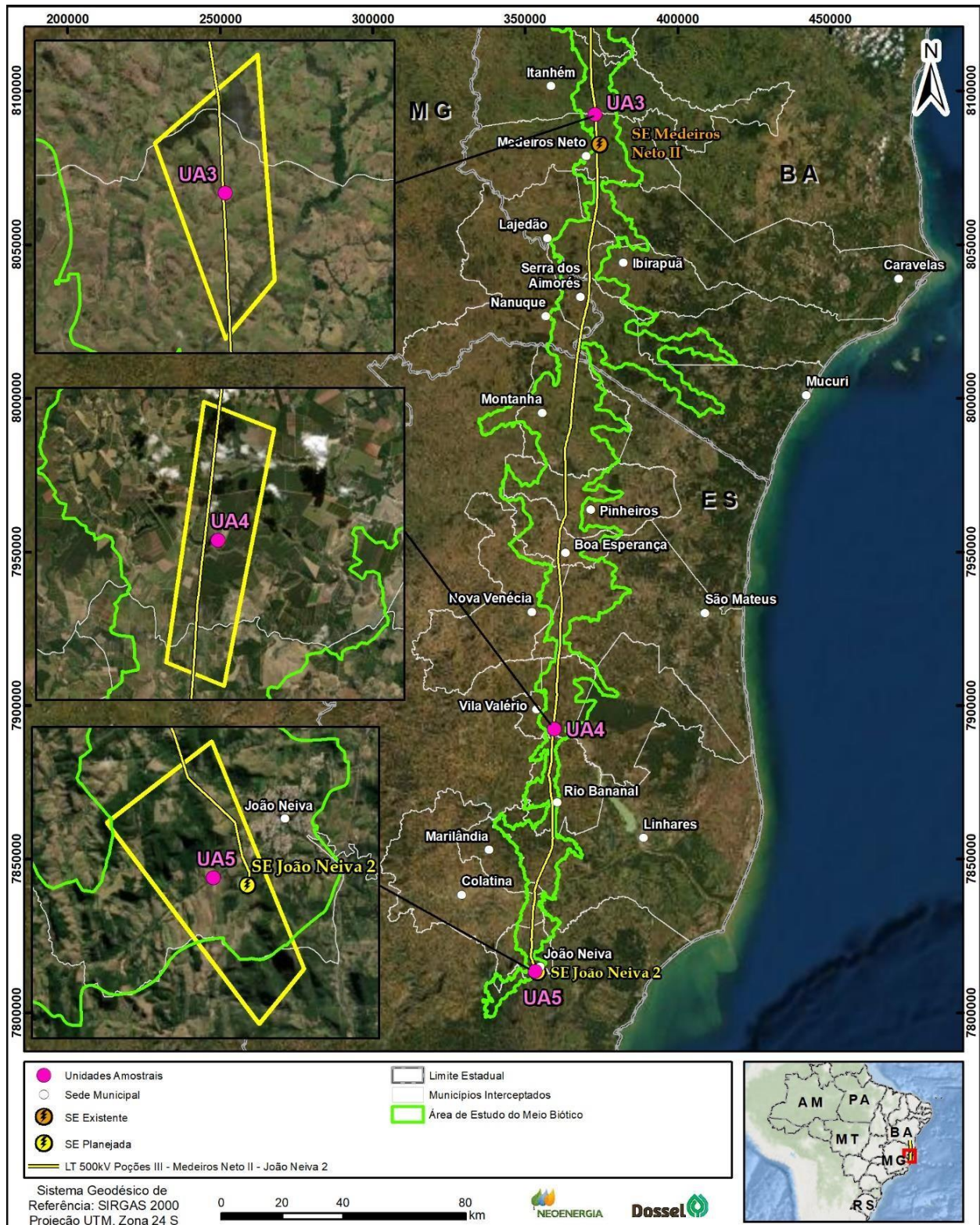


Figura 4-5: Localização do empreendimento e das Unidades Amostrais para levantamento de dados primários da fauna, trecho LT 500 kV Medeiros Neto II – João Neiva 2, Unidades Amostrais 3, 4 e 5 (UA3, UA4 e UA5).

Quadro 4-3: Coordenadas (UTM; SIRGAS 2000; Zona 24) das Unidades Amostrais e fitofisionomias.

UNIDADE AMOSTRAL	MUNICÍPIO/UF	FITOFISIONOMIA	COORDENADAS	
			LONGITUDE	LATITUDE
UA 1	Planalto, BA	Floresta Ombrófila Densa Floresta Estacional Decidual Savana Estépica Gramíneo-Lenhosa	349380	8375745
UA 2	Jacinto, MG	Floresta Estacional Decidual	365938	8208809
UA 3	Itanhém e Medeiros Neto, BA	Floresta Ombrófila Densa	373373	8094400
UA 4	Vila Valério e Rio Bananal, ES	Floresta Ombrófila Densa	365938	8208809
UA 5	João Neiva, ES	Floresta Ombrófila Densa	352234	7812063

4.4.3.6.1.1 Unidade Amostral 1

Localizada no estado da Bahia, no município de Planalto, próxima a Subestação Poções III. Faz parte da Região Hidrográfica do Atlântico Leste e Unidades Hidrográficas do Pardo e Bacias Litorâneas da Bahia e possui pequenos cursos d'água de tributários. Está situada em uma área de tensão ecológica, de transição Mata Atlântica e Caatinga. A UA constitui 20% de Floresta Ombrófila Densa, 10,2% de Floresta Estacional Decidual, 7% de Savana Estépica Gramíneo-Lenhosa. Os outros 62,8% da UA são formados majoritariamente por pastagem em seguida mosaicos de agricultura e outras lavouras temporárias. Está situada cerca de 18 km da Área de Proteção Ambiental Serra do Ouro, 17 km da APCB CA 270 de importância extremamente alta.



Foto 4-1: Ambiente da UA 1.



Foto 4-2: Ambiente da UA 1.

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021

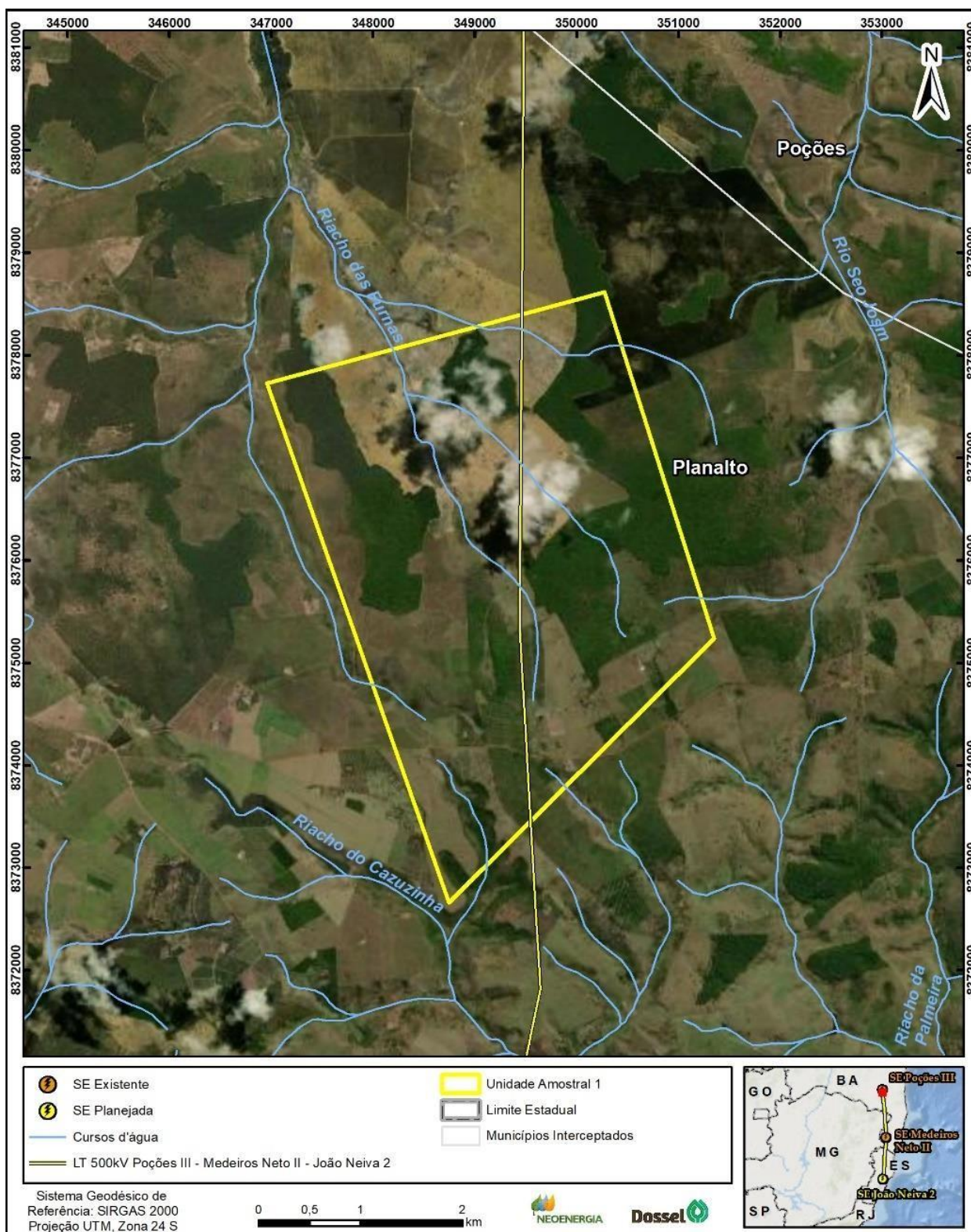


Figura 4-6: Localização da Unidade Amostral 1.

4.4.3.6.1.2 Unidade Amostral 2

Localizada no estado de Minas Gerais, no município de Jacinto. Faz parte da Região Hidrográfica do Atlântico Leste e Unidade Hidrográfica do Jequitinhonha, interceptada pelo rio Jequitinhonha, de maior relevância, e possui outros pequenos cursos d'água de tributários. A UA constitui de 25% de Floresta Estacional Decidual e 3% de cursos d'água. Os outros 73% são formados majoritariamente por pastagem, em seguida mosaicos de agricultura e outras áreas não vegetadas. Está situada cerca de 4km da APCB MA238, considerada de importância muito alta para conservação e cerca de 25km do Parque Estadual Alto do Cariri e Refúgio da Vida Silvestre Mata dos Muriquis.



Foto 4-3: Ambiente da UA 2.



Foto 4-4: Ambientes da UA 2.

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021

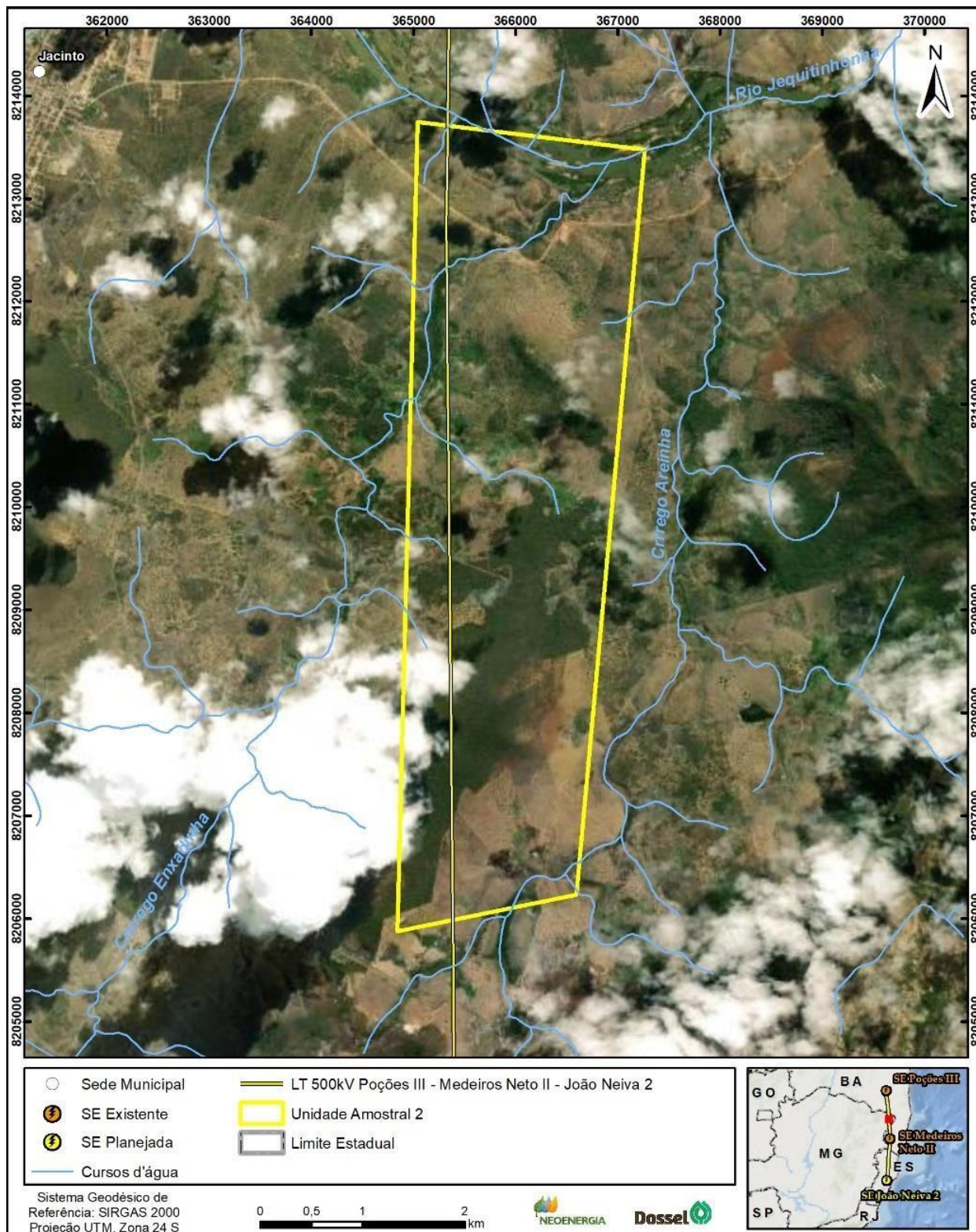


Figura 4-7: Localização da Unidade Amostral 2.

4.4.3.6.1.3 Unidade Amostral 3

Localizada no estado da Bahia, entre os municípios de Itanhém e Medeiros Neto. Faz parte da Região Hidrográfica do Atlântico Leste e Unidade Hidrográfica de bacias interestaduais do litoral da Bahia, interceptada pelo rio Água Fria e possui vários outros cursos d'água de tributários ao longo de toda sua área. A UA constitui de 17% de Floresta Ombrófila Densa. Os outros 83% são formados majoritariamente por pastagem em seguida mosaicos de agricultura. Está situada cerca de 30 km da APCB MA235, considerada de importância alta para conservação.



Foto 4-5: Ambiente da UA 3.



Foto 4-6: Ambiente da UA 3.

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021

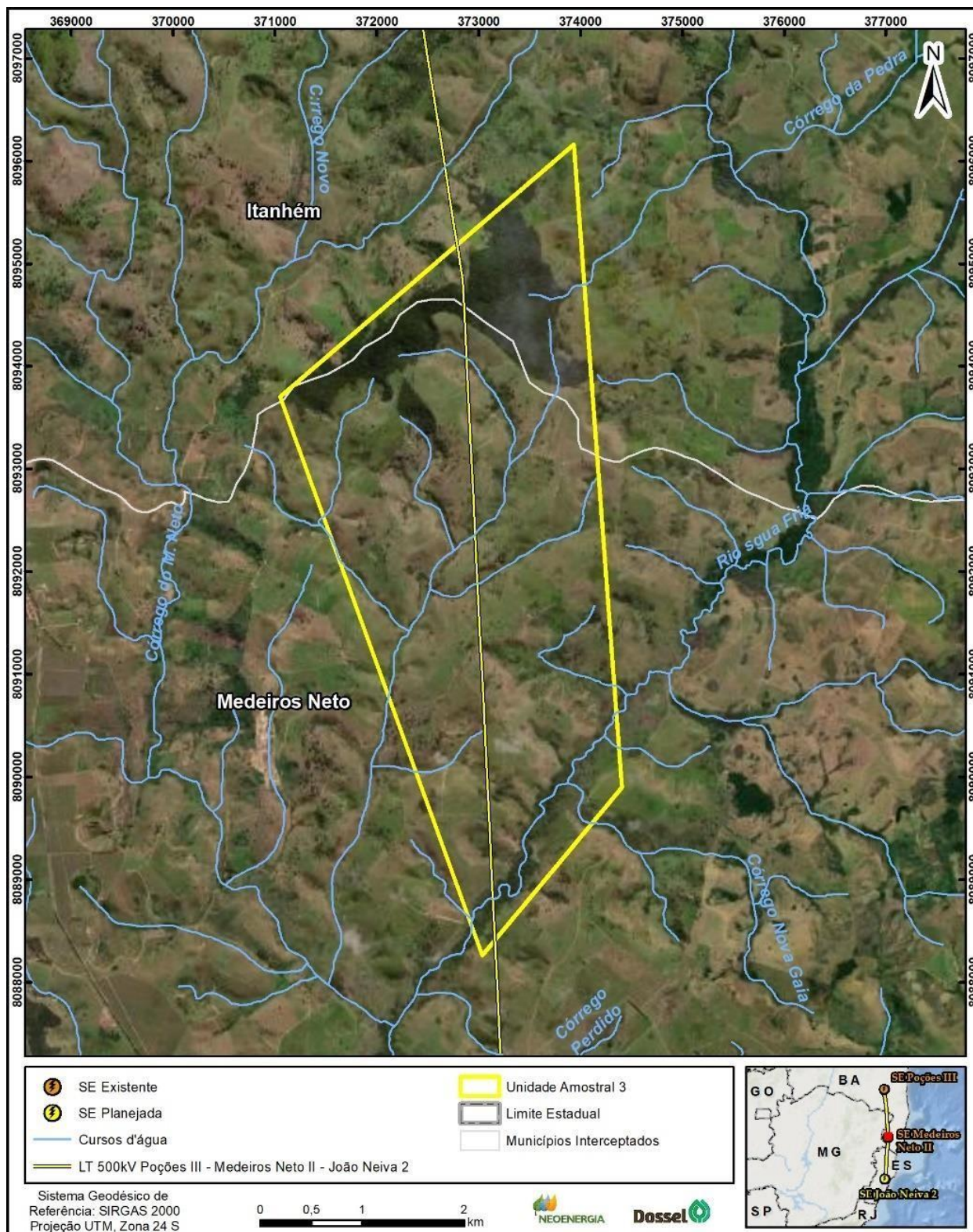


Figura 4-8: Localização da Unidade Amostral 3.

4.4.3.6.1.4 Unidade Amostral 4

Localizada no estado do Espírito Santo, entre os municípios de Vila Valério e Rio Bananal. Faz parte da Região Hidrográfica do Atlântico Sudeste e Unidade Hidrográfica Doce, interceptada por vários cursos d'água de tributários ao longo de toda sua área. A UA constitui cerca de 37% de vegetação secundária inicial, 7% de Floresta Ombrófila Densa, 2% de cursos d'água e os outros 54% de mosaicos de agricultura e pastagem, lavoura perene e outras lavouras temporárias. Está situada cerca de 6km da Reserva Biológica de Sooretama, uma das maiores e mais importantes Unidades de Conservação do estado, que abriga cerca de 15 sub-bacias, sendo alguns de seus tributários inseridos área da UA 4 formando um corredor de conectividade com a UC. Também está a 16km da APCB MA210, considerada de importância muito alta para conservação.

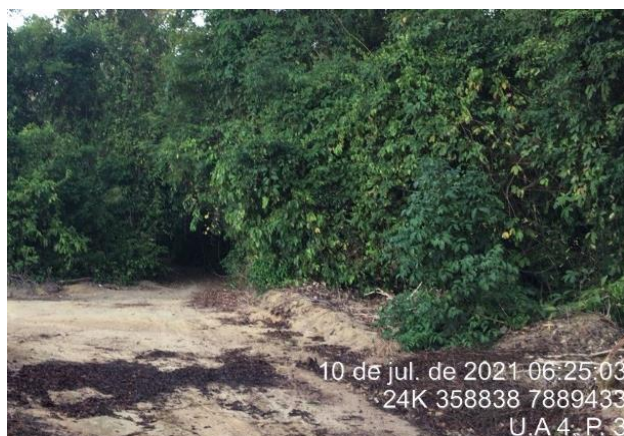


Foto 4 -4-7: Ambientes da UA 4.

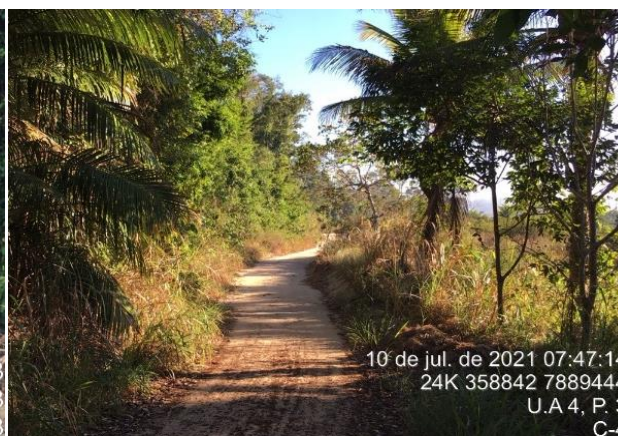


Foto 4-8: Ambientes da UA 4.

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021

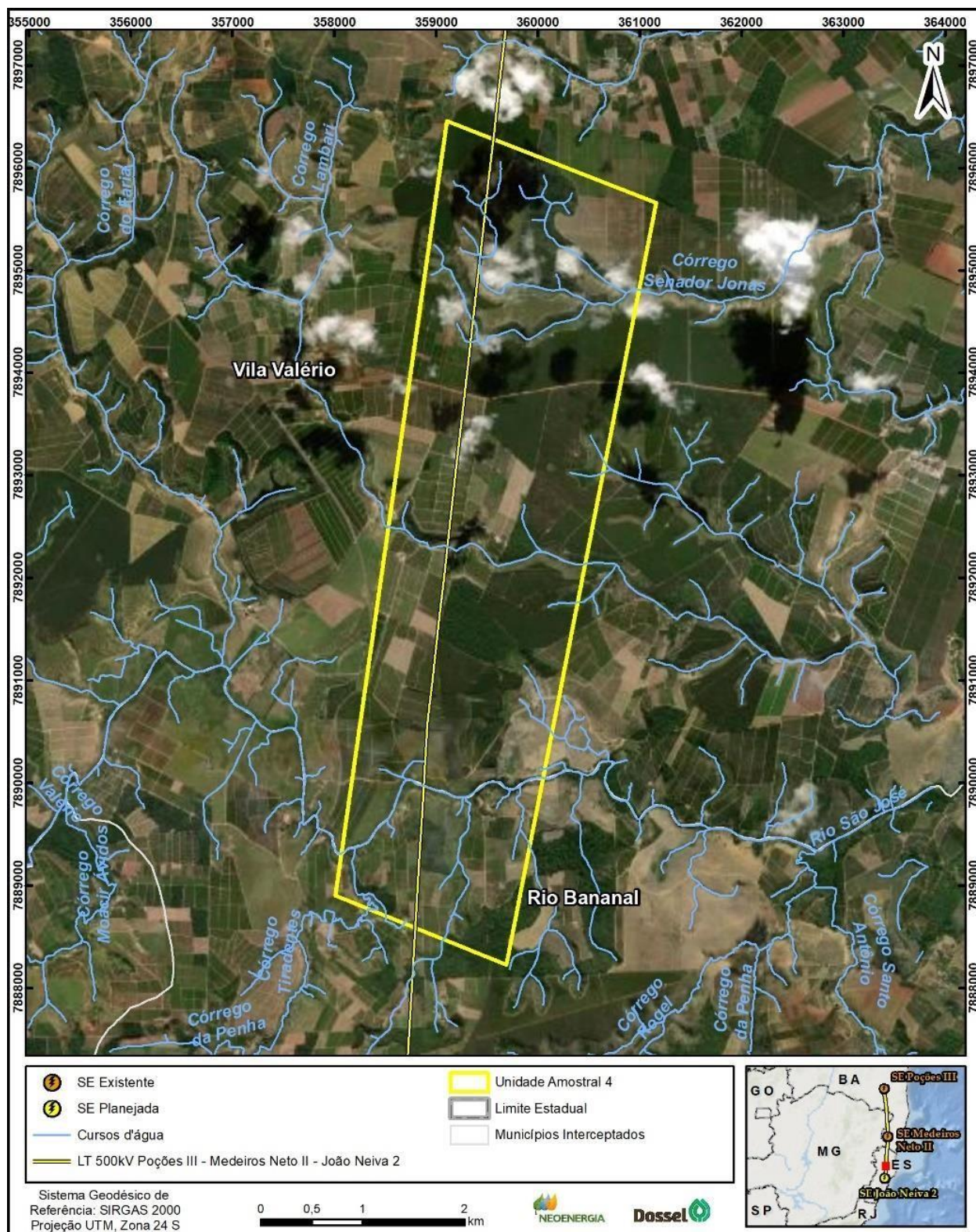


Figura 4-9: Localização da Unidade Amostral 4.

4.4.3.6.1.5 Unidade Amostral 5

Localizada no estado do Espírito Santo, no município de João Neiva. Faz parte da Região Hidrográfica das Bacias Litorâneas Estaduais do Espírito Santo e Unidade Hidrográfica Doce, interceptada pelos rios Piraquê-Açu e Taquaraçu e por vários cursos d'água de tributários ao longo de toda sua área. A UA constitui cerca de 46% de Floresta Ombrófila Densa, 5% de Floresta Plantada e os outros 49% formados majoritariamente por pastagens, em seguida mosaicos de agricultura e pastagem e outras áreas não vegetadas (afloramento rochoso, infraestrutura urbana). Abrange a área em que será realizada a ampliação da Subestação João Neiva 2. Está inserida na APCB MA199, de importância biológica muito alta para conservação da biodiversidade; em um polígono da CEMAVE definido como de concentração de espécies da avifauna migratória e de interesse conservacionista; dista cerca de 10km da IBA ES02 e está a 5 km do Parque Natural Municipal do Aricanga Waldemar Devens e 15km da Reserva Biológica Augusto Ruschi.



Foto 4-9: Ambientes da UA 5.



Foto 4-10: Ambientes da UA 5.

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021

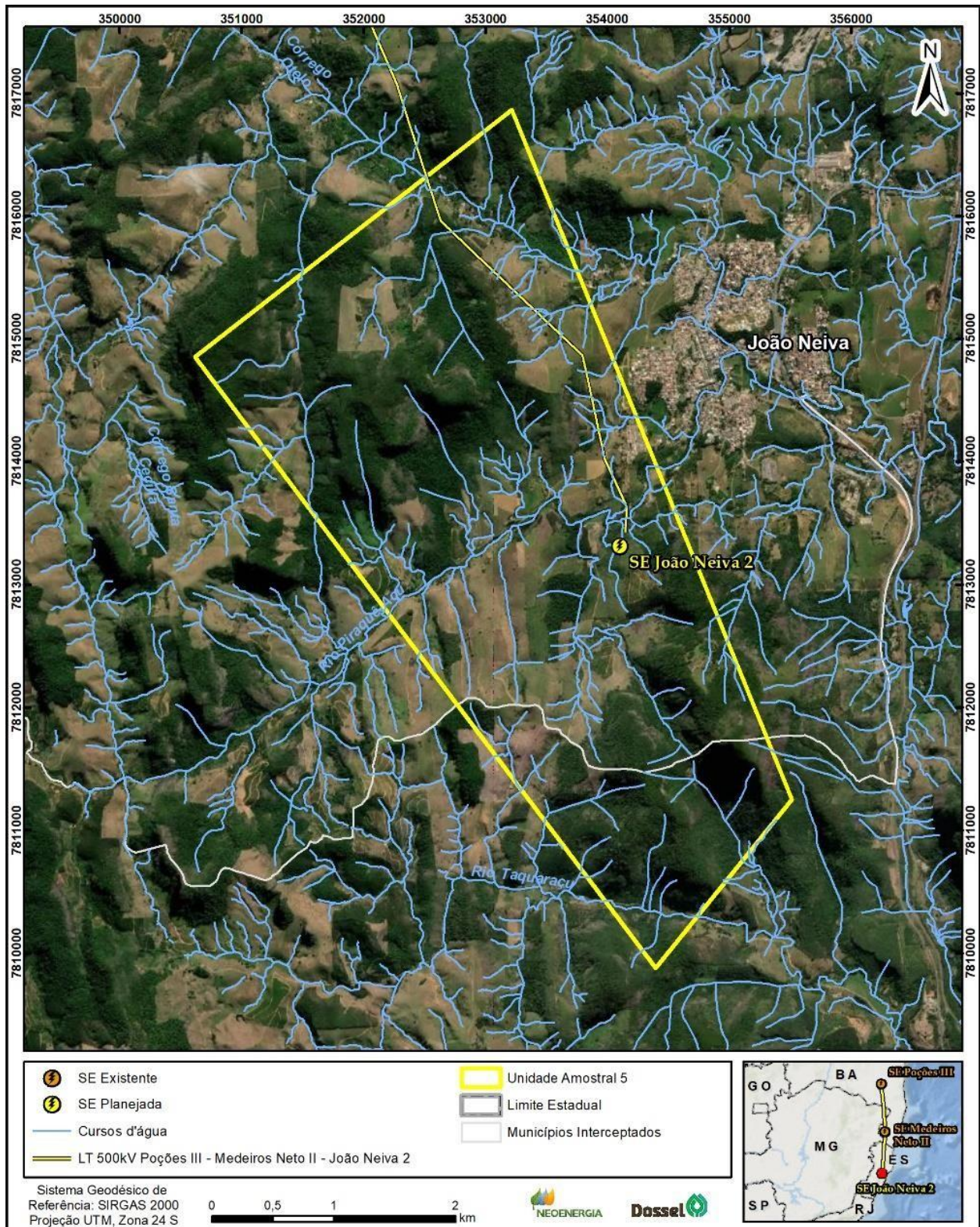


Figura 4-10: Localização da Unidade Amostral 5.

4.4.3.7 HERPETOFAUNA

4.4.3.7.1 Introdução

A Herpetofauna é formada por um grupo proeminente em quase todas as comunidades terrestres sendo dividida em duas classes distintas: Classe Amphibia, que contém as Ordens Anura (sapos, rãs, jias e pererecas), Gymnophiona (cobras-cegas ou cecílias) e Caudata (salamandras) e a Classe Reptilia, com as ordens Testudines (quelônios: cágados, tartarugas e jabutis), Squamata (lagartos, anfisbênias e serpentes), Crocodylia (jacarés e crocodilos) e Rhynchocephalia (tuataras da Nova Zelândia) (BERNARDE, 2012; VITT; CALDWELL, 2009).

Para a Classe Amphibia são reconhecidas mais de 7.900 espécies no mundo, das quais mais de 1.000 foram descritas para o Brasil, que é detentor da maior diversidade de anfíbios do planeta (BERNARDE, 2012; FROST, 2018). Na lista oficial da Sociedade Brasileira de Herpetologia (SBH), constam 1.135 espécies de anfíbios ocorrentes no Brasil distribuídas em três ordens: Anura com 1.092 espécies; Caudata com cinco (05) espécies e Gymnophiona com 38 espécies (SEGALLA *et al.*, 2019). Para a Classe Reptilia já foram descritas mais de 10.700 espécies no globo, onde o Brasil ocupa a terceira posição em riqueza com 795 espécies (UETZ; HOSEK, 2018). Na lista oficial da SBH, considerando espécies e subespécies, são registrados 842 táxons, distribuídas também em três Ordens, a saber: Testudines com 37 espécies; Crocodylia com seis espécies; e Squamata com 799 táxons (282 lagartos, 75 anfisbenas e 442 serpentes) (COSTA; BÉRNILS, 2018).

Duelmman (1999) descreve que a maior diversidade de anfíbios e répteis está relacionada as regiões de matas úmidas neotropicais (América Central, Floresta Amazônica e Floresta Atlântica). A Floresta Atlântica brasileira é um dos ecossistemas mais afetados pela alteração e fragmentação de seus habitats, principalmente em decorrência do crescente desenvolvimento econômico, o que, conseqüentemente, acarreta uma modificação do padrão de biodiversidade faunística (MITTERMEIER *et al.*, 1982; WILSON, 1988).

A região do estudo em questão apresenta influência de três províncias biogeográficas, a Caatinga, a Mata Atlântica e o Cerrado. Os biomas presentes que apresentam maior predominância são o Cerrado e a Mata Atlântica, sendo estes considerados hotspots de biodiversidade, caracterizados por apresentar uma rica biodiversidade, grandes concentrações de espécies endêmicas e sofrer grandes ameaças (MITTERMEIER *et al.*, 2004).

No Cerrado os anfíbios estão representados por 211 espécies de anuros, com mais de 50% de endemismos (VALDUJO *et al.*, 2012) e duas espécies de cecílias (COLLI *et al.*, 2002). Já os répteis são compostos por 10 espécies de quelônios, e cinco de jacarés, ambas sem endemismos (COLLI *et al.*, 2002), além de 264 espécies de Squamatas (lagartos, anfisbênias e serpentes) com pouco menos de 40% de endemismos (NOGUEIRA; COLLI; MARTINS, 2009; NOGUEIRA *et al.*, 2010).

Para o bioma Mata Atlântica são estimadas a ocorrência de 543 espécies de anfíbios, sendo 529 espécies de anuros e 14 Gymnofionos (cecílias) (HADDAD *et al.*, 2005, 2013), além de e 157 espécies de répteis, composto por 94 serpentes, 78 lagartos, oito quelônios continentais e duas espécies de crocodilianos (FREITAS; SILVA, 2005; MARQUES; ETEROVIC; SAZIMA, 2001).

Já a província biogeográfica da Caatinga é a que representa a menor influência na região do estudo. A herpetofauna da Caatinga é representada por 98 espécies de anfíbios e 191 espécies de répteis (Silva *et al.*, 2017).

Visto a relevância da herpetofauna, atuando em diversas relações ecológicas (BÖHM *et al.*, 2013) e compreendendo um grande grupo de espécies, com indivíduos que vão desde grandes organismos como serpentes e crocodilos a espécies pequenas e crípticas como alguns anuros e lagartos, e também devido à grande especificidade de habitats e sensibilidade a alterações ambientais, este grupo faunístico é amplamente utilizado em estudos que envolvem processos de degradação e qualidade ambiental. Inventários locais configuram, portanto, excelentes ferramentas para o direcionamento de medidas de conservação e/ou mitigação dos impactos gerados por ações antrópicas.

4.4.3.7.2 Métodos de amostragem

Apesar de representarem grupos distintos e com diferenças expressivas em sua ecologia e comportamento, os répteis e anfíbios são estudados conjuntamente, uma vez que muitos dos métodos de amostragem se sobrepõem (SILVEIRA; ALMEIDA; PAES DE BARROS, 2000). Esses métodos, por sua vez, são variados e a aplicação combinada de alguns deles é importante para que os resultados dos inventários sejam satisfatórios (CECHIN; MARTINS, 2000).

Para a realização do levantamento dos dados primários da Herpetofauna, de forma geral, foram considerados todos os registros sistemáticos e assistemáticos. As amostragens sistemáticas foram realizadas dentro das cinco Unidades Amostrais (U.A.) utilizando uma combinação de métodos de amostragem, sendo elencados como metodologias principais as Armadilhas de Interceptação e Queda (AIQ) e a Procura Limitada por Tempo (PLT).

Além dos métodos supracitados, também foram utilizadas para o levantamento da Herpetofauna metodologias complementares como os encontros oportunistas e coleta por terceiros, que consistem em registros de anfíbios e répteis, vivos ou mortos durante outras atividades que não a amostragem pelas metodologias principais, como deslocamentos próximos as áreas amostrais e registros realizados por outras equipes e/ou moradores e transeuntes da região.

As metodologias supracitadas serão aplicadas nas cinco Unidades Amostrais, em duas campanhas de coleta de dados, contemplando a sazonalidade.

4.4.3.7.2.1 Armadilhas de interceptação e queda (AIQ)

Consiste em conjuntos formados, cada um, por quatro baldes plásticos com capacidade para 60 litros, distanciados dez metros um do outro, dispostos em “Y”, enterrados com suas aberturas no nível do solo e interligadas por cercas-guia, construídas em lona plástica preta de 50 cm altura (CECHIN e MARTINS, 2000). Um conjunto de armadilhas foi instalado em cada ponto amostral. As armadilhas foram revisadas uma vez ao dia no período da manhã e permaneceram abertas durante quatro dias por Unidade Amostral (Quadro 4-4).

Quadro 4-4: Coordenadas das Armadilhas de Interceptação e Queda para o diagnóstico do grupo de Herpetofauna.

U.A.	PONTO AMOSTRAL	COORDENADAS (UTM – SIRGAS 2000)		
UA 5	P1	24K	352673	7813506
UA 5	P2	24K	352720	7813469
UA 5	P3	24K	352772	7813513
UA 4	P1	24K	359643	7891514
UA 4	P2	24K	360089	7891323
UA 4	P3	24K	358944	7892385
UA 3	P1	24K	373836	8093808
UA 3	P2	24K	373807	8093823
UA 3	P3	24K	373733	8093823
UA 2	P1	24K	366296	8212675
UA 2	P2	24K	366488	8212897
UA 2	P3	24K	366513	8213177
UA 1	P1	24L	349628	8375666
UA 1	P2	24L	349775	8375525
UA 1	P3	24L	350911	8375535

O esforço amostral empregado nesta metodologia foi de 48 baldes-dia para cada Unidade Amostral (4 baldes por ponto amostral * 3 pontos amostrais por Unidade Amostral * 4 noites), 240 baldes-dia por campanha (4 baldes por ponto amostral * 3 conjuntos de AIQ por Unidade Amostral * 4 noites * 5 UA).

Os espécimes capturados pelas AIQs foram marcados com Elastômero Fluorescente de Implante Visível. Este sistema utiliza um material em elastômero fluorescente, biocompatível e especialmente desenvolvido para marcação de animais (HALE; GRAY, 1998; FITZGERALD *et al.*, 2004; OLSEN *et al.*, 2004), a fim de evitar a identificação repetida de indivíduos.



Foto 4-11: Armadilha de Intercepção e Queda (AIQ), UA 3.



Foto 4-12: Marcação com Elastômero Fluorescente, UA 5.

4.4.3.7.2.2 Procura limitada por tempo

Consiste em deslocamentos lentos dos especialistas, realizados a pé, nos pontos amostrais. A busca visual ou auditiva por anfíbios e répteis ocorre nas áreas potenciais para os registros das espécies, como em fragmentos florestais ou próximos a corpos d'água, vistoriando minuciosamente o máximo de micro-habitats visualmente acessíveis que possam ser utilizados pelas espécies, tais como: solo, serapilheira, cupinzeiros, troncos em decomposição, cavidades, tocas, arbustos, interior de bromélias, margens de corpos d'águas, entre outros.

A Procura Limitada por Tempo foi realizada no período de um dia em cada ponto amostral, com duração de 1 hora-homem para o turno da manhã (09:00 às 12:00) e 3 horas-homem para o turno da noite (18:00 às 22:00). No período diurno, as PLTs priorizaram os locais que favorecessem principalmente o encontro de répteis, como bordas e interior de matas e ambientes abertos mais preservados e no período noturno, foram priorizados ambientes com a presença de sítios reprodutivos de anfíbios anuros, como ambientes com corpos hídricos – poças temporárias ou permanentes, lagoas, córregos, áreas alagáveis.

O esforço amostral empregado para este método foi de 4 horas-homem por dia em cada ponto amostral, 12 horas-homem por Unidade Amostrai (4 horas-homem por ponto amostral * 3 pontos amostrais por UA), totalizando 60 horas por campanha (4 horas por ponto amostral * 3 pontos amostrais por UA * 5 UA) (Quadro 4-5).

Quadro 4-5: Resumo de esforço amostral para o Diagnóstico de Fauna do grupo de Herpetofauna.

GRUPO	MÉTODO	DIA	UNIDADE AMOSTRAL	CAMPANHA
HERPETOFAUNA	Armadilha de Interceptação e Queda	4 baldes por ponto amostral * 3 conjuntos de AIQ por Unidade Amostral = 12 baldes-dia	4 baldes * 3 conjuntos de AIQ * 4 noites = 48 baldes-dia	48 baldes-dia * 5 Unidades Amostrais = 240 baldes-dia
	Procura Limitada Por Tempo (PLT)	4 horas-homem	4 horas * 3 pontos amostrais = 12 Horas-homem	12 horas * 5 Unidades Amostrais = 60 Horas-homem

A nomenclatura científica e a classificação taxonômica das espécies da herpetofauna abordadas neste diagnóstico foram baseadas nas listas oficiais da Sociedade Brasileira de Herpetologia – SBH. Para os anfíbios, a lista apresentada por Segalla e colaboradores (2019) e para os répteis, a lista de Costa e Bérnils (2018). Para os vernáculos procurou-se manter a nomenclatura utilizada pela população local.

Quanto a distribuição das espécies, estas foram separadas em Espécies Exóticas, Espécies Endêmicas e Espécies de Ampla Distribuição, da seguinte forma:

- **Espécies Exóticas:** classificadas no âmbito da definição apresentada no inciso II do art. 2º da Portaria IBAMA nº 93, de 07 de julho de 1998;
- **Espécies Endêmicas:** quando do bioma Cerrado: de acordo com os estudos de Colli e colaboradores (2002), Nogueira e colaboradores (2011) e Valdujo e colaboradores (2012); quando do Bioma Mata Atlântica: de acordo com Haddad e colaboradores (2005; 2013) e Tozetti e colaboradores (2018); e quando do bioma Caatinga de acordo com Silva e colaboradores (2017).

As espécies ameaçadas de extinção foram determinadas de acordo com a lista da fauna ameaçada da União Internacional para a Conservação da Natureza, em nível mundial (IUCN, 2020); em nível nacional, de acordo com a Lista de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção – Portaria Nº 444 de dezembro de 2014, Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2014); e em nível estadual, de acordo com a Deliberação Normativa COPAM nº 147, de 2010, Conselho Estadual de Política Ambiental (COPAM, 2010) para o estado de Minas Gerais; Portaria SEMA Nº 37 DE 15 DE AGOSTO DE 2017, Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA, 2017) para o estado da Bahia e o Decreto nº 1499-R de 13 de junho de 2005, Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA, 2005) para o estado do Espírito Santo.

A importância econômica foi estabelecida em decorrência da utilização das espécies pela população local e sua interatividade, através de dados obtidos na literatura específica, conhecimento empíricos e observações pessoais. As espécies foram relacionadas como espécies cinegéticas, preteridas pelo tráfico de animais silvestres, com potencialidades farmacológicas e de importância para a saúde.

A importância ecológica das espécies da herpetofauna registrada para este diagnóstico foi dada através das espécies potencialmente bioindicadoras de qualidade ambiental, sendo elencadas para tal as espécies que se enquadram nos critérios de Espécies ameaçadas de extinção e/ou Espécies endêmicas, além daquelas espécies que apresentam características mais sensíveis a alterações ambientais, tais como as espécies que apresentam as classificações de espécies preferencialmente ocorrentes em ambientes florestais.

4.4.3.7.2.3 *Dados secundários*

Os dados secundários foram obtidos por meio de pesquisa documental realizada em busca de informações a respeito da Herpetofauna local, com consultas em periódicos, livros, dissertações, teses e outras publicações como Estudos Ambientais (EIA, RAS e outros documentos). A pesquisa bibliográfica foi feita a partir da seleção, fichamento e arquivamento dos tópicos de interesse para a investigação, objetivando conhecer o estado da arte do material concernente à Herpetofauna.

Foram consideradas como espécies de provável ocorrência, apenas registros identificados em nível de espécie, e/ou com ocorrência ou distribuição para as localidades próximas às áreas de estudo. Para compor os dados secundários foram compilados os dados de estudos realizados em até 100 km de distância do traçado da LT (Quadro 4-6).

Quadro 4-6: Lista das fontes de dados secundários utilizados para caracterizar a composição da Herpetofauna regional na Área de Estudo (AE) do empreendimento.

Nº	REFERÊNCIA	MUNICÍPIO	ESTADO	RIQUEZA
1	Dossel, 2019	Cruz das Almas, Sapeaçu, Castro Alves, Conceição do Almeida, Santo Antônio de Jesus, Varzedo, São Miguel das Matas, Amargosa, Laje, Jiquiriçá, Mutuípe, Ubaíra, Santa Inês, Cravolândia, Itaquara, Wenceslau Guimarães, Jaguaquara, Jequié, Jitaúna, Manoel Vitorino, Boa Nova, Bom Jesus da Serra e Poções*	Bahia	23
2	Silva <i>et al.</i> , 2013	Jequié	Bahia	38
3	Ambientare, 2018	Poções, Planalto, Caatíba, Itambé, Macarani, Jordânia, Bandeira, Almenara, Jequitinhonha, Felisburgo, Joáima, Monte Formoso, Ponto dos Volantes e Padre Paraíso	Bahia e Minas Gerais	40
4	Bérnils <i>et al.</i> , 2014	Linhares	Espírito Santo	49
5	Rocha, 2014	Sooretama e Linhares	Espírito Santo	21
6	Tonini <i>et al.</i> , 2010	Cariacica	Espírito Santo	62
7	Rolim <i>et al.</i> , 2016	Linhares	Espírito Santo	56
8	Betzel, 2019	Colatina	Espírito Santo	18

*Utilizados apenas dados dos municípios a menos de 100 km do traçado do empreendimento.

4.4.3.7.3 Resultados e discussão

4.4.3.7.3.1 Espécies de potencial ocorrência (dados secundários)

A compilação de dados secundários, com base nos oito trabalhos encontrados, indicou a ocorrência potencial de 175 espécies para a região onde o empreendimento será implementado, sendo 97 espécies pertencentes a Classe Amphibia e 78 a Classe Reptilia. Estas encontram-se distribuídas em cinco Ordens (Anura, Gymnophiona, Testudines, Crocodylia e Squamata) e 32 famílias.

Em relação a distribuição das espécies de provável ocorrência, 34 espécies são consideradas endêmicas da Mata Atlântica (HADDAD, *et al.*, 2008), sendo 20 pertencentes ao grupo dos anfíbios e 14 ao grupo dos répteis; duas espécies são consideradas endêmicas do bioma Cerrado (COLLI *et al.*, 2002; NOGUEIRA *et al.*, 2009; 2011; VALDUJO *et al.*, 2012), as duas representante do grupo dos répteis; e duas espécies consideradas endêmicas da Caatinga (SILVA *et al.*, 2017), sendo uma espécie representante do grupo dos anfíbios e outra do grupo dos répteis. Outra espécie merece destaque por se tratar de uma espécie exótica, a lagartixa-de-parede, *Hemidactylus mabouia*.

No que se refere ao status de conservação, quatro espécies são apontadas como ameaçadas de extinção em nível mundial (IUCN, 2021), duas espécies de anfíbios, *Euparkerella tridactyla* e *Dasypops schirchi* e duas espécies de répteis, *Chelonoidis denticulatus* e *Hydromedusa maximiliani*, todas elas classificadas na categoria Vulnerável – VU. Ainda de acordo com a IUCN, outras três espécies são classificadas como Quase Ameaçadas – NT, ou seja, não são consideradas espécies ameaçadas de extinção mais se encontram próximas de atender aos critérios para ameaça de extinção caso nenhuma medida seja tomada, são elas: *Ischnocnema oea*, *Aplastodiscus cavicola* e *Acanthochelys radiolata*. Já em nível nacional (MMA, 2014) nenhuma espécie é considerada ameaçada de extinção. Para as listas estaduais, uma espécie é considerada ameaçada no estado de Minas Gerais, *Hydromedusa maximiliani*, apresentando status Vulnerável – VU (COPAM, 2010), sete são consideradas ameaçadas no estado da Bahia (SEMA, 2017), sendo o anfíbio *Ischnocnema verrucosa* e os répteis *Hydromedusa maximiliani*, *Gymnodactylus vanzolinii*, *Caaeteboia amarali*, *Oxyrhopus formosus* e *Bothrops jararacussu*, apresentando status Em Perigo - EM e a serpente *Lachesis muta* com status Vulnerável – VU e duas espécies estão presentes na lista de espécies ameaçadas do estado do Espírito Santo (IEMA, 2005), sendo o anfíbio *Phasmahyla exilis* classificado na categoria Em Perigo – EM e o quelônio *Hydromedusa maximiliani* na categoria Vulnerável – VU (Quadro 4-7).

Quadro 4-7: Lista da herpetofauna de provável ocorrência para a região do empreendimento.

TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	STATUS DE AMEAÇA					DIST.	RR, IC, CN, PI, RE	FONTE
			MMA	IUCN	ES	MG	BA			
AMPHIBIA										
ANURA										
BRACHYCEPHALIDAE										
<i>Ischnocnema guentheri</i>	(Steindachner, 1864)	sapo							6	
<i>Ischnocnema oea</i>	(Heyer, 1984)	sapo		NT					6	
<i>Ischnocnema verrucosa</i>	(Reinhardt & Lütken, 1862)	sapo					EM		6	
BUFONIDAE										
<i>Rhinella crucifer</i>	(Wied, 1821) Rhinella crucifer (Wied, 1821)	sapo							5,6,7	
<i>Rhinella diptycha</i>	(Cope, 1862)	sapo-cururu							3,7,8	
<i>Rhinella granulosa</i>	(Spix, 1824) Rhinella granulosa (Spix, 1824)	cururuzinho							2,3,6,7,8	
<i>Rhinella hoogmoedi</i>	Caramaschi & Pombal, 2006 Rhinella hoogmoedi Caramaschi & Pombal, 2006	sapo							7	
<i>Rhinella jimi</i>	(Stevaux, 2002)	sapo-cururu							2,3	
CERATOPHRYIDAE										
<i>Ceratophrys aurita</i>	(Raddi, 1823)	sapo							7	
CRAUGASTORIDAE										
Craugastorinae										
<i>Haddadus aramunha</i>	(Cassimiro, Verdade & Rodrigues, 2008)	rã					CA		2	
<i>Haddadus binotatus</i>	(Spix, 1824)	rã							1,3,6	
Holoadeninae										
<i>Euparkerella tridactyla</i>	Izecksohn, 1988	sapo		VU					6	
CYCLORAMPHIDAE										
<i>Thoropa miliaris</i>	(Spix, 1824)	sapo					MA		3,6,8	
<i>Zachaeus carvalhoi</i>	Izecksohn, 1983	sapo							6	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	STATUS DE AMEAÇA					DIST.	RR, IC, CN, PI, RE	FONTE
			MMA	IUCN	ES	MG	BA			
HYLIDAE										
<i>Aparasphenodon brunoi</i>	Miranda-Ribeiro, 1920	sapo							7	
<i>Aplastodiscus cavicola</i>	(Cruz & Peixoto, 1985)	sapo		NT					1,3,6	
<i>Boana albomarginata</i>	(Spix, 1824)	perereca					MA		6,7	
<i>Boana albopunctata</i>	(Spix, 1824)	perereca							3,6	
<i>Boana crepitans</i>	(Wied, 1824)	perereca							1,2,3	
<i>Boana faber</i>	(Wied, 1821)	sapo-martelo					MA		2,3,6,7,8	
<i>Boana pardalis</i>	(Spix, 1824)	perereca					MA		6	
<i>Boana pombali</i>	(Caramaschi, Pimenta & Feio, 2004)	perereca							7	
<i>Boana semilineata</i>	(Spix, 1824)	perereca					MA		5,6,7	
<i>Bokermannohyla caramaschii</i>	(Napoli, 2005)	perereca							6	
<i>Dendropsophus anceps</i>	(A. Lutz, 1929)	perereca							7,8	
<i>Dendropsophus berthalutzae</i>	(Bokermann, 1962)	perereca					MA		7	
<i>Dendropsophus bipunctatus</i>	(Spix, 1824)	perereca							2,6,7	
<i>Dendropsophus branneri</i>	(Cochran, 1948)	perereca							1,2,3,6,7	
<i>Dendropsophus decipiens</i>	(A. Lutz, 1925)	perereca							4	
<i>Dendropsophus elegans</i>	(Wied, 1824)	perereca					MA		2,3,5,6,7,8	
<i>Dendropsophus giesleri</i>	(Mertens, 1950)	perereca							7	
<i>Dendropsophus haddadi</i>	(Bastos & Pombal, 1996)	perereca					MA		7	
<i>Dendropsophus minutus</i>	(Peters, 1872)	perereca							2,3,6,7	
<i>Dendropsophus novaisi</i>	(Bokermann, 1968)	perereca							1,2	
<i>Dendropsophus oliveirai</i>	(Bokermann, 1963)	perereca					MA		1,2	
<i>Dendropsophus seniculus</i>	(Cope, 1868)	perereca							6,7	
<i>Itapotihyla langsdorffii</i>	(Duméril & Bibron, 1841)	perereca							7	
<i>Ololygon agilis</i>	(Cruz & Peixoto, 1983)	perereca							7	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	STATUS DE AMEAÇA					DIST.	RR, IC, CN, PI, RE	FONTE
			MMA	IUCN	ES	MG	BA			
<i>Ololygon argyreornata</i>	(Miranda-Ribeiro, 1926)	perereca							6,7,8	
<i>Ololygon heyeri</i>	Peixoto & Weygoldt, 1986	perereca							6	
<i>Ololygon humilis</i>	(A.Lutz & B. Lutz in B. Lutz, 1954)	perereca							6	
<i>Ololygon kautskyi</i>	Carvalho-e-Silva & Peixoto, 1991	perereca							6	
<i>Phyllodytes kautskyi</i>	Peixoto & Cruz, 1988	perereca							7	
<i>Phyllodytes luteolus</i>	(Wied, 1824)	perereca							7	
<i>Pseudis fusca</i>	Garman, 1883	perereca					MA		7,8	
<i>Scinax alter</i>	(B. Lutz, 1973)	perereca					MA		6,7,8	
<i>Scinax camposseabrai</i>	(Bokermann, 1968)	perereca								
<i>Scinax cuspidatus</i>	(A. Lutz, 1925)	perereca					MA		7	
<i>Scinax eurydice</i>	(Bokermann, 1968)	perereca					MA		2,7,8	
<i>Scinax fuscovarius</i>	(A. Lutz, 1925)	perereca-rapa-cuia							1,3,6,7	
<i>Scinax hayii</i>	(Barbour, 1909)	perereca							6	
<i>Scinax pachycrus</i>	(Miranda-Ribeiro, 1937)	perereca							2,3	
<i>Scinax x-signatus</i>	(Spix, 1824)	perereca							1,2	
<i>Sphaenorhynchus palustris</i>	Bokermann, 1966	sapo							7	
<i>Sphaenorhynchus pauloalvini</i>	Bokermann, 1973	sapo							7	
<i>Sphaenorhynchus planicola</i>	(A. Lutz & B. Lutz, 1938)	sapo							7	
<i>Sphaenorhynchus prasinus</i>	Bokermann, 1973	sapo							2,7,8	
<i>Trachycephalus atlas</i>	Bokermann, 1966	perereca-babenta							1,2,3	
<i>Trachycephalus mesophaeus</i>	(Hensel, 1867)	perereca-babenta					MA		5,7	
HYLODIDAE										
<i>Crossodactylus gaudichaudii</i>	Duméril & Bibron, 1841	sapo							6	
<i>Hylodes lateristrigatus</i>	(Baumann, 1912)	sapo					MA		6	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	STATUS DE AMEAÇA					DIST.	RR, IC, CN, PI, RE	FONTE
			MMA	IUCN	ES	MG	BA			
LEPTODACTYLIDAE										
Leiuperinae										
<i>Physalaemus aguirrei</i>	Bokermann, 1966	sapo							7	
<i>Physalaemus cicada</i>	Bokermann, 1966	sapo							2	
<i>Physalaemus crombiei</i>	Heyer & Wolf, 1989	sapo							6,7	
<i>Physalaemus cuvieri</i>	Fitzinger, 1826	sapo-cachorro							3	
<i>Physalaemus kroyeri</i>	(Reinhardt & Lütken, 1862)	sapo							1,2,3	
<i>Physalaemus obtectus</i>	Bokermann, 1966	sapo							7	
<i>Physalaemus signifer</i>	(Girard, 1853)	sapo							7	
<i>Pleurodema diplolister</i>	(Peters, 1870)	cubaca							2	
Leptodactylinae										
<i>Adenomera thomei</i>	(Almeida & Ângulo, 2006)	sapinho							1,7	
<i>Leptodactylus cupreus</i>	Caramaschi, Feio & São-Pedro, 2008	sapo							6,7	
<i>Leptodactylus fuscus</i>	(Schneider, 1799)	rã-assobiadeira							1,2,5,7,8	
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	(Spix, 1824)	rã-pimenta						Cn	3	
<i>Leptodactylus latrans</i>	(Steffen, 1815)	rã-manteiga						Cn	1,2,3,6,7,8	
<i>Leptodactylus mystacinus</i>	(Burmeister, 1861)	rã-de-bigode							1,2,7	
<i>Leptodactylus natalensis</i>	A. Lutz, 1930	sapo							7	
<i>Leptodactylus spixi</i>	Heyer, 1983	sapo					MA		7	
<i>Leptodactylus troglodytes</i>	A. Lutz, 1926	sapo							1,2	
<i>Leptodactylus vastus</i>	A. Lutz, 1930	sapo						Cn	1,2	
MICROHYLIDAE										
Gastrophryinae										
<i>Arcovomer passarellii</i>	Carvalho, 1954	sapo							7	
<i>Chiasmocleis capixaba</i>	Cruz, Caramaschi & Izecksohn, 1997	sapo							6,7,8	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	STATUS DE AMEAÇA					DIST.	RR, IC, CN, PI, RE	FONTE
			MMA	IUCN	ES	MG	BA			
<i>Chiasmocleis carvalhoi</i>	(Nelson, 1975)	sapo							6	
<i>Chiasmocleis quilombola</i>	Tonini, Forlani & Sá, 2014	sapo							7	
<i>Chiasmocleis schubarti</i>	Bokermann, 1952	sapo							2,6,7,8	
<i>Dasypops schirchi</i>	Miranda-Ribeiro, 1924	sapo		VU					7	
<i>Dermatonotus muelleri</i>	(Boettger, 1885)	sapo-mole							2	
<i>Myersiella microps</i>	(Duméril & Bibron, 1841)	sapo					MA		7	
<i>Stereocyclops incrassatus</i>	Cope, 1870	sapo							7	
ODONTOPHRYNIDAE										
<i>Odontophrynus carvalhoi</i>	Savage & Cei, 1965	sapo							2,3	
<i>Proceratophrys boiei</i>	(Wied, 1824)	sapo-folha					MA		3	
<i>Proceratophrys laticeps</i>	Izecksohn & Peixoto, 1981	sapo-folha							6,7	
<i>Proceratophrys schirchi</i>	(Miranda-Ribeiro, 1937)	sapo-folha							3	
PHYLLOMEDUSIDAE										
<i>Phasmahyla exilis</i>	(Cruz, 1980)	perereca-macaco			EM				6	
<i>Phyllomedusa bahiana</i>	A. Lutz, 1925	perereca-macaco					MA		2,7	
<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	Boulenger, 1882	perereca-macaco					MA		3,6,7	
<i>Pithecopus nordestinus</i>	(Caramaschi, 2006)	perereca-verde							1,2	
GYMNOPHIONA										
SIPHONOPIDAE										
<i>Siphonops annulatus</i>	(Mikan, 1820)	cecilia							2,6	
REPITILIA										
TESTUDINES										
Cryptodira										
Testudinoidea										

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	STATUS DE AMEAÇA					DIST.	RR, IC, CN, PI, RE	FONTE
			MMA	IUCN	ES	MG	BA			
GEOEMYDIDAE										
Rhinoclemmydinae										
<i>Rhinoclemmys punctularia punctularia</i>	(Daudin, 1801)	cágado							4	
TESTUDINIDAE										
<i>Chelonoidis carbonarius</i>	(Spix, 1824)	jabuti							4	
<i>Chelonoidis denticulatus</i>	(Linnaeus, 1766)	jabuti		VU					4	
Pleurodira										
CHELIDAE										
Chelinae										
<i>Acanthochelys radiolata</i>	(Mikan, 1820)	cágado		NT					4	
Hydromedusinae										
<i>Hydromedusa maximiliani</i>	(Mikan, 1825)	cágado		VU	VU	VU	EM		6	
CROCODYLIA										
ALLIGATORIDAE										
Caimaninae										
<i>Caiman latirostris</i>	(Daudin, 1801)	jacaré-do-papo-amarelo						Cn, IC	4,8	
SQUAMATA										
Gekkota										
GEKKONIDAE										
<i>Hemidactylus mabouia</i>	(Moreau de Jonnés, 1818)	lagartixa-de-parede						EX, PI	4	
PHYLLODACTYLIDAE										
<i>Gymnodactylus darwinii</i>	(Gray, 1845)	lagartixa							6	
<i>Gymnodactylus geckoides</i>	Spix, 1825	lagartixa							3	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	STATUS DE AMEAÇA					DIST.	RR, IC, CN, PI, RE	FONTE
			MMA	IUCN	ES	MG	BA			
<i>Gymnodactylus vanzolinii</i>	Cassimiro & Rodrigues, 2009	lagartixa					EM	CA		4
<i>Phyllopezus pollicaris</i>	(Spix, 1825)	lagartixa								2,3
Scinciformata										
Lygosomoidea										
MABUYIDAE										
Mabuyinae										
<i>Brasiliscincus agilis</i>	(Raddi, 1823)	calango-liso								4
<i>Brasiliscincus heathi</i>	(Schmidt & Inger, 1951)	calango-liso								1,2
<i>Copeoglossum nigropunctatum</i>	(Spix, 1825)	calango-liso								3
<i>Psychosaura macrorhyncha</i>	(Hoge, 1947)	calango-liso								4,6
Iguania										
Pleurodonta										
DACTYLOIDAE										
<i>Dactyloa punctata</i>	(Daudin, 1802)	papa-vento								4,6
<i>Norops fuscoauratus</i>	(D'Orbigny, 1837 in Duméril & Bibron, 1837)	papa-vento								4
<i>Norops ortonii</i>	(Cope, 1868)	papa-vento								4
IGUANIDAE										
<i>Iguana iguana iguana</i>	(Linnaeus, 1758)	iguana								3
LEIOSAURIDAE										
Enyaliinae										
<i>Enyalius bilineatus</i>	Duméril & Bibron, 1837	lagarto						CE		3
<i>Enyalius brasiliensis</i>	(Lesson, 1828)	lagarto								6
<i>Enyalius catenatus</i>	(Wied, 1821)	lagarto								3
<i>Enyalius pictus</i>	(Schinz, 1822)	lagarto								4
POLYCHROTIDAE										

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	STATUS DE AMEAÇA					DIST.	RR, IC, CN, PI, RE	FONTE
			MMA	IUCN	ES	MG	BA			
<i>Polychrus marmoratus</i>	(Linnaeus, 1758)	lagarto							4	
TROPIDURIDAE										
<i>Tropidurus hispidus</i>	(Spix, 1825)	calango							1	
<i>Tropidurus semitaeniatus</i>	(Spix, 1825)	calango							1,2	
<i>Tropidurus torquatus</i>	(Wied, 1820)	calango-de-muro							3,4,6	
Anguimorpha										
ANGUIDAE										
Diploglossinae										
<i>Diploglossus fasciatus</i>	(Gray, 1831)	lagarto							6	
<i>Ophiodes striatus</i>	(Spix, 1825)	cobra-de-vidro					MA		6	
Lacertiformes										
Teiioidea										
GYMNOPHTHALMIDAE										
Gymnophthalminae										
Heterodactylini										
<i>Heterodactylus imbricatus</i>	Spix, 1825	lagarto							4,5	
Cercosaurinae										
Eclipsepodini										
<i>Eclipseopus gaudichaudii</i>	Duméril & Bibron, 1839	lagarto					MA		4,5	
<i>Leposoma scincoides</i>	Spix, 1825	lagarto							4,6	
TEIIDAE										
Teiinae										
<i>Ameiva ameiva ameiva</i>	(Linnaeus, 1758)	bico-doce							4	
<i>Ameivula ocellifera</i>	(Spix, 1825)	calango-verde							1,2,3	
<i>Kentropyx calcarata</i>	Spix, 1825	calango							5	

TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	STATUS DE AMEAÇA					DIST.	RR, IC, CN, PI, RE	FONTE
			MMA	IUCN	ES	MG	BA			
Tupinambinae										
<i>Salvator duseni</i>	(Lönnberg in Lönnberg & Andersson, 1910)	teiú						CE	Cn	3,4
<i>Salvator merianae</i>	Duméril & Bibron, 1839	teiú							Cn	2,3,5,6
Serpentes										
Afrophidia/Henophidia										
BOIDAE										
<i>Boa constrictor constrictor</i>	Linnaeus, 1758	jiboia								4,6
<i>Corallus hortulanus</i>	(Linnaeus, 1758)	cobra								3,4
<i>Epicrates cenchria</i>	(Linnaeus, 1758)	salamanta								4,5
Caenophidia										
COLUBRIDAE										
<i>Chironius bicarinatus</i>	(Wied, 1820)	cobra						MA		4,6
<i>Chironius exoletus</i>	(Linnaeus, 1758)	cobra						MA		4
<i>Chironius foveatus</i>	Bailey, 1955	cobra						MA		4
<i>Chironius fuscus</i>	(Linnaeus, 1758)	cobra						MA		4
<i>Chironius laevicollis</i>	(Wied, 1824)	cobra						MA		4
<i>Drymoluber dichrous</i>	(Peters, 1863)	cobra								4
<i>Leptophis ahaetulla liocercus</i>	(Wied, 1824)	cobra								4
<i>Oxybelis aeneus</i>	(Wagler in Spix, 1824)	cobra-cipó								4
<i>Spilotes sulphureus poecilostoma</i>	(Wied, 1824)	cobra								4
DIPSADIDAE										
Dipsadinae										
Dipsadini										
<i>Dipsas albifrons</i>	(Sauvage, 1884)	cobra-cipó						MA		4,5
<i>Dipsas catesbyi</i>	(Sentzen, 1796)	cobra								6

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	STATUS DE AMEAÇA					DIST.	RR, IC, CN, PI, RE	FONTE
			MMA	IUCN	ES	MG	BA			
<i>Dipsas incerta</i>	(Jan, 1863)	cobra							6	
<i>Dipsas indica indica</i>	Laurenti, 1768	cobra							5	
<i>Dipsas indica petersi</i>	Hoge & Romano, 1976*	cobra-cipó							4	
<i>Sibynomorphus neuwiedi</i>	(Ihering, 1911)	dormideira					MA		5	
Imantodini										
<i>Leptodeira annulata annulata</i>	(Linnaeus, 1758)	cobra-cipó							4	
Xenodontinae										
Caaeteboiini										
<i>Caaeteboa amarali</i>	(Wettstein, 1930)	cobra					EM		4	
Echinantherini										
<i>Taeniophallus bilineatus</i>	(Fischer, 1885)	cobra					MA		6	
Elapomorphini										
<i>Elapomorphus wuchereri</i>	Günther, 1861	cobra							3,4,5	
Philodryadini										
<i>Philodryas olfersii</i>	(Liechtenstein, 1823)	cobra-verde							1,2,4	
Pseudoboini										
<i>Oxyrhopus formosus</i>	(Wied, 1820)	coral-falsa					EM		4,6	
<i>Oxyrhopus petolarius digitalis</i>	(Reuss, 1834)	coral-falsa							4,5	
<i>Pseudoboa nigra</i>	(Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	mussurana							3,5	
<i>Siphlophis compressus</i>	(Daudin, 1803)	cobra							5	
Tachymenini										
<i>Thamnodynastes nattereri</i>	(Mikan, 1828)	cobra							3	
Xenodontini										
<i>Erythrolamprus aesculapii aesculapii</i>	(Linnaeus, 1766)	coral-falsa							4	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	STATUS DE AMEAÇA					DIST.	RR, IC, CN, PI, RE	FONTE
			MMA	IUCN	ES	MG	BA			
<i>Erythrolamprus miliaris miliaris</i>	(Linnaeus, 1758)	cobra							4,5	
<i>Erythrolamprus poecilogyrus poecilogyrus</i>	(Wied, 1824)	cobra							4,6	
<i>Erythrolamprus reginae semilineatus</i>	(Wagler in Spix, 1824)	cobra							4,6	
<i>Xenodon merremii</i>	(Wagler in Spix, 1824)	boipeva							3,4	
<i>Xenodon neuwiedii</i>	Günther, 1863	boipeva					MA		6	
ELAPIDAE										
Elapinae										
<i>Micrurus corallinus</i>	(Merrem, 1820)	coral-verdadeira						MA	IC	3,4,5,6
<i>Micrurus ibiboboca</i>	(Merrem, 1820)	coral-verdadeira							IC	5
VIPERIDAE										
Crotalinae										
<i>Bothrops erythromelas</i>	Amaral, 1923	jararaca							IC	1,2
<i>Bothrops jararaca</i>	(Wied, 1824)	jararaca						MA	IC	3,5,6
<i>Bothrops jararacussu</i>	Lacerda, 1884	jararacuçu					EM	MA	IC	6
<i>Crotalus durissus cascavella</i>	Wagler in Spix, 1824	cascavel							IC	3
<i>Lachesis muta</i>	(Linnaeus, 1766)	surucucu					VU		IC	4

Status de Ameaça: MMA – MMA, 2014, IUCN – IUCN, 2020, ES – IEMA, 2005, MG – COPAM, 2010, BA – SEMA, 2017; Dist. (distribuição): CA – endêmica da Caatinga (SILVA, 2017), MA – endêmica da Mata Atlântica (HADDAD, 2013), CE – endêmica do Cerrado (COLLI *et al.*, 2002, VALDUJO, 2012), EX – espécie exótica; RR, IC, CN, PI, RE (espécies raras, de importância econômica, cinegéticas, potencialmente invasoras e de risco epidemiológico): RR – rara, IC – importância econômica, CN – cinegética, PI – potencialmente invasora, RE – Risco epidemiológico; Fonte: 1 – DOSSEL, 2019, 2 – SILVA *et al.*, 2013, 3 – AMBIENTARE, 2018, 4 – BÉRNILS *et al.*, 2014, 5 – ROCHA, 2014, 6 – TONINI *et al.*, 2010, 7 – ROLIM *et al.*, 2016, 8 – BETZEL, 2019.

4.4.3.7.3.2 Dados primários

A 1ª campanha de coleta de dados, referente ao período seco, ocorreu entre os dias 08 e 28 de julho de 2021 e apresentou um total de 448 indivíduos registrados de 38 espécies, sendo 28 espécies pertencentes ao grupo dos anfíbios e 10 espécies pertencentes ao grupo dos répteis. As espécies estão distribuídas em duas Classes (Amphibia e Reptilia), três Ordens (Anura, Crocodylia e Squamata) e 13 famílias (Bufonidae, Craugastoridae, Cycloramphidae, Hylidae, Leptodactylidae, Odontophrynidae, Alligatoridae, Phyllodactylidae, Leiosauridae, Anguidae, Teiidae, Dipsadidae e Viperidae).

Dentre as espécies registradas em campo, 10 delas não são listadas nos dados secundários, ou seja, são espécies consideradas novas para a região. São elas: os anfíbios *Dendropsophus pseudomeridianus*, *Scinax crospedospilus*, *Sphaenorhynchus mirim*, *Physalaemus erikae*, *Physalaemus lisei*, *Leptodactylus macrosternum* e *Proceratophrys renalis* e os répteis *Enyalius bibronii*, *Oxyrhopus trigeminus* e *Bothrops leucurus*. Portanto, excetuando as espécies consideradas novas para a região, as 28 espécies registradas representam 16% das espécies de provável ocorrência para a região (Quadro 4-8).

Quadro 4-8: Lista de espécies de ocorrência comprovada do grupo Herpetofauna, dados primários.

TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	MMA	IUCN	CITES	MG	BA	ES	DIST.	HÁBITAT	N	REGISTRO	IMP. ECON	IMP. ECOL
AMPHIBIA														
ANURA														
BUFONIDAE														
<i>Rhinella crucifer</i>	(Wied, 1821) <i>Rhinella crucifer</i> (Wied, 1821)	sapo								AF	1 1	AIQ, PLT	Fc	
<i>Rhinella diptycha</i>	(Cope, 1862)	sapo-cururu								A	2	PLT	Fc	
<i>Rhinella granulosa</i>	(Spix, 1824) <i>Rhinella granulosa</i> (Spix, 1824)	sapo								A	3	PLT	Fc	
CRAUGASTORIDAE														
Craugastorinae														
<i>Haddadus binotatus</i>	(Spix, 1824)	sapo								F	1	AIQ	Fc	1,2
CYCLORAMPHIDAE														
<i>Thoropa miliaris</i>	(Spix, 1824)	sapo							MA	F	6	AIQ, PLT	Fc	2
HYLIDAE														
<i>Boana albopunctata</i>	(Spix, 1824)	perereca								A	3 5	PLT	Fc	
<i>Boana crepitans</i>	(Wied, 1824)	perereca								A	2 6	PLT	Fc	
<i>Boana faber</i>	(Wied, 1821)	perereca							MA	A	2	PLT	Fc	1
<i>Boana pardalis</i>	(Spix, 1824)	perereca							MA	AF	3	PLT	Fc	1
<i>Boana pombali</i>	(Caramaschi, Pimenta & Feio, 2004)	perereca								F	1	PLT	Fc	2
<i>Boana semilineata</i>	(Spix, 1824)	perereca							MA	F	7 2	PLT	Fc	1,2
<i>Dendropsophus anceps</i>	(A. Lutz, 1929)	perereca								A	1	PLT	Fc	
<i>Dendropsophus decipiens</i>	(A. Lutz, 1925)	perereca								AF	9	PLT	Fc	
<i>Dendropsophus pseudomeridianus</i>	(Cruz, Caramaschi & Dias, 2000)	perereca								A	5 6	PLT	Fc	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	MMA	IUCN	CITES	MG	BA	ES	DIST.	HÁBITAT	N	REGISTRO	IMP. ECON	IMP. ECOL
<i>Oloolygon kautskyi</i>	Carvalho-e-Silva & Peixoto, 1991	perereca								F	1 4	PLT	Fc	2
<i>Scinax alter</i>	(B. Lutz, 1973)	perereca							MA	A	1	PLT	Fc	1
<i>Scinax crospedospilus</i>	(A. Lutz, 1925)	perereca							MA	A	4 9	PLT	Fc	1
<i>Scinax cuspidatus</i>	(A. Lutz, 1925)	perereca							MA	A	3	PLT	Fc	1
<i>Scinax eurydice</i>	(Bokermann, 1968)	perereca							MA	A	6	PLT	Fc	1
<i>Sphaenorhynchus mirim</i>	Caramaschi, Almeida & Gasparini, 2009	sapo								A	1 9	PLT	Fc	
<i>Sphaenorhynchus planicola</i>	(A. Lutz & B. Lutz, 1938)	sapo								AF	3	PLT	Fc	
LEPTODACTYLIDAE														
Leiuperinae														
<i>Physalaemus aguirrei</i>	Bokermann, 1966	sapo								F	5	AIQ, PLT	Fc	2
<i>Physalaemus erikae</i>	Cruz & Pimenta, 2004	sapo								AF	1 9	AIQ, PLT	Fc	
<i>Physalaemus sp</i>		sapo								AF	6	PLT	Fc	
Leptodactylinae														
<i>Leptodactylus fuscus</i>	(Schneider, 1799)	rã-assobiadeira								A	1	PLT	Fc	
<i>Leptodactylus latrans</i>	(Steffen, 1815)	rã-manteiga								A	6	PLT	Fc	
<i>Leptodactylus macrosternum</i>	Miranda-Ribeiro, 1926	rã								AF	2 0	PLT	Fc	
ODONTOPHRYNIDAE														
<i>Proceratophrys renalis</i>	(Miranda-Ribeiro, 1920)	sapo								F	2	AIQ	Fc	2
REPITILIA														
CROCODYLIA														
ALLIGATORIDAE														
Caimaninae														
<i>Caiman latirostris</i>	(Daudin, 1801)	jacaré-do-papo-amarelo			II					A	5 1	PLT	Cn	

TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	MMA	IUCN	CITES	MG	BA	ES	DIST.	HÁBITAT	N	REGISTRO	IMP. ECON	IMP. ECOL
SQUAMATA														
Gekkota														
PHYLLODACTYLIDAE														
<i>Gymnodactylus darwini</i>	(Gray, 1845)	lagartixa								AF	2	PLT		
Iguania														
Pleurodonta														
LEIOSAURIDAE														
Enyaliinae														
<i>Enyalius bibronii</i>	Boulenger, 1885	lagarto								F	2	PLT		2
Anguimorpha														
ANGUIDAE														
Diploglossinae														
<i>Diploglossus fasciatus</i>	(Gray, 1831)	lagarto								F	1	MC		2
Lacertiformes														
Teiioidea														
TEIIDAE														
Teiinae														
<i>Ameiva ameiva</i>	(Linnaeus, 1758)	bico-doce								AF	1	PLT		
Serpentes														
Caenophidia														
DIPSADIDAE														
Xenodontinae														
Philodryadini														
<i>Philodryas olfersii</i>	(Liechtenstein, 1823)	cobra-verde								F	1	PLT	Sd	2
Pseudoboini														
<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	Duméril, Bibron & Duméril, 1854	coral-falsa								F	1	MC		2
Tachymenini														

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	AUTOR	NOME COMUM	MMA	IUCN	CITES	MG	BA	ES	DIST.	HÁBITAT	N	REGISTRO	IMP. ECON	IMP. ECOL
<i>Thamnodynastes nattereri</i>	(Cope, 1860)	cobra								AF	1	PLT		
VIPERIDAE														
Crotalinae														
<i>Bothrops leucurus</i>	Wagler in Spix, 1824	jararaca								AF	5	PLT	Tr Fc Sd	
<i>Crotalus durissus</i>	Wagler in Spix, 1824	cascaavel			III					AF	1	PLT	Cn Tr Fc Sd	

Status de Ameaça: MMA – MMA, 2014, IUCN – IUCN, 2020, ES – IEMA, 2005, MG – COPAM, 2010, BA – SEMA, 2017; Dist. (distribuição): CA – endêmica da Caatinga (SILVA, 2017), MA – endêmica da Mata Atlântica (HADDAD, 2013), CE – endêmica do Cerrado (COLLI *et al.*, 2002, VALDUJO, 2012), EX – espécie exótica; Habitat: A – ambientes abertos, F – ambientes florestais, AF – ambientes abertos e florestais; n (abundância); Registro: AIQ – Armadilha de Interceptação e Queda, PLT – Procura Limitada por Tempo, MC – Metodologias complementares; Imp.Econ (importância Econômica): Cn – espécie cinegética, Tr – espécie visada pelo tráfico de animais, FC – interesse farmacológico, Sd – importância para a saúde. Imp.Ecol (bioindicadoras): 1 – espécies ameaçadas e/ou endêmicas, 2 – espécies relacionadas a ambientes florestais.

4.4.3.7.3.2.1 Distribuição

Dentre as 38 espécies registradas em campo, sete são consideradas endêmicas do bioma Mata Atlântica (HADDAD *et al.* 2008), todas pertencentes ao grupo dos anfíbios, são elas: *Thoropa miliaris*, *Boana faber*, *Boana pardalis*, *Boana semilineata*, *Scinax alter*, *Scinax cuspidatus* e *Scinax eurydice*. Não foram registradas em campo espécies endêmicas dos biomas Cerrado e Caatinga.

4.4.3.7.3.2.2 Ambiente preferencial

Quanto a preferência por ambientes, 11 das 38 espécies registradas em campo foram classificadas como espécies típicas de áreas florestadas, ou seja, espécies ocorrentes em ambientes com cobertura vegetal abundante ou no interior das matas: *Haddadus binotatus*, *Thoropa miliaris*, *Boana pombali*, *Boana semilineata*, *Oloolygon kautskyi*, *Physalaemus aguirrei*, *Proceratophrys renalis*, *Enyalius bibronii*, *Diploglossus fasciatus*, *Philodryas olfersii* e *Oxyrhopus trigeminus*. 15 outras espécies foram classificadas como ocorrentes, primordialmente, em áreas abertas, sendo estas: *Rhinella diptycha*, *Rhinella granulosa*, *Boana albopunctata*, *Boana crepitans*, *Boana faber*, *Dendropsophus anceps*, *Dendropsophus pseudomeridianus*, *Scinax alter*, *Scinax crospedospilus*, *Scinax cuspidatus*, *Scinax eurydice*, *Sphaenorhynchus mirim*, *Leptodactylus fuscus*, *Leptodactylus latrans* e *Caiman latirostris*. Espécies mais generalistas quanto a preferência de habitats, ou seja, aquelas que ocorrem tanto em ambientes abertos quanto florestados somaram 12 espécies, a saber: *Rhinella crucifer*, *Boana pardalis*, *Dendropsophus decipiens*, *Sphaenorhynchus planicola*, *Physalaemus erikae*, *Physalaemus sp.*, *Leptodactylus macrosternum*, *Gymnodactylus darwinii*, *Ameiva ameiva*, *Thamnodynastes nattereri*, *Bothrops leucurus* e *Crotalus durissus* (HADDAD *et al.*, 2013).

4.4.3.7.3.2.3 Sazonalidade

Para a Herpetofauna, sua distribuição na paisagem está altamente associada a sazonalidade, que apresenta interferência significativa, sendo a precipitação (AICHINGER, 1987; DUELLMAN, 1978) e a temperatura (HEYER, 1973; BERTOLUCI, 1998; BERTOLUCI; RODRIGUES, 2002) os principais fatores abióticos que afetam os padrões demográficos das comunidades nas regiões tropicais e subtropicais.

Para os anfíbios, os fatores abióticos pluviosidade e temperatura determinam os ciclos reprodutivos (DUELLMAN; TRUEB, 1994), que apresentam maior atividade nos períodos de maiores temperaturas e precipitação (AICHINGER, 1987; GASCON, 1991; ETEROVICK; SAZIMA, 2000; AFONSO; ETEROVICK, 2007). Estudos realizados na Mata Atlântica (BERTOLUCI, 1988; BERTOLUCI; RODRIGUES, 2002; CONTE; MACHADO, 2005; CONTE; ROSSA-FERES, 2006; ZINA *et al.*, 2007) apontam a influência significativa destas variáveis abióticas para a reprodução e ocorrência de anfíbios anuros. Já os répteis, sofrem uma maior influência sobre o fator temperatura, apresentando maiores atividades para os períodos mais quentes.

Espera-se com a realização da próxima campanha que as análises referentes a sazonalidade sejam mais esclarecedoras.

4.4.3.7.3.2.4 Espécies ameaçadas de extinção

Nenhuma espécie da Herpetofauna registrada em campo consta como espécie ameaçada para as listas utilizadas neste estudo; Nacional (MMA, 2014), Internacional (IUCN, 2019) e/ou estaduais (COPAM, 2010; SEMA, 2017; IEMA, 2005).

4.4.3.7.3.2.5 Espécies de importância econômica

As Espécies consideradas de importância econômica são aquelas cinegéticas, visadas pelo tráfico de animais silvestres e/ou espécies de interesse farmacológico ou para a saúde.

Dentre as espécies registradas em campo, apenas duas espécies foram consideradas como cinegéticas, o jacaré *Caiman latirostris* e a cascavel *Crotalus durissus*, por terem sua carne apreciada como item alimentar e seu couro utilizado como produto de fauna (ALVES; GONÇALVES; VIEIRA, 2012). Duas espécies foram consideradas visadas pelo tráfico de animais silvestres, são as serpentes *Bothrops leucurus* (jararaca) e *Crotalus durissus* (cascavel). Quanto a importância para a saúde, além das duas espécies da família Viperidae (*Bothrops leucurus* e *Crotalus durissus*) também é relacionada a espécie de serpente *Philodryas olfersii*, atrelado principalmente, aos acidentes ofídicos. Todas as espécies de anfíbios anuros registradas (28 spp.) são consideradas como de grande potencial farmacológico, devido às toxinas presentes na derme, bem como as duas espécies de serpentes da família Viperidae devido a potencialidade de suas toxinas.

Ainda em relação as espécies de importância econômica, vale ressaltar as espécies presentes nos apêndices da Convenção sobre o Comercio Internacional de espécies Ameaçadas da Fauna e Flora Selvagens (CITES), que elencam as espécies onde o comércio internacional é controlado. Dentre as espécies listadas neste diagnóstico uma espécie é listada no apêndice II, que inclui espécies não necessariamente ameaçadas de extinção, mas que o comércio deve ser controlado para evitar a utilização incompatível com a sua sobrevivência, o jacaré *Caiman latirostris*, e uma espécie é listada no Apêndice III, que apresenta espécies protegidas em pelo menos um dos países cuja assistência foi solicitada para o controle do comércio, a cascavel *Crotalus durissus*.

4.4.3.7.3.2.6 Espécies bioindicadoras

Os Animais bioindicadores são espécies com características que podem ser usadas como um índice para qualidade do ambiente. A capacidade de resposta das espécies aos distúrbios de degradação e fragmentação de ambientes naturais varia em função da tolerância ecológica e reprodutiva no uso dos ambientes degradados (BRANDÃO; ARAÚJO, 2002).

Os anfíbios apresentam particularidades que os tornam ainda mais vulneráveis: a pele altamente permeável e o ciclo de vida “duplo” com a maioria das espécies com uma fase aquática (larval, os girinos) e uma fase terrestre, sensíveis a poluentes no ar e na água; mais sensíveis portanto a perturbações como poluição, desmatamentos, variações climáticas, queimadas e assoreamentos e, portanto, são considerados bons indicadores de qualidade ambiental (BOONE; BRIDGES, 2003; HEYER *et al.*, 1994; REEVES *et al.*, 2017).

Para os répteis, Dias e Rocha (2005), apontam que quanto maior a degradação de uma determinada área, menos espécies de répteis encontram-se associados a elas. Neste sentido, os répteis, de maneira geral, configuram-se como bons elementos para se obter respostas em estudos de qualidade ambiental. Similarmente aos anfíbios, os répteis podem apresentar declínios gerados por processos de degradação ambiental além do fato de muitas espécies do grupo apresentarem especificidade de hábitat, o que, no contexto deste estudo, coloca os como bons bioindicadores (RICKLEFS; COCHRAN; PIANKA, 1981; VITT; PIANKA, 2005; ZAHER *et al.*, 2011).

Neste contexto, dentre as espécies registradas em campo, 17 podem ser consideradas potencialmente bioindicadoras da qualidade ambiental, sendo 13 anfíbios e quatro répteis. São elas: *Haddadus binotatus*, *Thoropa miliaris*, *Boana faber*, *Boana pardalis*, *Boana pombali*, *Boana semilineata*, *Ololygon kautskyi*, *Scinax alter*, *Scinax crospedospilus*, *Scinax cuspidatus*, *Scinax eurydice*, *Physalaemus aguirrei*, *Proceratophrys renalis*, *Enyalius bibronii*, *Diploglossus fasciatus*, *Philodryas olfersii* e *Oxyrhopus trigeminus*.

4.4.3.7.3.2.7 Riqueza e abundância

A riqueza regional (S'), contabilizando dados primários e secundários, foi de 185 espécies, sendo 175 espécies registradas como espécies de provável ocorrência para a região (dados secundários) somadas as 10 espécies registradas em campo (dados primários) consideradas espécies novas para a região.

Quanto a abundância e riqueza local (s'), foram contabilizados 448 indivíduos de 38 espécies. A espécie mais abundante para o estudo foi o anfíbio *Boana semilineata*, com 72 indivíduos registrados, representando 16,07% da amostra. As espécies registradas encontram-se distribuídas em em duas Classes (Amphibia e Reptilia) e a Classe Amphibia foi a mais representativa com 73,68% dos registros. A Ordem mais representativa foi a ordem Anura com 73,68%, seguida da Ordem Squamata com 23,68% e a Ordem Crocodylia com 2,63% de representatividade. Dentre as 13 Famílias registradas, a mais representativa foi a Família Hylidae com 42,10% dos registros.

Em relação as Unidades Amostrais, a U.A. 3 apresentou a maior riqueza e a maior abundância de espécies com sU.A.3'=14 e n= 184. Já a U.A. 2 foi a unidade que apresentou a menor riqueza e a menor abundância com sU.A.2'= 8 e n=20 (Quadro 4-9).

Quadro 4-9: Riqueza e Abundância por Unidade Amostral do grupo Herpetofauna.

PARÂMETRO	UNIDADE AMOSTRAL 1	UNIDADE AMOSTRAL 2	UNIDADE AMOSTRAL 3	UNIDADE AMOSTRAL 4	UNIDADE AMOSTRAL 5	GERAL
Riqueza (S')	10	8	14	13	10	38
Abundância (n)	47	20	184	143	54	448

4.4.3.7.3.2.8 Sucesso metodológico e suficiência amostral

O sucesso de captura foi de 488 registros de 38 espécies. A metodologia Procura Limitada por Tempo – PLT foi responsável pelo maior número de registros, tanto para a abundância, com 434 indivíduos (88,93% da amostra), quanto para a riqueza com 34 espécies (89,47%). O que resultou em um sucesso de 7,23 indivíduos/hora-homem e 0,56 espécies/hora-homem para esta metodologia. Tais resultados corroboram

com o esperado, devido a esta metodologia ser comumente responsável pelo maior sucesso de registros em relação a abundância, por se tratar de metodologia direcionada para a amostragem da anurofauna, grupo que apresenta geralmente os maiores quantitativos de abundância em relação aos demais grupos da Herpetofauna, uma vez que muitas espécies possuem o hábito de se aglomerarem e vocalizarem em sítios reprodutivos, o que facilita sua detectabilidade e o registro dos espécimes. Além deste fator, a procura ativa também proporciona, normalmente, o maior sucesso de registros referente ao número de espécies (riqueza), devido a metodologia abranger uma maior área amostral, com vistorias em diversos microambientes, principalmente relacionado ao registro de répteis. Segundo Heyer e colaboradores (1994), o método “Visual Encounter Surveys” ou Busca Ativa possibilita a amostragem de todas as espécies visíveis, sendo utilizada com eficiência em espécies que habitam ambientes facilmente detectados, com restrições quanto a ambientes fossoriais ou ao dossel da floresta.

Para a metodologia Armadilhas de Interceptação e Queda (AIQ), foram obtidos 12 registros (2,46% da amostra) de seis espécies (15,78%), resultando em um sucesso de 0,05 indivíduos/baldes-dia e 0,025 espécies/baldes-dia. Embora o baixo sucesso, este método é considerado importante para as amostragens do grupo Herpetofauna. Mesmo não sendo considerada comumente como metodologia com maior número de registros, tanto para a riqueza quanto para abundância, trata-se de uma metodologia que possibilita o registro de espécies crípticas e de difícil detectabilidade. Duas espécies registradas, *Haddadus binotatus* e *Proceratophrys renalis*, foram registradas exclusivamente por esta metodologia. Tais espécies apresentam hábitos crípticos, forrageando em tocas e/ou embaixo da serapilheira.

Metodologias complementares, registraram dois indivíduos (0,44%) de duas espécies (5,26% da amostra). O registro da espécie *Diploglossus fasciatus*, ocorreu na U.A. 4 e foi registrado por terceiros e a espécie *Oxyrhopus trigeminus* foi registrada atropelada no deslocamento em direção a U.A. 3. Metodologias complementares são muito eficientes para complementação da listagem de espécies e conhecimento da riqueza regional, principalmente referentes a espécies de serpentes, que possuem baixa abundância e difícil detectabilidade. Estas duas espécies foram registradas apenas por esta metodologia.

Com o objetivo de avaliar a suficiência amostral, foram elaboradas curvas de acúmulo de espécies, as quais permitem inferir o quanto um estudo se aproxima de registrar todas as espécies do local. Segundo CAIN (1938), quanto maior o tamanho da amostra, maior o número de espécies que será encontrado, mas a uma taxa decrescente, até o ponto em que a curva estabiliza e torna-se horizontal. Para as curvas de rarefação apresentadas, a linha verde-escura representa os dados primários (observado), obtidos em campo, enquanto a linha verde-clara representa o estimador de riqueza, neste caso o estimador Jackknife de 1ª Ordem. As curvas foram elaboradas considerando cada dia como uma amostra, sendo quatro dias por Unidade Amostral por campanha, resultando em 20 amostras (Gráfico 4-1).

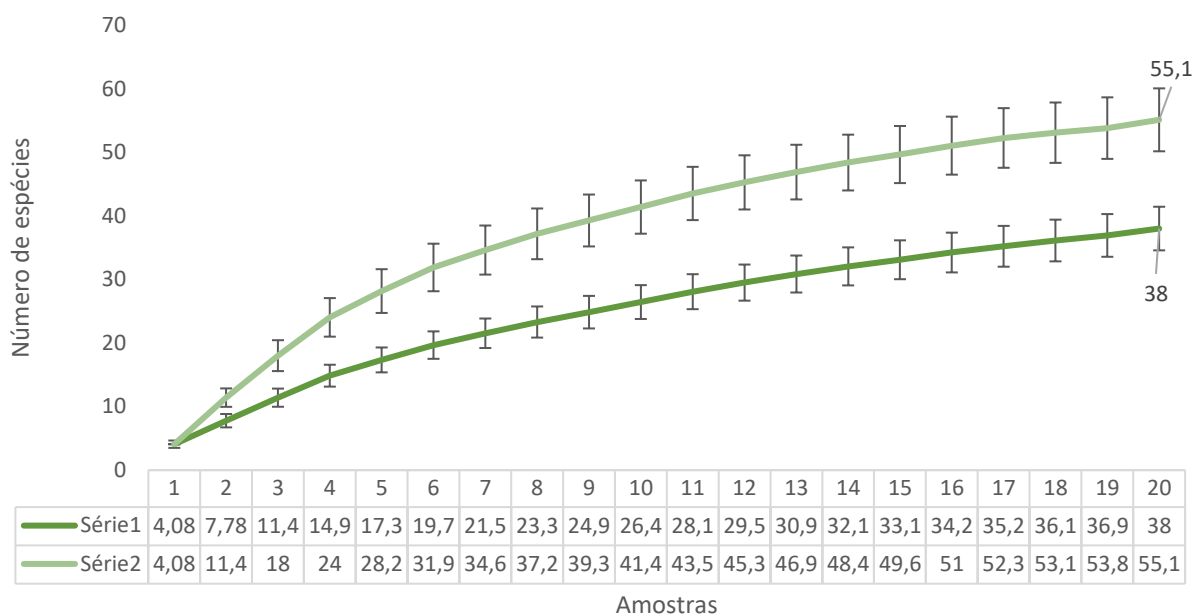


Gráfico 4-1: Curva de Rarefação do grupo Herpetofauna da 1ª campanha amostral. Linha verde-escuro representa a riqueza observada e linha verde-claro representa a riqueza estimada.

De acordo com os resultados obtidos, ambas as curvas se mostraram ascendentes e sem tendência a estabilização, demonstrando que mais espécies podem ser registradas com o emprego de novos esforços amostrais. O esforço despendido durante o levantamento resultou em 68,96% da riqueza esperada para região amostrada de acordo com o estimador de riqueza (Jackknife de 1ª ordem). De toda forma, a não estabilização das curvas de rarefação é um resultado esperado em trabalhos de curta duração para a Herpetofauna, que necessitam de longos períodos de amostragem para se obter curvas estabilizadas (MARTINS; OLIVEIRA, 1998; BERNARDE; ABE, 2006; BERNARDE, 2012).

4.4.3.7.3.2.9 Diversidade

No comparativo entre as Unidades Amostrais, o índice de diversidade de Shannon (H') apontou a U.A. 3 como a área mais diversa, com $H'=2,075$, e de acordo com o índice de Pielou, a unidade amostral mais equilibrada foi a U.A. 5 com $J'=0,8539$. Os índices apontaram diferenças pequenas entre as unidades amostrais e tais fatos podem estar relacionados a diferença de habitats encontrados em cada uma das unidades amostrais, como também o grau de preservação destas áreas.

Considerando todas as unidades amostrais (Geral), o índice de Shannon apontou uma diversidade mediana com $H'=2,828$ ($H'>3,5$ – alta diversidade; $H'<2,5$ – baixa diversidade; $2,5<H'<3,5$ – diversidade mediana). Uma desigualdade nas populações também foi observada com o índice de Pielou indicando $J'=0,7775$ (Gráfico 4-1).

Quadro 4-10: Parâmetros de Diversidade e Equitabilidade do grupo Herpetofauna para os Unidades Amostrais.

PARÂMETROS/ÁREA	U.A. 1	U.A. 2	U.A. 3	U.A. 4	U.A. 5	GERAL
Riqueza (S')	10	8	14	13	10	38
Abundância (n)	47	20	184	143	54	448
Diversidade (H')	1,885	1,435	2,075	1,75	1,966	2,828
Equitabilidade (J')	0,8186	0,6903	0,7861	0,6821	0,8539	0,7775

De forma a representar a distribuição da comunidade da Herpetofauna registrada, foi elaborada uma curva de dominância de espécies ou curva da componente dominância, na qual as espécies são elencadas de forma sequencial da mais abundante para a menos abundante, o que resultou em uma análise de distribuição de abundância de padrão Geométrico ($\chi^2 = 12,69$; P (same) = 0,3139), sugerindo que os processos de colonização e recolonização dos nichos espaciais ocorram em intervalos regulares sem dominância de poucas espécies em detrimento das outras (Gráfico 4-2).

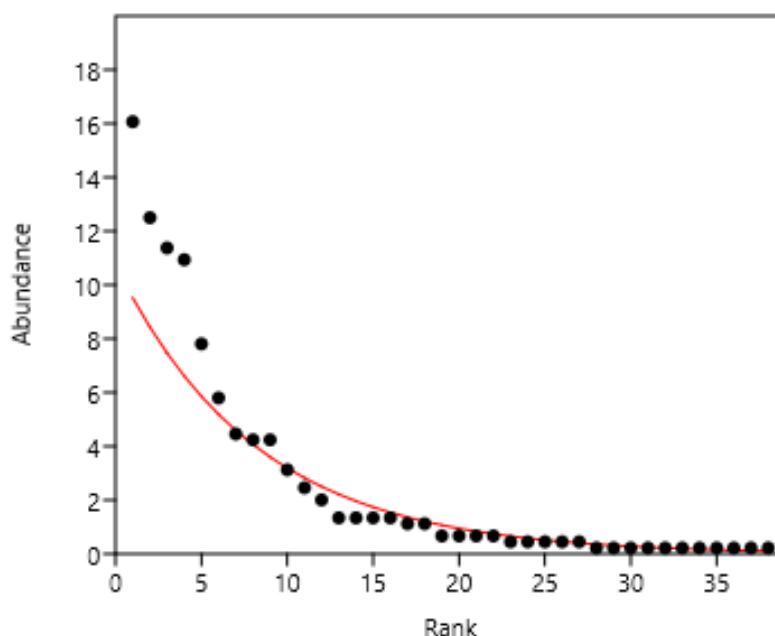


Gráfico 4-2: Curva da componente dominância para o grupo Herpetofauna para a 1ª campanha.

O padrão de poucas espécies dominantes em detrimento de muitas espécies raras é característico da estrutura de comunidades dos trópicos com estações bem definidas, principalmente para o grupo Herpetofauna, onde os anfíbios são mais abundantes, devido sua ecologia e comportamento, entretanto, as áreas amostrais são bem distintas, apesar de muitas delas apresentarem características de áreas mais antropizadas, estas abrangem áreas mais úmidas e com maior influência do bioma Mata Atlântica como nas U.A. 5 e U.A. 4, até áreas mais áridas com uma maior influência do bioma Caatinga como na U.A. 1, todas em regiões de ecótono com o bioma Cerrado. De qualquer forma, os modelos biológicos são mecanismos que tentam relacionar a forma como o espaço total de nicho é dividido entre as espécies em uma comunidade. Na escala deste estudo, é necessária uma amostragem maior para uma melhor compreensão da dinâmica populacional do grupo Herpetofauna, principalmente devido à grande diversidade de espécies que compreendem o grupo.

4.4.3.7.3.2.10 Similaridade

A similaridade é calculada com o intuito de avaliar o quanto as Unidades Amostrais se assemelham no que se refere a composição de espécies e distribuição das abundâncias. Desta forma a similaridade entre as Unidades Amostrais foi de 11,94% e as áreas mais similares foram U.A. 3 e U.A. 4 com cerca de 30% de similaridade.

Nenhuma das espécies registradas foi comum as áreas amostradas, o que reforça a ideia de uma baixa similaridade entre as áreas e que cada Unidade Amostral apresenta uma Herpetofauna particular. Estes resultados eram esperados visto o grande distanciamento entre as U.A., estando cada UA em uma sub-bacia diferente dentro da bacia Atlântico-leste, além das particularidades e características ecológicas de cada área e seu grau de conservação (Quadro 4-11 e Gráfico 4-3).

Quadro 4-11: Matriz de similaridade do grupo Herpetofauna.

	U.A. 1	U.A. 2	U.A. 3	U.A. 4	U.A. 5
UA 1	*	11,9403	9,5238	2,1053	0
UA 2	*	*	16,6667	3,681	0
UA 3	*	*	*	29,3578	0,8403
UA 4	*	*	*	*	12,1827
UA 5	*	*	*	*	*

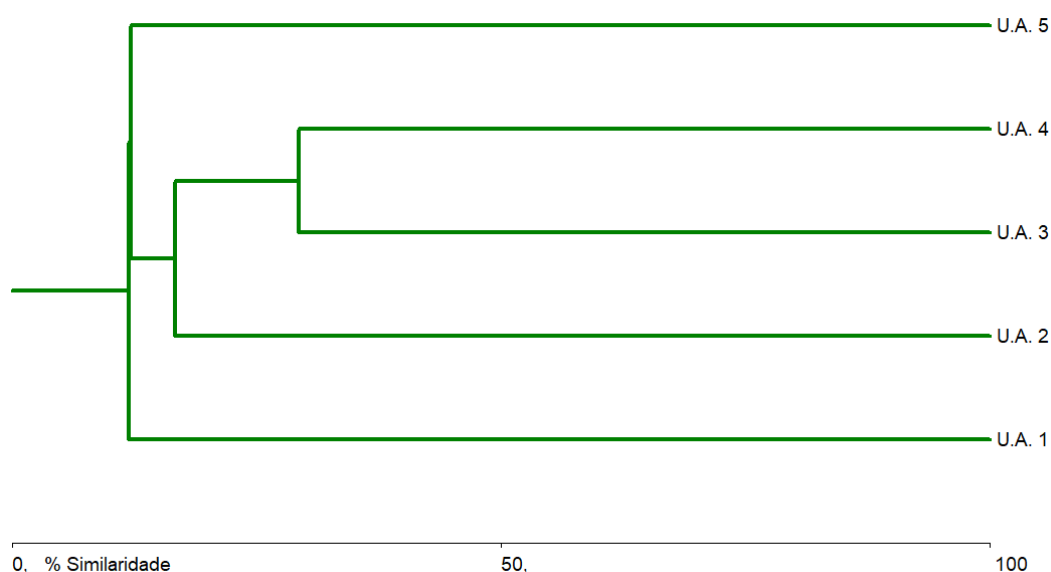


Gráfico 4-3: Dendrograma de similaridade de Bray-Curtis para o grupo herpetofauna, 1ª campanha amostral.

4.4.3.7.3.3 Considerações finais

Estudos têm mostrado que a diversidade de espécies de répteis e anfíbios é maior em regiões tropicais onde o clima é mais quente (ROSA, 2017) e a riqueza e abundância da Herpetofauna são influenciadas por parâmetros como temperatura, umidade do ar e radiação solar (SIQUEIRA, 2013; LICHT, 1997). De modo

geral o levantamento desta^{1ª} campanha da Herpetofauna pode ser considerado satisfatório, com o registro de 16% das espécies de provável ocorrência, a inclusão de 10 novas espécies ocorrentes para a região de estudo e o registro de espécies endêmicas e de importância econômica. A curva de suficiência amostral ainda se apresenta ascendente, entretanto, os índices apontam que cerca de 70% da riqueza estimada foi evidenciada.

O delineamento do estudo proposto, contemplou diversas fitofisionomias em uma grande área amostral, e neste caso, pode ser considerado favorável para a Herpetofauna, abrangendo uma variação de fitofisionomias como ambientes abertos e florestados de áreas de vegetação nativa em bom estado de conservação. Este modelo de delineamento mostra-se mais eficiente para amostragens de longa duração, portanto, espera-se que com a realização das demais campanhas amostrais a riqueza de espécies da Herpetofauna seja maior.

Tendo isto posto, conclui-se que as U.A.s, de forma geral, ainda apresentam boas condições para a ocorrência de espécies da herpetofauna e de maneira a diminuir a pressão sobre as populações naturais, seus ambientes devem ser protegidos e a fiscalização para a manutenção destes deve se manter rigorosa. Para tal recomenda-se além da continuidade das coletas amostrais, um programa de monitoramento da Herpetofauna contínuo e de longo prazo, com intuito de detectar potenciais alterações na distribuição das espécies na comunidade da região, além de potencializar os conhecimentos científicos das espécies locais.

4.4.3.8 AVIFAUNA

4.4.3.8.1 Introdução

O grupo das aves, por se tratar de grupo com enorme riqueza de espécies e bem diversificado no quesito ocupação de habitats, possuem maior aptidão na realização de trabalhos que abrangem vários aspectos, como por exemplo, distribuição geográfica, partição de habitat, dieta e reprodução, e portanto, são frequentemente utilizada para definir áreas prioritárias para conservação, como também, realização de diagnósticos mais precisos (MATTER *et al.*, 2010).

O Brasil possui uma das maiores diversidades de aves do planeta, com número estimado em 1.919 espécies (PIACENTINI *et al.*, 2015). A distribuição das espécies de aves ao longo do Brasil é desigual, e concentram-se na Amazônia (aproximadamente 1.300 espécies de aves com 263 endemismos) (MITTERMEIER *et al.*, 2003), seguida pela Mata Atlântica (1.092 espécies de aves com 213 endemismos) (MOREIRA-LIMA, 2013), Cerrado (837 espécies de aves com 30 endemismos) (SILVA, 1995; ZIMMER; WHITTAKER; OREN, 2001; SILVA; SANTOS, 2005), Caatinga (548 espécies de aves com 23 endemismos) (SILVA *et al.*, 2003; OLMOS; SILVA; ALBANO, 2005; ARAUJO; SILVA, 2017), Campos Sulinos (476 espécies de aves com apenas 2 endemismos) (MMA, 2000) e Pantanal (463 espécies de aves com nenhum endemismo) (MARINI; GARCIA, 2005).

4.4.3.8.2 Métodos de amostragem

A coleta de dados primários na Área de Estudo ocorreu no período de 08 a 28 de julho de 2021, estação seca. Foram utilizados três métodos de amostragem, a saber: Censo Pontual de Abundância de Indivíduos, Lista de Mackinnon e Captura com Redes de Neblina (ANJOS, 2007.; BIBBY; BURGESS; HILL, 1992.; MATTER *et al.*, 2010).

As metodologias foram realizadas com auxílio de binóculo (Bushnell Excursion Ex – 10 x 42), gravador digital (Tascam – DR 40), caixas de som para playback, máquina fotográfica semiprofissional (Cannon – SX 30) e lanterna de cabeça, e realizadas nos horários de maior atividade das aves, os quais correspondem ao início da manhã (5:00 horas) e final da tarde (17:00 horas). Com o intuito de registrar as aves com hábitos crepusculares e/ou noturnos, as amostragens foram estendidas até as 20:00 horas.

Para auxiliar na identificação das espécies foram utilizados guias de campo e livros de referência (GWYNNE *et al.*, 2010; MATA; ERIZE; RUMBOLL, 2006; SICK, 1997; SIGRIST, 2006; SIGRIST, 2012; SOUZA, 2004), além de sonogramas presentes em bancos sonoros de cantos de aves (Fundação Xeno-Canto e WikiAves), os quais foram utilizados para identificações posteriores, os comparando com os registros sonoros realizados em campo. O Quadro 4-12 apresenta um resumo do esforço amostral a ser empregado por método aplicado.

Quadro 4-12: Resumo de esforço amostral para o Diagnóstico de Fauna do grupo Avifauna.

GRUPO	MÉTODO	DIA	UNIDADE AMOSTRAL	CAMPANHA
AVIFAUNA	Redes de Neblina	(9 m * 2m) * 4 horas * 10 redes = 720 m ² por ponto amostral	720 m ² * 3 pontos amostrais = 2.250 m ² por Unidade Amostral	2.250 m ² * 5 Unidades Amostrais = 11.250 m ²
	Censo de Abundância de indivíduos	12 censos	12 censos * 3 pontos amostrais = 36 censos	36 censos * 5 Unidades Amostrais = 180 censos
	Lista de Mackinnon	3 horas-dia	3 horas-dia * 3 pontos amostrais = 9 horas-dia	9 horas-dia * 5 Unidades Amostrais = 45 horas-dia

4.4.3.8.2.1 Redes de neblina

Consiste na instalação de redes de malha fina que permitem a captura das espécies de aves. Considerado método importante para a captura de espécies de sub-bosque mais inconspícuas (Parecer Técnico nº 48/2021-CODUT/CGLIN/DILIC).

As redes foram abertas pouco antes do nascer do sol e permanecerem abertas por 4 horas. O intervalo de verificação das redes foi de 30 minutos, variando dependendo dos horários de maior atividade ou dos dias mais quentes, com revisões em intervalos mais curtos para evitar o estresse ou longa exposição ao calor, ou horários de baixa atividade, com revisões em intervalos mais longos.

Todos os indivíduos capturados foram identificados, coletados os dados biométricos (comprimento do bico, largura do tarso, asa, cauda), peso da ave, sexo, mudas, e outros aspectos, a fim de avaliar o estado geral do indivíduo e quantificar parâmetros biológicos e ecológicos, foram fotografados, sempre que possível e soltos próximos ao local de captura logo após a finalização da coleta de dados.

Cada ponto amostral foi amostrado por um dia e foram utilizadas 10 redes de neblina de 9 m x 2 m com malha de 30 mm. As redes foram dispostas em sequência ininterrupta ao longo de uma trilha. O cálculo do esforço amostral é realizado a partir da multiplicação simples da área de cada rede (9 m x 2 m), multiplicado pelo tempo de exposição (4 horas x 1 dia) e o número de redes (10). Desta forma, o esforço amostral foi de 720 m² por ponto amostral (9 m x 2m) x 4 horas x 10 redes), 2.250 m² por Unidade Amostral (720 m² x 3 pontos amostrais), 11.250 m² por campanha (2.250 m² X 5 Unidades Amostrais). O Quadro 4-13 apresenta as coordenadas de referência para cada localidade amostrada.

Quadro 4-13: Coordenadas geográficas dos pontos de Redes de Neblina, grupo Avifauna.

UNIDADE AMOSTRAL	PONTO AMOSTRAL		COORDENADAS	
UA 1	Ponto 1	24L	349659	8375829
	Ponto 2	24L	343128	8374743
	Ponto 3	24L	349812	8376049
UA 2	Ponto 1	24L	365233	8212031
	Ponto 2	24L	366470	8212900
	Ponto 3	24L	366579	8209621
UA 3	Ponto 1	24L	373747	8094301
	Ponto 2	24L	372245	8093991
	Ponto 3	24L	372931	8094783
UA 4	Ponto 1	24L	360020	7891042
	Ponto 2	24L	359675	7891497
	Ponto 3	24L	358842	7889444
UA 5	Ponto 1	24L	353823	7813574
	Ponto 2	24L	352672	7813669
	Ponto 3	24L	352067	7813189

4.4.3.8.2.2 Censo de abundância de indivíduos

Consiste na seleção de pontos georreferenciados equidistantes minimamente 200 m, objetivando minimizar a possibilidade de registros duplicados e evitar sobreposição entre os pontos. Em cada um destes pontos foi realizado o censo com o tempo estimado de 20 min. Todas as espécies registradas através da visualização e/ou zoofonia foram contabilizadas. Espécies sobrevoando a área também foram contabilizadas. Indivíduos solitários, pares reprodutivos, grupos familiares e bandos foram contabilizados como dois registros, objetivando não superestimar o número de indivíduos.

Cada Ponto amostral foi amostrado por um dia. Foram realizados 12 Censos Pontuais por dia, sendo seis durante o período da manhã (6:00 as 11:00 horas) e seis durante o período da tarde/noite (15:00 as 19:00 horas) por ponto amostral, durante três dias de amostragem para cada Unidade Amostral. Cada Censo teve a duração de 20 minutos, totalizando 240 minutos por ponto amostral (20 min * 12 Censos por ponto), 720 minutos por Unidade Amostral (240 min por ponto * 3 pontos por UA), totalizando 3600 minutos por campanha (720 min por UA * 5 UA). O Quadro 4-14 apresenta as coordenadas de cada Ponto de Escuta estabelecido em cada Unidade Amostral.

Quadro 4-14: Coordenadas dos Pontos de Escuta estabelecidos em cada Unidade Amostral.

UNIDADE AMOSTRAL	PONTO AMOSTRAL	PONTO DE ESCUTA	COORDENADAS
UA 1	Ponto 1	1.1	24L 0349739 8375656
		1.2	24L 0349840 8375455
		1.3	24L 0350030 8375531
		1.4	24L 0350226 8375667
		1.5	24L 0350398 8375542
		1.6	24L 0349936 8375232
	Ponto 2	2.1	24L 0350425 8376089
		2.2	24L 0350622 8376150
		2.3	24L 0350778 8376214
		2.4	24L 0350752 8376004
		2.5	24L 0350888 8375873
		2.6	24L 0350462 8376278
	Ponto 3	3.1	24L 0349534 8376109
		3.2	24L 0349753 8376199
		3.3	24L 0349950 8376168
		3.4	24L 0349842 8375122
		3.5	24L 0349781 8375599
		3.6	24L 0349993 8375979
UA 2	Ponto 1	1.1	24L 0365111 8212020
		1.2	24L 0365165 8211816
		1.3	24L 0365298 8211664
		1.4	24L 0364978 8211796
		1.5	24L 0364784 8211624
		1.6	24L 0364583 8211678
	Ponto 2	2.1	24L 0366522 8213049
		2.2	24L 0366275 8213200
		2.3	24L 0366099 8213324
		2.4	24L 0365861 8213463
		2.5	24L 0366510 8212886
		2.6	24L 0366605 8212999
	Ponto 3	3.1	24L 0366530 8209465
		3.2	24L 0366450 8209255
		3.3	24L 0366427 8209027
		3.4	24L 0366260 8208927
		3.5	24L 0366248 8208911
		3.6	24L 0365983 8208725

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



UNIDADE AMOSTRAL	PONTO AMOSTRAL	PONTO DE ESCUTA	COORDENADAS
UA 3	Ponto 1	1.1	24L 0373780 8094396
		1.2	24L 0373807 8094574
		1.3	24L 0373950 8094767
		1.4	24L 0373785 8094779
		1.5	24L 0373707 8094974
		1.6	24L 0373610 8095162
	Ponto 2	2.1	24L 0372356 8094037
		2.2	24L 0372593 8094123
		2.3	24L 0372822 8093990
		2.4	24L 0373202 8094193
		2.5	24L 0373001 8094354
		2.6	24L 0372794 8094513
	Ponto 3	3.1	24L 0372953 8094680
		3.2	24L 0372905 8094366
		3.3	24L 0372971 8095123
		3.4	24L 0372808 8094717
		3.5	24L 0372618 8094766
		3.6	24L 0372450 8094750
UA 4	Ponto 1	1.1	24L 0360842 7868371
		1.2	24L 0360040 7891231
		1.3	24L 0360038 7891048
		1.4	24L 0359868 7891002
		1.5	24L 0359674 7890886
		1.6	24L 0360217 7891103
	Ponto 2	2.1	24L 0359380 7891770
		2.2	24L 0359531 7891631
		2.3	24L 0359680 7891487
		2.4	24L 0359137 7891933
		2.5	24L 0359085 7891735
		2.6	24L 0359026 7891551
	Ponto 3	3.1	24L 0358844 7889427
		3.2	24L 0358855 7889178
		3.3	24L 0359001 7889010
		3.4	24L 0359139 7889141
		3.5	24L 0359087 7889350
		3.6	24L 0358842 7889444

UNIDADE AMOSTRAL	PONTO AMOSTRAL	PONTO DE ESCUTA	COORDENADAS
UA 5	Ponto 1	1.1	24L 0353640 7813623
		1.2	24L 0353825 7813577
		1.3	24L 0354012 7813628
		1.4	24L 0354097 7813842
		1.5	24L 0354018 7813965
		1.6	24L 0354102 7813982
	Ponto 2	2.1	24L 0354397 7814754
		2.2	24L 0354252 7814561
		2.3	24L 0355022 7814826
		2.4	24L 0355213 7814913
		2.5	24L 0356049 7814654
		2.6	24L 0357014 7815223
	Ponto 3	3.1	24L 0351787 7813499
		3.2	24L 0351987 7813512
		3.3	24L 0352122 7813615
		3.4	24L 0352250 7813692
		3.5	24L 0352380 7813659
		3.6	24L 0352443 7813735

4.4.3.8.2.3 Lista de Mackinnon

Consiste na elaboração de listas de 10 espécies, onde foram registradas todas as espécies observadas/escutadas. Independentemente do número de indivíduos observados, cada espécie é registrada apenas uma vez em cada lista. Ao se completar 10 espécies diferentes, uma nova lista é iniciada. Na segunda lista e nas demais podem ser incorporados novos indivíduos de qualquer das 10 espécies presentes na lista anterior, desde que se tenha certeza de que não se trata do mesmo indivíduo registrado anteriormente (RIBON, 2010).

O método melhora a qualidade dos dados em relação à lista simples, uma vez que cada lista representa uma amostra, o que permite comparações mais confiáveis entre sítios de uma mesma área ou entre áreas diferentes durante os períodos do ano (RIBON, 2010).

Este método foi realizado um dia por ponto amostral e o método foi empregado nos deslocamentos entre o Censo de Abundância de indivíduos. A amostragem por esse método teve duração de 3 horas-dia, sendo 1h30 durante o período da manhã (6:00 as 11:00 horas) e 1h30 durante o período da tarde/noite (15:00 as 19:00 horas) por ponto amostral. Desta forma, o esforço total foi de 9 horas-dia por Unidade Amostrada (3horas-dia por ponto amostral * 3 pontos amostrais por UA) e 45 horas-dia por campanha (9 horas-dia por UA * 5 UA).

As amostragens foram realizadas com o auxílio de binóculos, gravador digital, caixas de som para playback, e máquina fotográfica profissional.

Além do método supracitado, também foram utilizados métodos complementares para o levantamento da avifauna como registros da fauna atropelada nas vias de acesso para as Unidades Amostrais ou registros ocasionais ou por terceiros que possam ocorrer durante os deslocamentos da equipe dentro da área de abrangência do empreendimento. Os dados obtidos através destes métodos foram utilizados apenas para complementação da lista de espécies, não sendo utilizados nas análises estatísticas.

4.4.3.8.2.4 Informações analisadas

A classificação, nomenclatura e ordem filogenética das aves seguiu Piacentini *et al.* (2015).

O grau de ameaça das aves (dados primários e secundários) está baseado na Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (MMA, 2014), na lista apresentada pela International Union Conservation of Nature – IUCN (IUCN, 2021) e nas Lista de espécies ameaçadas do estado do Espírito Santo (IEMA, 2005), estado de Minas Gerais (COPAM, 2010) e estado da Bahia (SEMA, 2017).

Para a organização dos dados primários e secundários, as espécies foram agrupadas de acordo com o tipo de ambiente preferencial, resultado em quatro categorias (BAGNO; MARINHO-FILHO, 2001; STOTZ *et al.*, 1996; SICK, 1997), a saber: A – Aquáticas - espécies associadas a presença de água (brejos, veredas, córregos, rios, lagoas e brejos); C – Campestres – áreas abertas / F – Florestais – espécies associadas a ambientes florestais; T – Espécies associadas a áreas consolidadas, antropizadas, urbanas.

Outras características também foram consideradas e estão relacionadas à distribuição das espécies, são elas: espécies endêmicas da Mata Atlântica, restritas a território brasileiro, visitantes, migratórias, endêmicas do bioma do Cerrado e endêmicas do bioma Caatinga (SILVA, 1995; MMA, 2000; ZIMMER; WHITTAKER; OREN, 2001; SILVA *et al.*, 2003; MITTERMEIER *et al.*, 2003; OLMOS; SILVA; ALBANO, 2005; SILVA; SANTOS, 2005; MOREIRA-LIMA, 2013; PIACENTINI *et al.*, 2015; ARAUJO; SILVA, 2017).

As espécies também foram classificadas quanto ao estrato preferencial de forrageamento (STOTZ *et al.*, 1996), a saber: T – Terrestre; A – Aéreo; U – Sub-bosque; W – aquáticos; C – Copa das árvores; M – Médio bosque. Esta classificação permite estabelecer as aves que possam colidir com as estruturas, bem como aquelas que possam vir a utilizá-las como poleiros e/ou locais de nidificação.

Foram definidas as espécies (dados primários) a serem consideradas indicadoras de boa qualidade ambiental, aquelas que se enquadrarem em pelo menos um dos quesitos apresentados, a saber: 1) Espécies que possuem alta sensibilidade a alterações ambientais segundo Stotz *et al.* (1996); 2) Espécies ameaçadas de extinção (MMA, 2014; IUCN, 2021; SEMA, 2017; COPAM, 2010; SEMA, 2017); 3) Espécies com algum tipo de distribuição restrita (endêmicas de Mata Atlântica); 4) Espécies florestais com alta sensibilidade a alterações ambientais cujo estrato de forrageamento é terrestre e/ou está restrito ao sub-bosque (STOTZ *et al.*, 1996).

4.4.3.8.2.5 Dados secundários

Com o intuito de se estimar os resultados esperados, são apresentadas a seguir, as listas de espécies de provável ocorrência para a região do empreendimento a partir de dados secundários. Os dados foram obtidos e compilados de diversos trabalhos, tais como estudos disponíveis em periódicos, estudos acadêmicos não publicados ou relatórios técnico-científicos. Foram considerados apenas estudos realizados em até 100 km de distância do traçado da LT e identificações ao nível de espécie (Quadro 4-15).

Quadro 4-15: Lista das fontes de dados secundários utilizados para caracterizar a composição da Avifauna regional na Área de Estudo (AE) do empreendimento.

Nº	REFERÊNCIA	MUNICÍPIO	ESTADO	RIQUEZA
1	Dossel, 2019	Cruz das Almas, Sapeaçu, Castro Alves, Conceição do Almeida, Santo Antônio de Jesus, Varzedo, São Miguel das Matas, Amargosa, Laje, Jiquiriçá, Mutuípe, Ubaíra, Santa Inês, Cravolândia, Itaquara, Wenceslau Guimarães, Jaguaquara, Jequié, Jitaúna, Manoel Vitorino, Boa Nova, Bom Jesus da Serra e Poções*	Bahia	83
2	Ambientare, 2018	Jequitinhonha, Felisburgo, Joáima, Monte Formoso, Ponto dos Volantes e Padre Paraíso	Bahia e Minas Gerais	268
3	Bérnils <i>et al.</i> , 2014	Linhares	Espírito Santo	357
4	Rolim <i>et al.</i> , 2016	Linhares	Espírito Santo	385
5	Betzel, 2019	Colatina	Espírito Santo	196
6	Grupo Ambientalista da Bahia (GAMBA) e Fundação SOS Mata Atlântica, 2016	Guaratinga	Bahia	3

*Utilizados apenas dados dos municípios a menos de 100 km do traçado do empreendimento.

4.4.3.8.3 *Resultados e discussão*

4.4.3.8.3.1 Espécies de potencial ocorrência (dados secundários)

A compilação de dados secundários indicou a ocorrência potencial de 492 espécies/subespécies distribuídas em 25 ordens e 74 famílias. As famílias mais representativas foram Tyrannidae com 49 espécies, Thraupidae com 47 espécies e Thamnophilidae cada uma com 30 espécies.

Em relação a distribuição das espécies, 63 espécies são restritas a território brasileiro, 101 espécies/subespécies são endêmicas do bioma Mata Atlântica, sete são endêmicas do bioma Caatinga, duas são endêmicas do bioma Cerrado e duas são exóticas.

No tocante a migração, sete são visitantes sazonais oriundas do hemisfério norte, uma é visitante sazonal oriunda do hemisfério sul, 10 são migrantes reprodutivos e 73 são migrantes internos/parciais, realizando migrações dentro do território brasileiro na busca de recursos.

No tocante a abordagem sobre sensibilidade às alterações ambientais, 56 espécies possuem alta sensibilidade, 218 média sensibilidade e 217 baixa sensibilidade.

No quesito espécies ameaçadas, 32 espécies/subespécies constam na lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (MMA, 2014) (Criticamente em Perigo = 6; Em Perigo = 7; Vulnerável = 19), 20 na lista da The International Union for Conservation of Nature's (IUCN, 2021) (Criticamente em Perigo = 1; Em Perigo = 4; Vulnerável = 15), 53 na lista da Fauna Ameaçada do Estado do Espírito Santo (IEMA, 2005) (Criticamente em Perigo = 22; Em Perigo = 13; Vulnerável = 18), 47 na lista de espécies ameaçadas do estado de Minas Gerais (COPAM, 2010) (Criticamente em Perigo = 24; Em Perigo = 14; Vulnerável = 9) e 31 na lista de espécies ameaçadas do estado da Bahia (SEMA, 2017) (Criticamente Ameaçada = 8; Em Perigo = 12; Vulnerável = 11). Para a lista da The International Union for Conservation of Nature's (IUCN, 2021) consta ainda a categoria Near Threatened. Esta categoria corresponde a espécies/subespécies cujas populações estão em declínio (NT = 13).

Quanto a preferência de hábitat, a maioria (313 espécies) está relacionada com ambientes florestais, seguidas pelas espécies de áreas abertas (115 espécies), espécies aquáticas (61 espécies) e espécies relacionadas a áreas urbanas/consolidadas (uma espécie). O Quadro 4-16 apresenta a lista de provável ocorrência das espécies do grupo avifauna para a região do empreendimento.

Com base nos dados da BirdLife International (2021) e do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (ICMBio, 2020) o traçado da LT 500 kv Poções III – Medeiros Neto II – João Neiva 2 e Subestação Associada não intercepta nenhuma Área Importante para a Conservação da Avifauna e nem Rotas Migratórias (Figura 4-2 e Figura 4-3). Também não foram identificadas áreas de importância para a reprodução, nidificação, alimentação e refúgio de avifauna, com base na literatura disponível para região do empreendimento. Entretanto, destaca-se a presença de locais de maior suscetibilidade a colisões da avifauna com a LT, os quais serão indicados para a sinalização no Item Ambiente Preferencial x Extrato de Forrageamento e Sensibilidade a Alterações.

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL				
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6					
<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	socó-boi	R, MI, MP		M	T, W	A									1	1	1					1	
<i>Cochlearius cochlearius</i> (Linnaeus, 1766)	arapapá	R		H	W	A											1	1				1	
<i>Botaurus pinnatus</i> (Wagler, 1829)	socó-boi-baio	R		M	T	A											1	1				1	
<i>Ixobrychus exilis</i> (Gmelin, 1789)	socó-vermelho	R, MI, MP		M	U	A											1	1				1	
<i>Nycticorax nycticorax</i> (Linnaeus, 1758)	socó-dorminhoco	R, MI, MP		L	T, W	A											1	1	1			1	
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	socozinho	R, MI, MP		L	T, W	A											1	1	1			1	
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	garça-vaqueira	R		L	T	C											1	1	1	1		1	
<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	garça-moura	R, MI, MP		L	T, W	A											1			1		1	
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	garça-branca	R, MI, MP		L	T, W	A											1			1		1	
<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	maria-faceira	R		M	T	C											1					1	
<i>Ptilerodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	garça-real	R		M	T, W	A												1	1			1	
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	garça-branca-pequena	R, MI, MP		L	T, W	A											1	1	1	1		1	
<i>Egretta caerulea</i> (Linnaeus, 1758)	garça-azul	R, MI, MP		M	T, W	A												1	1	1		1	
Threskiornithidae Poche, 1904																							
<i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	coró-coró	R		M	T	F													1			1	
<i>Platalea ajaja</i> Linnaeus, 1758	colhereiro	R, MI, MP		M	W	A						VU							1			1	
Cathartiformes Seeböhm, 1890																							
Cathartidae Lafresnaye, 1839																							
<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha	R, MI, MP		L	T, A	C											1	1	1	1		1	
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	urubu-de-cabeça-amarela	R		M	T, A	C											1	1		1	1	1	
<i>Cathartes melambrotus</i> Wetmore, 1964	urubu-da-mata	R		M	T, A	F											1					1	
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu	R		L	T, A	C											1		1	1	1	1	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL						
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6							
<i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-rei	R		M	T, A	F				VU							1	1					1		
Accipitriformes Bonaparte, 1831																									
Pandionidae Bonaparte, 1854																									
<i>Pandion haliaetus</i> (Linnaeus, 1758)	águia-pescadora	VN, MNR		M	W	A											1	1	1					1	
Accipitridae Vigors, 1824																									
<i>Leptodon cayanensis</i> (Latham, 1790)	gavião-gato	R		M	C	F											1	1	1						1
<i>Chondrohierax uncinatus</i> (Temminck, 1822)	caracoleiro	R		L	C	F												1	1	1					1
<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-tesoura	R, MR		M	C, A	F												1	1	1					1
<i>Gampsonyx swainsonii</i> Vigors, 1825	gaviãozinho	R		L	C	C													1	1					1
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	gavião-peneira	R		L	C, A	C											1	1	1						1
<i>Harpagus bidentatus</i> (Latham, 1790)	gavião-ripina	R		M	C	F													1	1					1
<i>Harpagus diodon</i> (Temminck, 1823)	gavião-bombachinha	R, MR		M	C	F													1	1					1
<i>Circus buffoni</i> (Gmelin, 1788)	gavião-do-banhado	R, MI, MP		M	T, A	C				VU									1	1					1
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	sovi	R, MR		M	C, A	F											1	1	1	1					1
<i>Rostrhamus sociabilis</i> (Vieillot, 1817)	gavião-caramujeiro	R, MI, MP		L	W, A	A													1	1					1
<i>Geranoospiza caeruleus</i> (Vieillot, 1817)	gavião-pernilongo	R		M	M, C	F											1		1	1					1
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 1790)	gavião-caboclo	R		L	T, C	C											1		1	1					1
<i>Amadonastur lacernulatus</i> (Temminck, 1827)	gavião-pombo-pequeno	R, E	EMA	H	M, C	F		VU	VU		CR									1					1
<i>Urubitinga urubitinga</i> (Gmelin, 1788)	gavião-preto	R		M	T, C	F															1				1
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó	R		L	C	F							1	1						1	1				1
<i>Geranoaetus albicaudatus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-de-rabo-branco	R		L	T	C													1	1	1				1
<i>Geranoaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1819)	águia-serrana	R		M	T	C															1				1
<i>Pseudastur polionotus</i> (Kaup, 1847)	gavião-pombo	R	EMA	H	C	F			NT	VU	CR											1			1
<i>Buteo nitidus</i> (Latham, 1790)	gavião-pedrês	R		M	C	F															1	1			1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL			
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6				
<i>Buteo brachyurus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-cauda-curta	R		M	C, A	F										1	1	1			1	
<i>Buteo albonotatus</i> Kaup, 1847	gavião-urubu	R		M	C	C										1	1	1			1	
<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-real	R		H	C	F		VU	NT	CR	CR	CR				1	1				1	
<i>Spizaetus tyrannus</i> (Wied, 1820)	gavião-pega-macaco	R		M	C	F				VU	EN					1	1				1	
<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-pato	R		H	C	F				VU	EN		1	1	1						1	
<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 1800)	gavião-de-penacho	R		M	C	F			NT	CR	EN	EN				1	1				1	
Gruiformes Bonaparte, 1854																						
Aramidae Bonaparte, 1852																						
<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766)	carão	R, MI, MP		M	T	A	CIN									1	1	1			1	
Rallidae Rafinesque, 1815																						
<i>Aramides cajaneus</i> (Statius Muller, 1776)	saracura-três-potes	R		H	T	F	CIN									1	1	1	1		1	
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)	saracura-do-mato	R	EMA	M	T	F	CIN									1	1	1			1	
<i>Amaurolimnas concolor</i> (Gosse, 1847)	saracura-lisa	R		M	T	F	CIN										1	1			1	
<i>Laterallus viridis</i> (Statius Muller, 1776)	sanã-castanha	R		L	T	A	CIN										1	1			1	
<i>Laterallus melanophaius</i> (Vieillot, 1819)	sanã-parda	R		L	T	A	CIN										1	1			1	
<i>Laterallus exilis</i> (Temminck, 1831)	sanã-do-capim	R		L	T	A	CIN									1	1	1			1	
<i>Mustelirallus albicollis</i> (Vieillot, 1819)	sanã-carijó	R		M	T	A										1	1	1	1		1	
<i>Pardirallus nigricans</i> (Vieillot, 1819)	saracura-sanã	R		M	T	A	CIN										1	1	1		1	
<i>Gallinula galeata</i> (Lichtenstein, 1818)	galinha-d'água	R		L	T, W	A	CIN									1	1	1	1		1	
<i>Porphyrio martinicus</i> (Linnaeus, 1766)	frango-d'água-azul	R, MI, MP		L	T	A	CIN										1	1	1		1	
Charadriiformes Huxley, 1867																						
Charadriidae Leach, 1820																						
<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 1790)	mexeriqueira	R, MI, MP		M	T	A											1	1	1		1	
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	quero-quero	R, MI, MP		L	T	A							1	1	1	1	1	1			1	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL					
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6						
<i>Pluvialis squatarola</i> (Linnaeus, 1758)	batuira-de-axila-preta	VN, MNR		H	T	A										1	1					1		
<i>Charadrius collaris</i> Vieillot, 1818	batuira-de-coleira	R, MI, MP		H	T	A										1	1					1		
Recurvirostridae Bonaparte, 1831																								
<i>Himantopus mexicanus</i> (Statius Muller, 1776)	pernilongo-de-costas-negras	R, MI, MP		M	T	A															1		1	
<i>Himantopus melanurus</i> Vieillot, 1817	pernilongo-de-costas-brancas	R, MI, MP		M	T	A										1	1	1					1	
Scolopacidae Rafinesque, 1815																								
<i>Tringa solitaria</i> Wilson, 1813	maçarico-solitário	VN, MNR		M	T	A										1	1	1					1	
<i>Arenaria interpres</i> (Linnaeus, 1758)	vira-pedras	VN, MNR		H	T	A										1	1						1	
<i>Calidris alba</i> (Pallas, 1764)	maçarico-branco	VN, MNR		H	T	A										1	1						1	
Jacanidae Chenu & Des Murs, 1854																								
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	jaçanã	R, MI, MP		L	T	A	CIN									1	1	1	1				1	
Sternidae Vigors, 1825																								
<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	trinta-réis-grande	R, MI, MP		H	W	A										1	1	1					1	
Rynchopidae Bonaparte, 1838																								
<i>Rynchops niger</i> Linnaeus, 1758	talha-mar	R, MI, MP		H	W	A															1			1
Columbiformes Latham, 1790																								
Columbidae Leach, 1820																								
<i>Columbina minuta</i> (Linnaeus, 1766)	rolinha-de-asa-canela	R		L	T	C	CIN								1	1	1	1						1
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1810)	rolinha	R		L	T	F	CIN									1			1	1				1
<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	fogo-apagou	R		L	T	F	CIN								1	1	1	1	1					1
<i>Columbina picui</i> (Temminck, 1813)	rolinha-picuí	R		L	T	F	CIN								1	1	1	1	1					1
<i>Claravis pretiosa</i> (Ferrari-Perez, 1886)	pararu-azul	R, MI, MP		L	T, M	F	CIN								1	1			1	1				1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL						
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6							
<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)	pomba-trocal	R		M	C	F	CIN									1	1					1			
<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	asa-branca	R		M	C	C	CIN									1		1	1				1		
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1792)	pomba-galega	R		M	C	F	CIN									1		1	1				1		
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	pomba-amargosa	R		H	C	F	CIN					VU				1							1		
<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)	avoante	R, MI, MP		L	T, M	C	CIN									1	1	1					1		
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	juriti-pupu	R		L	T, U	F	CIN								1	1		1	1				1		
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	juriti-de-testa-branca	R		M	T	F	CIN								1	1		1					1		
<i>Geotrygon violacea</i> (Temminck, 1809)	juriti-vermelha	R		H	T	F	CIN			CR	VU	EN					1	1					1		
<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)	pariri	R		M	T	F	CIN								1	1		1					1		
Cuculiformes Wagler, 1830																									
Cuculidae Leach, 1820																									
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato	R		L	C	F										1		1	1					1	
<i>Coccyzus melacoryphus</i> Vieillot, 1817	papa-lagarta	R, MI, MP		L	M, C	F												1	1					1	
<i>Coccyzus euleri</i> Cabanis, 1873	papa-lagarta-de-euler	R, MI, MP		M	M, C	F												1	1					1	
<i>Crotophaga major</i> Gmelin, 1788	anu-coroca	R		M	T, C	F												1	1	1				1	
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	anu-preto	R		L	T, C	C												1		1	1			1	
<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	anu-branco	R		L	T	C												1		1	1			1	
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	saci	R		L	T, U	F									1	1		1	1					1	
<i>Neomorphus geoffroyi dulcis</i> Sneath, 1927	jacu-estalo	R, E	EMA	H	T	F		CR	VU	CR	CR							1	1					1	
Strigiformes Wagler, 1830																									
Tytonidae Mathews, 1912																									
<i>Tyto furcata</i> (Temminck, 1827)	suindara	R		L	C	C												1		1	1				1
Strigidae Leach, 1820																									
<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	corujinha-do-mato	R		L	C	F									1	1	1	1	1						1
<i>Megascops atricapilla</i> (Temminck, 1822)	corujinha-sapo	R	EMA	L	C	F													1	1					1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL		
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6			
<i>Pulsatrix koenigswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	murucutu-de-barriga-amarela	R	EMA	H	C	F									1		1	1			1
<i>Bubo virginianus</i> (Gmelin, 1788)	jacurutu	R		L	C	C										1	1				1
<i>Strix virgata</i> (Cassin, 1849)	coruja-do-mato	R		M	C	F										1	1				1
<i>Strix huhula albomarginata</i> (Spix, 1824)	coruja-preta	R	EMA	M	C	F			VU		VU					1	1				1
<i>Glaucidium minutissimum</i> (Wied, 1830)	caburé-miudinho	R		M	C	F			EN	VU						1	1				1
<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	caburé	R		L	C	C									1		1	1			1
<i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1782)	coruja-buraqueira	R		M	T	C								1	1	1	1	1			1
<i>Asio clamator</i> (Vieillot, 1808)	coruja-orelhuda	R		L	T, U	C										1	1	1			1
Nyctibiiformes Yuri, Kimball, Harshman, Bowie, Braun, Chojnowski, Hackett, Huddleston, Moore, Reddy, Sheldon, Steadman, Witt & Braun, 2013																					
Nyctibiidae Chenu & Des Murs, 1851																					
<i>Nyctibius grandis</i> (Gmelin, 1789)	urutau-grande	R		M	C	F				VU						1	1	1			1
<i>Nyctibius aethereus aethereus</i> (Wied, 1820)	urutau-pardo	R	EMA	H	C	F		EN		VU						1	1				1
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	urutau	R		L	C	F									1	1	1	1			1
<i>Nyctibius leucopterus</i> (Wied, 1821)	urutau-de-asa-branca	R		H	C	F		CR			CR	EN				1	1				1
Caprimulgiformes Ridgway, 1881																					
Caprimulgidae Vigors, 1825																					
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i> (Tschudi, 1844)	bacurau-ocelado	R		M	T	F											1	1			1
<i>Anrostomus rufus</i> (Boddaert, 1783)	joão-corta-pau	R		L	T	F									1						1
<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)	tuju	R, MR		M	A	F											1	1			1
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	bacurau	R		L	T	F								1	1	1	1	1			1
<i>Hydropsalis parvula</i> (Gould, 1837)	bacurau-chintã	R, MR		L	T	C									1						1
<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)	bacurau-tesoura	R		L	T	C											1	1			1
<i>Podager nacunda</i> (Vieillot, 1817)	corucão	R, MI, MP		L	A	C									1						1
<i>Chordeiles acutipennis acutipennis</i> (Hermann, 1783)	bacurau-de-asa-fina	R		L	A	F											1	1			1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL					
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6						
Apodiformes Peters, 1940																								
Apodidae Olphe-Galliard, 1887																								
<i>Streptoprocne zonaris</i> (Shaw, 1796)	taperuçu-de-coleira-branca	R, MI, MP			L	A	C																1	
<i>Streptoprocne biscutata</i> (Sclater, 1866)	taperuçu-de-coleira-falha	R, MI, MP			M	A	F																	1
<i>Chaetura cinereiventris</i> Sclater, 1862	andorinhão-de-sobre-cinzento	R			M	A	F																	1
<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 1907	andorinhão-do-temporal	R, MR			L	A	C																	1
<i>Tachornis squamata</i> (Cassin, 1853)	andorinhão-do-buriti	R			L	A	C																	1
<i>Panyptila cayennensis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	andorinhão-estofador	R			M	A	F				EN													1
Trochilidae Vigors, 1825																								
<i>Glaucis dohrnii</i> (Bourcier & Mulsant, 1852)	balança-rabo-canela	R, E	EMA		H	U	F		EN	EN	CR	CR	CR											1
<i>Glaucis hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-bico-torto	R			L	U	F																	1
<i>Phaethornis idaliae</i> (Bourcier & Mulsant, 1856)	rabo-branco-mirim	R, E	EMA		M	U	F																	1
<i>Phaethornis nattereri</i> Berlepsch, 1887	besourão-de-sobre-amarelo	R			M	U	F																	1
<i>Phaethornis ruber</i> (Linnaeus, 1758)	rabo-branco-rubro	R			M	U	F																	1
<i>Phaethornis pretrei</i> (Lesson & Delattre, 1839)	rabo-branco-acanelado	R			L	U	F																	1
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura	R			L	U, C	F																	1
<i>Aphantochroa cirrochloris</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-cinza	R, MI, MP			M	U, M	F																	1
<i>Florisuga fusca</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-preto	R, MI, MP			M	M, C	F																	1
<i>Colibri serrirostris</i> (Vieillot, 1816)	beija-flor-de-orelha-violeta	R, MI, MP			L	U, M	C																	1
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-de-veste-preta	R, MI, MP			L	M, C	F																	1
<i>Chrysolampis mosquitus</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-vermelho	R, MI, MP			L	C	F																	1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL					
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6						
<i>Chlorestes notata notata</i> (Reich, 1793)	beija-flor-de-garganta-azul	R		L	U, C	F										1	1					1		
<i>Chlorostilbon lucidus</i> (Shaw, 1812)	besourinho-de-bico-vermelho	R		L	U, C	C								1	1	1	1	1					1	
<i>Thalurania furcata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura-verde	R		M	U, M	F										1							1	
<i>Thalurania glaucopsis</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-fronte-violeta	R	EMA	M	U, M	F										1	1	1					1	
<i>Hylocharis sapphirina</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-safira	R		M	U, C	F											1	1					1	
<i>Hylocharis cyanus cyanus</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-roxo	R	EMA	L	U, C	F										1	1	1	1				1	
<i>Polytmus guainumbi thaumantias</i> (Linnaeus, 1766)	beija-flor-de-bico-curvo	R		M	U	C													1				1	
<i>Amazilia leucogaster bahiae</i> (Hartert, 1899)	beija-flor-de-barriga-branca	R	EMA	L	U, C	F											1	1					1	
<i>Amazilia versicolor</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-banda-branca	R		L	U, C	F											1	1	1	1			1	
<i>Amazilia fimbriata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-garganta-verde	R		L	U, C	C											1		1				1	
<i>Amazilia lactea</i> (Lesson, 1832)	beija-flor-de-peito-azul	R		L	M, C	F								1	1	1	1	1					1	
<i>Helimaster squamosus</i> (Temminck, 1823)	bico-reto-de-banda-branca	R, E, MI, MP		M	C	F											1						1	
<i>Calliphlox amethystina</i> (Boddaert, 1783)	estrelinha-ametista	R		L	U, C	F												1	1				1	
Trogoniformes A. O. U., 1886																								
Trogonidae Lesson, 1828																								
<i>Trogon viridis melanopterus</i> Swainson, 1838	surucuá-de-barriga-amarela	R	EMA	M	C	F	TR										1	1	1				1	
<i>Trogon surrucura aurantius</i> Spix, 1824	surucuá-variado	R	EMA	M	C	F	TR										1						1	
<i>Trogon collaris eytoni</i> (Frazer, 1857)	surucuá-de-coleira	R	EMA	M	M, C	F	TR	EN		EN	CR	CR						1	1				1	
Coraciiformes Forbes, 1844																								
Alcedinidae Rafinesque, 1815																								
<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-grande	R		L	U, C	A											1	1	1	1			1	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL				
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6					
<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)	martim-pescador-verde	R		L	U, M	A										1	1	1				1	
<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)	martim-pescador-pequeno	R		L	U	A										1	1	1				1	
Momotidae Gray, 1840																							
<i>Baryphthengus ruficapillus</i> (Vieillot, 1818)	juruba	R		M	U, M	F										1	1					1	
Galbuliformes Fürbringer, 1888																							
Galbulidae Vigors, 1825																							
<i>Jacamaralcyon tridactyla</i> (Vieillot, 1817)	cuitelão	R, E	EMA	M	C	F		NT			CR				1							1	
<i>Galbula ruficauda</i> Cuvier, 1816	ariramba	R		L	M	F									1	1	1	1				1	
Bucconidae Horsfield, 1821																							
<i>Notharchus swainsoni</i> (Gray, 1846)	macuru-de-barriga-castanha	R	EMA	H	C	F				CR	CR					1	1					1	
<i>Nystalus chacuru</i> (Vieillot, 1816)	joão-bobo	R		M	C	C								1	1							1	
<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	rapazinho-dos-velhos	R, E		M	C	F								1	1							1	
<i>Malacoptila striata</i> (Spix, 1824)	barbudo-rajado	R, E		M	U, M	F									1	1	1	1				1	
<i>Monasa morphoeus morphoeus</i> (Hahn & Küster, 1823)	chora-chuva-de-cara-branca	R	EMA	H	M, C	F		EN		CR	CR					1	1					1	
<i>Chelidoptera tenebrosa</i> (Pallas, 1782)	urubuzinho	R		L	C	F				VU						1	1					1	
Piciformes Meyer & Wolf, 1810																							
Ramphastidae Vigors, 1825																							
<i>Ramphastos vitellinus ariel</i> Vigors, 1826	tucano-de-bico-preto	R		M	C	F	TR		VU							1	1	1				1	
<i>Selenidera maculirostris</i> (Lichtenstein, 1823)	araçari-poca	R	EMA	M	C	F	TR									1	1					1	
<i>Pteroglossus aracari wiedii</i> Sturm & Sturm, 1847	araçari-de-bico-branco	R	EMA	M	C	F	TR								1	1	1	1				1	
Picidae Leach, 1820																							
<i>Picumnus pygmaeus</i> (Lichtenstein, 1823)	picapauzinho-pintado	R, E	ECA	M	C	F									1							1	
<i>Picumnus cirratus</i> Temminck, 1825	picapauzinho-barrado	R		L	M, C	F									1	1	1	1				1	
<i>Picumnus albosquamatus</i> d'Orbigny, 1840	picapauzinho-escamoso	R		L	M, C	F									1							1	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL			
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6				
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	pica-pau-branco	R		L	M, C	C									1	1	1	1			1	
<i>Melanerpes flavifrons</i> (Vieillot, 1818)	benedito-de-testa-amarela	R		M	C	F				VU	VU				1	1	1				1	
<i>Veniliornis affinis</i> (Swainson, 1821)	picapauzinho-avermelhado	R		M	C	F					CR				1	1	1				1	
<i>Veniliornis maculifrons</i> (Spix, 1824)	picapauzinho-de-testa-pintada	R, E	EMA	M	C	F													1		1	
<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-pequeno	R		L	C	F						1	1								1	
<i>Piculus flavigula erythropis</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-bufador	R	EMA	H	C	F										1	1				1	
<i>Piculus chrysochloros</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-dourado-escuro	R		M	C	F									1						1	
<i>Piculus polyzonus</i> (Valenciennes, 1826)	pica-pau-dourado-grande	R, E	EMA	M	C	F	EN									1	1				1	
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-verde-barrado	R		L	T, C	C									1				1		1	
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-do-campo	R		L	T, C	C									1	1	1	1			1	
<i>Celeus torquatus tinnunculus</i> (Wagler, 1829)	pica-pau-de-coleira	R	EMA	H	C	F	VU	NT	CR	CR						1	1				1	
<i>Celeus flavescens</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-cabeça-amarela	R		M	M, C	F									1	1	1	1			1	
<i>Celeus flavus subflavus</i> Sclater & Salvin, 1877	pica-pau-amarelo	R	EMA	M	C	F	CR		CR	CR	EN					1	1				1	
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-de-banda-branca	R		L	C	C									1	1	1	1			1	
<i>Campephilus robustus</i> (Lichtenstein, 1818)	pica-pau-rei	R	EMA	M	M	F									1	1	1	1			1	
<i>Campephilus melanoleucos</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-topete-vermelho	R		M	C	F					1										1	
Cariamiformes Fürbringer, 1888																						
Cariamidae Bonaparte, 1850																						
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	seriema	R		M	T	C						1	1	1	1	1	1				1	
Falconiformes Bonaparte, 1831																						
Falconidae Leach, 1820																						
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	carcará	R		L	T	C									1	1	1	1			1	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL			
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6				
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	carrapateiro	R		L	T, C	C							1	1	1	1	1				1	
<i>Herpethotes cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	acauã	R		L	C	F							1	1	1	1	1				1	
<i>Micrastur ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	falcão-caburé	R		M	U, M	F									1	1	1				1	
<i>Micrastur mintoni</i> Whittaker, 2003	falcão-críptico	R		H	U, M	F					CR				1	1					1	
<i>Micrastur mirandollei</i> (Schlegel, 1862)	tanatau	R		M	M, C	F									1	1					1	
<i>Micrastur semitorquatus</i> (Vieillot, 1817)	falcão-relógio	R		M	M, C	F									1	1					1	
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758	quiriquiri	R		L	T, C	C							1	1	1	1	1				1	
<i>Falco ruficularis</i> Daudin, 1800	cauré	R		L	C, A	F									1	1	1	1			1	
<i>Falco femoralis</i> Temminck, 1822	falcão-de-coleira	R		L	T, C	C							1	1	1	1	1				1	
Psittaciformes Wagler, 1830																						
Psittacidae Rafinesque, 1815																						
<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)	maracanã	R		M	C	F	TR		NT						1	1	1				1	
<i>Diopsittaca nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-pequena	R					TR								1	1					1	
<i>Psittacara leucophthalmus</i> (Statius Muller, 1776)	periquitão	R		L	C	F	TR								1	1	1				1	
<i>Aratinga auricapillus</i> (Kuhl, 1820)	jandaia-de-testa-vermelha	R, E		M	C	F	TR		NT	VU					1						1	
<i>Eupsittula aurea</i> (Gmelin, 1788)	periquito-rei	R		M	U, C	C	TR							1	1	1	1	1			1	
<i>Eupsittula cactorum</i> (Kuhl, 1820)	periquito-da-caatinga	R, E	ECA	M	C	C	TR							1	1	1					1	
<i>Pyrrhura cruentata</i> (Wied, 1820)	tiriba-grande	R, E	EMA	M	C	F	TR	VU	VU	EN	CR	VU			1	1					1	
<i>Pyrrhura leucotis</i> (Kuhl, 1820)	tiriba-de-orelha-branca	R, E	EMA	M	C	F	TR	VU	VU	EN	CR	EN			1	1					1	
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	tuim	R		L	C	F	TR								1	1	1	1			1	
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1788)	periquito-verde	R, E	EMA	L	C	F	TR								1	1					1	
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)	periquito-de-encontro-amarelo	R		M	C	F	TR								1						1	
<i>Touit melanonotus</i> (Wied, 1820)	apuim-de-costas-pretas	R, E	EMA	H	C	F	TR	VU	VU	EN	CR		1	1							1	
<i>Touit surdus</i> (Kuhl, 1820)	apuim-de-cauda-amarela	R, E	EMA	H	C	F	TR	VU	VU	EN	CR				1	1					1	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL				
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6					
<i>Pionus reichenowi</i> Heine, 1844	maitaca-de-barriga-azul	R, E	EMA	M	C	F	TR	VU	VU			VU				1	1					1	
<i>Pionus maximiliani</i> (Kuhl, 1820)	maitaca	R		M	C	F	TR									1	1	1	1			1	
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	papagaio-de-peito-roxo	R	EMA	M	C	F	TR	VU	EN	CR	VU	CR			1					1		1	
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)	papagaio-moleiro	R		M	C	F	TR		NT		CR	VU			1	1	1	1				1	
<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	curica	R		M	C	F	TR									1	1	1				1	
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio	R		M	C	F	TR								1							1	
<i>Amazona rhodocorytha</i> (Salvadori, 1890)	chauá	R, E	EMA	M	C	F	TR	VU	VU	CR	EN	EN				1	1	1	1			1	
Passeriformes Linnaeus, 1758																							
Thamnophilidae Swainson, 1824																							
<i>Terenura maculata</i> (Wied, 1831)	zidedê	R	EMA	M	C	F											1	1				1	
<i>Myrmotherula axillaris luctuosa</i> Pelzeln, 1868	choquinha-de-flanco-branco	R	EMA	M	U, M	F											1	1	1			1	
<i>Myrmotherula urosticta</i> (Sclater, 1857)	choquinha-de-rabo-cintado	R, E	EMA	M	U, M	F		VU	VU	EN	EN						1	1				1	
<i>Formicivora iheringi</i> Hellmayr, 1909	formigueiro-do-nordeste	R, E	EMA	H	M	F			NT					1	1							1	
<i>Formicivora grisea</i> (Boddaert, 1783)	papa-formiga-pardo	R		L	U, M	F											1	1				1	
<i>Formicivora melanogaster</i> Pelzeln, 1868	formigueiro-de-barriga-preta	R		M	U, M	F								1	1							1	
<i>Formicivora rufa</i> (Wied, 1831)	papa-formiga-vermelho	R		L	U	F											1	1				1	
<i>Thamnomanes caesius caesius</i> (Temminck, 1820)	ipecuá	R	EMA	H	U, M	F		VU		CR	EN								1			1	
<i>Rhopias gularis</i> (Spix, 1825)	choquinha-de-garganta-pintada	R, E	EMA	M	U	F						EN					1	1				1	
<i>Dysithamnus stictothorax</i> (Temminck, 1823)	choquinha-de-peito-pintado	R, E	EMA	M	M	F			NT						1							1	
<i>Dysithamnus mentalis mentalis</i> (Temminck, 1823)	choquinha-lisa	R	EMA	M	U, M	F									1							1	
<i>Dysithamnus plumbeus</i> (Wied, 1831)	choquinha-chumbo	R, E	EMA	H	U	F		EN	VU		VU						1	1				1	
<i>Herpsilochmus sellowi</i> Whitney & Pacheco, 2000	chorozinho-da-caatinga	R, E		H	U	F									1							1	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL				
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6					
<i>Herpsilochmus rufimarginatus scapularis</i> (Wied, 1831)	chorozinho-de-asa-vermelha	R		M	C	F										1	1	1				1	
<i>Sakesphorus cristatus</i> (Wied, 1831)	choca-do-nordeste	R, E		M	U, M	F										1						1	
<i>Thamnophilus doliatus radiatus</i> Vieillot, 1816	choca-barrada	R		L	U, M	F									1							1	
<i>Thamnophilus capistratus</i> Lesson, 1840	choca-barrada-do-nordeste	R, E	ECA	M	U, M	F									1	1						1	
<i>Thamnophilus torquatus</i> Swainson, 1825	choca-de-asa-vermelha	R		M	U	C										1						1	
<i>Thamnophilus palliatus</i> (Lichtenstein, 1823)	choca-listrada	R		L	U, M	F										1	1	1	1			1	
<i>Thamnophilus pelzelni</i> Hellmayr, 1924	choca-do-planalto	R, E		L	U, M	C									1	1						1	
<i>Thamnophilus ambiguus</i> Swainson, 1825	choca-de-sooretama	R, E	EMA	M	U, M	F										1	1	1	1			1	
<i>Thamnophilus caerulescens caerulescens</i> Vieillot, 1816	choca-da-mata	R	EMA	L	U, M	F										1						1	
<i>Taraba major</i> (Vieillot, 1816)	choró-boi	R		L	U	F										1	1	1	1			1	
<i>Batara cinerea cinerea</i> (Vieillot, 1819)	matracão	R	EMA	M	U, M	F										1						1	
<i>Mackenziaena severa</i> (Lichtenstein, 1823)	borralhara	R	EMA	M	U	F										1						1	
<i>Myrmoderus ruficauda ruficauda</i> (Wied, 1831)	formigueiro-de-cauda-ruiva	R, E	EMA	M	T	F		EN	EN		CR	EN				1						1	
<i>Myrmoderus loricatus</i> (Lichtenstein, 1823)	formigueiro-assobiador	R, E	EMA	M	T	F										1						1	
<i>Pyriglena leucoptera</i> (Vieillot, 1818)	papa-taoca-do-sul	R	EMA	M	U	F										1	1	1				1	
<i>Drymophila ferruginea</i> (Temminck, 1822)	trovoada	R, E	EMA	M	U	F										1						1	
<i>Drymophila squamata</i> (Lichtenstein, 1823)	pintadinho	R, E	EMA	M	U	F											1	1				1	
Conopophagidae Sclater & Salvin, 1873																							
<i>Conopophaga melanops melanops</i> (Vieillot, 1818)	cuspidor-de-máscara-preta	R, E	EMA	H	U	F										1	1	1				1	
Grallariidae Sclater & Salvin, 1873																							
<i>Grallaria varia intercedens</i> Berlepsch & Leverkühn, 1890	tovacuçu	R	EMA	H	T	F		VU			CR						1	1				1	
Formicariidae Gray, 1840																							
<i>Formicarius colma ruficeps</i> (Spix, 1824)	galinha-do-mato	R	EMA	H	T	F					VU	VU					1	1				1	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL					
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6						
<i>Cichlocolaptes leucophrus</i> (Jardine & Selby, 1830)	trepador-sobrancelha	R, E	EMA	H	C	F					EN					1	1					1		
<i>Pseudoseiura cristata</i> (Spix, 1824)	casaca-de-couro	R, E	ECA	M	T, C	F										1							1	
<i>Phacellodomus rufifrons</i> (Wied, 1821)	joão-de-pau	R		M	U, C	C								1	1	1	1	1					1	
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (Gmelin, 1788)	curutié	R		M	T, U	A										1	1	1	1				1	
<i>Synallaxis cinerascens</i> Temminck, 1823	pi-puí	R	EMA	M	U, M	F										1							1	
<i>Synallaxis albescens</i> Temminck, 1823	uí-pi	R		L	U	C								1	1								1	
<i>Synallaxis frontalis</i> Pelzeln, 1859	petrim	R		L	U	F								1	1			1	1				1	
<i>Synallaxis spixi</i> Sclater, 1856	joão-teneném	R		L	U	C										1	1	1					1	
<i>Synallaxis scutata</i> Sclater, 1859	estrelinha-preta	R		M	T, U	F										1							1	
<i>Acrobatornis fonsecai</i> Pacheco, Whitney & Gonzaga, 1996	acrobata	R, E	EMA	H	M, C	F		VU	VU		CR	VU				1							1	
Pipridae Rafinesque, 1815																								
<i>Ceratopira rubrocapilla</i> (Temminck, 1821)	cabeça-encarnada	R		H	U, M	F	TR										1	1					1	
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)	rendeira	R		L	U	F	TR									1	1	1	1				1	
<i>Ilicura militaris</i> (Shaw & Nodder, 1809)	tangarazinho	R, E		M	M, C	F	TR									1							1	
<i>Dixiphia pipra cephalucos</i> (Thunberg, 1822)	cabeça-branca	R	EMA	H	U	F	TR										1	1					1	
<i>Chiroxiphia caudata</i> (Shaw & Nodder, 1793)	tangará	R	EMA	L	U, M	F	TR									1							1	
Oxyruncidae Ridgway, 1906 (1831)																								
<i>Oxyruncus cristatus cristatus</i> Swainson, 1821	araponga-do-horto	R	EMA	H	C	F											1	1					1	
Onychorhynchidae Tello, Moyle, Marchese & Cracraft, 2009																								
<i>Myiobius barbatus</i> (Gmelin, 1789)	assanhadinho	R		H	U, M	F										1	1	1					1	
Tityridae Gray, 1840																								
<i>Schiffornis virescens</i> (Lafresnaye, 1838)	flautim	R		M	U	F										1							1	
<i>Schiffornis turdina turdina</i> (Wied, 1831)	flautim-marrom	R, E		H	U	F				VU	VU						1	1					1	
<i>Laniocera hypopyrra</i> (Vieillot, 1817)	chorona-cinza	R		H	M, C	F					VU						1	1					1	
<i>Tityra inquisitor</i> (Lichtenstein, 1823)	anambé-branco-de-bochecha-parda	R		M	C	F											1	1					1	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL					
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6						
<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-branco-de-rabo-preto	R		M	C	F											1	1					1	
<i>Pachyramphus viridis</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro-verde	R		M	C	F											1	1	1					1
<i>Pachyramphus castaneus</i> (Jardine & Selby, 1827)	caneleiro	R		M	C	F											1	1	1					1
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	caneleiro-preto	R		L	C	F											1	1	1	1				1
<i>Pachyramphus marginatus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-bordado	R		H	C	F											1	1	1					1
<i>Pachyramphus validus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-de-chapéu-preto	R		M	C	F												1	1					1
Cotingidae Bonaparte, 1849																								
<i>Carpornis melanocephala</i> (Wied, 1820)	sabiá-pimenta	R, E	EMA	H	M, C	F		VU	VU	VU	CR							1	1					1
<i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 1820)	cricrió	R		H	M, C	F	TR				EN		VU					1	1					1
<i>Procnias nudicollis</i> (Vieillot, 1817)	araponga	R, MI, MP	EMA	M	C	F	TR			NT		EN	VU					1	1					1
<i>Cotinga maculata</i> (Statius Muller, 1776)	crejoá	R, E	EMA	M	C	F	TR	CR	CR	CR	CR	VU						1	1					1
<i>Xipholena atropurpurea</i> (Wied, 1820)	bacacu-de-asa-branca	R, E	EMA	M	C	F	TR	VU	VU	CR								1	1					1
Platyrinchidae Bonaparte, 1854																								
<i>Platyrinchus mystaceus can Cromus</i> Temminck, 1820	patinho	R		M	U	F												1						1
Rhynchocyclidae Berlepsch, 1907																								
<i>Mionectes oleagineus</i> (Lichtenstein, 1823)	abre-asa	R		M	U, C	F													1	1				1
<i>Mionectes rufiventris</i> Cabanis, 1846	abre-asa-de-cabeça-cinza	R		M	U, M	F												1						1
<i>Leptopogon amaurocephalus</i> Tschudi, 1846	cabeçudo	R		M	U, M	F												1		1	1			1
<i>Corythopsis delalandi</i> (Lesson, 1830)	estalador	R		M	T	F					EN							1						1
<i>Phylloscartes ventralis</i> (Temminck, 1824)	borboletinha-do-mato	R		M	C	F												1						1
<i>Rhynchocyclus olivaceus</i> (Temminck, 1820)	bico-chato-grande	R		H	M	F					VU	EN								1				1
<i>Tolmomyias sulphureus</i> (Spix, 1825)	bico-chato-de-orelha-preta	R		M	C	F												1	1	1				1
<i>Tolmomyias poliocephalus</i> (Taczanowski, 1884)	bico-chato-de-cabeça-cinza	R		M	C	F														1	1			1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL		
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6			
<i>Tolmomyias flaviventris</i> (Wied, 1831)	bico-chato-amarelo	R		L	C	F									1	1	1	1			1
<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)	teque-teque	R, E	EMA	L	M, C	F									1	1	1				1
<i>Todirostrum cinereum</i> (Linnaeus, 1766)	ferreirinho-relógio	R		L	U, C	C								1	1	1	1	1			1
<i>Poecilotriccus plumbeiceps cinereipectus</i> (Novaes, 1953)	tororó	R	EMA	M	U	F									1						1
<i>Myiornis auricularis cinereicollis</i> (Wied, 1831)	miudinho	R	EMA	L	M, C	F									1	1	1	1			1
<i>Hemitriccus nidipendulus</i> (Wied, 1831)	tachuri-campainha	R, E	EMA	L	U, M	F									1	1	1				1
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	sebinho-de-olho-de-ouro	R		M	U, M	F								1	1						1
Tyrannidae Vigors, 1825																					
<i>Hirundinea ferruginea</i> (Gmelin, 1788)	gibão-de-couro	R		L	C	C									1				1		1
<i>Euscarthmus meloryphus</i> Wied, 1831	barulhento	R		L	U	C									1				1		1
<i>Ornithion inerme</i> Hartlaub, 1853	poiaeiro-de-sobrancelha	R		M	C	F										1	1				1
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	risadinha	R		L	C	C								1	1		1	1			1
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	guaracava-de-barriga-amarela	R		L	C	C									1	1	1	1			1
<i>Elaenia chilensis</i> Hellmayr, 1927	guaracava-de-crista-branca	VS, MNR		L	C	C													1		1
<i>Elaenia parvirostris</i> Pelzeln, 1868	tuque-pium	R, MI, MP		L	C	F									1						1
<i>Elaenia mesoleuca</i> (Deppe, 1830)	tuque	R, MI, MP		L	C	F										1	1				1
<i>Elaenia cristata</i> Pelzeln, 1868	guaracava-de-topete-uniforme	R, MI, MP		M	C	C										1	1				1
<i>Elaenia chiriquensis</i> Lawrence, 1865	chibum	R, MI, MP		L	C	C										1	1				1
<i>Elaenia obscura</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	tucão	R		M	M, C	F									1						1
<i>Myiopagis caniceps</i> (Swainson, 1835)	guaracava-cinzenta	R		M	C	F									1	1	1				1
<i>Myiopagis viridicata viridicata</i> (Vieillot, 1817)	guaracava-de-crista-alaranjada	R		M	C	F									1						1
<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein, 1823)	marianinha-amarela	R		L	U, M	F									1	1	1	1			1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL					
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6						
<i>Phaeomyias murina</i> (Spix, 1825)	bagageiro	R		L	C	F								1	1								1	
<i>Phylomyias fasciatus</i> (Thunberg, 1822)	piolinho	R		M	C	F										1	1	1						1
<i>Serpophaga subcristata</i> (Vieillot, 1817)	alegrinho	R, MI, MP		L	M, C	C										1								1
<i>Attila rufus</i> (Vieillot, 1819)	capitão-de-saíra	R, E	EMA	M	M, C	F										1	1	1						1
<i>Attila spadiceus uropygiatus</i> (Wied, 1831)	capitão-de-saíra-amarelo	R	EMA	M	M, C	F	VU		VU									1	1					1
<i>Legatus leucophaeus</i> (Vieillot, 1818)	bem-te-vi-pirata	R, MR		L	C	F								1			1	1						1
<i>Myiarchus tuberculifer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	maria-cavaleira-pequena	R		L	M, C	F											1	1						1
<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859	irré	R, MI, MP		L	M, C	F										1	1	1						1
<i>Myiarchus ferox ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira	R, MI, MP		L	M, C	F										1	1	1	1					1
<i>Myiarchus tyrannulus</i> (Statius Muller, 1776)	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado	R		L	M, C	F										1	1	1	1					1
<i>Syrstes sibilator</i> (Vieillot, 1818)	gritador	R		M	C	F										1	1	1						1
<i>Rhytipterna simplex simplex</i> (Lichtenstein, 1823)	vissíá	R	EMA	H	M, C	F				VU								1	1					1
<i>Casiornis fuscus</i> Sclater & Salvin, 1873	caneleiro-enxofre	R, E	ECA	M	M, C	F										1								1
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi	R		L	T, C	F								1	1	1	1	1						1
<i>Philohydor lictor</i> (Lichtenstein, 1823)	bentevizinho-do-brejo	R		L	U	A												1	1					1
<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	suiriri-cavaleiro	R		L	T	C										1	1	1	1					1
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius Muller, 1776)	bem-te-vi-rajado	R, MR		L	M, C	F												1	1	1				1
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	neinei	R, MI, MP		L	C	F								1	1	1	1	1						1
<i>Myiozetetes cayanensis erythropterus</i> (Linnaeus, 1766)	bentevizinho-de-asa-ferrugínea	R	EMA	L	C	F															1			1
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	bentevizinho-de-penacho-vermelho	R		L	M, C	F										1			1	1				1
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	suiriri	R, MI, MP		L	C	C								1	1	1	1	1						1
<i>Tyrannus savana</i> Daudin, 1802	tesourinha	R, MR		L	C	C													1	1	1			1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL	
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6		
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	peitica	R, MI, MP		L	C	F							1		1	1	1			1
<i>Conopias trivirgatus</i> (Wied, 1831)	bem-te-vi-pequeno	R		M	C	F					CR					1	1			1
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	viuvinha	R		L	C	F									1	1	1			1
<i>Myiophobus fasciatus</i> (Statius Muller, 1776)	filipe	R, MI, MP		L	U	C									1	1	1	1		1
<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766)	lavadeira-mascarada	R		L	T	A									1	1	1	1		1
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	freirinha	R		M	T, C	A									1	1	1	1		1
<i>Gubernetes yetapa</i> (Vieillot, 1818)	tesoura-do-brejo	R		M	T, C	A									1					1
<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)	guaracavuçu	R		L	U, M	F										1	1			1
<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)	enferrujado	R		M	M	F									1	1	1			1
<i>Contopus cinereus</i> (Spix, 1825)	papa-moscas-cinzento	R, MI, MP		L	U, C	F										1	1			1
<i>Satrapa icterophrys</i> (Vieillot, 1818)	suiriri-pequeno	R, MI, MP		L	M, C	C										1	1	1		1
<i>Xolmis velatus</i> (Lichtenstein, 1823)	noivinha-branca	R, MI, MP		M	T, U	C													1	1
<i>Xolmis irupero</i> (Vieillot, 1823)	noivinha	R		L	T, U	C									1	1	1	1		1
Vireonidae Swainson, 1837																				
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	pitiguari	R		M	M, C	F	TR							1	1	1	1			1
<i>Hylophilus amaurocephalus</i> (Nordmann, 1835)	vite-vite-de-olho-cinza	R, E		M	U, C	F	TR								1	1				1
<i>Hylophilus thoracicus thoracicus</i> Temminck, 1822	vite-vite	R	EMA	H	C	F	TR										1	1		1
<i>Vireo chivi</i> (Vieillot, 1817)	juruviara	R, MI, MP		L	C	F	TR									1	1	1		1
Corvidae Leach, 1820																				
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1823)	gralha-do-campo	R	ECE	M	C	F	TR		NT										1	1
<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821)	gralha-cancã	R, E		M	C	F	TR							1	1					1
Hirundinidae Rafinesque, 1815																				
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-pequena-de-casa	R, MI, MP		L	A	C									1	1	1	1		1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL			
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6				
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora	R, MI, MP		L	A	C									1	1	1	1			1	
<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-do-campo	R, MI, MP		L	A	C									1	1	1				1	
<i>Progne subis</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-azul	VN, MNR		L	A	C											1				1	
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-grande	R, MI, MP		L	A	C									1	1	1	1			1	
<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	andorinha-do-rio	R		L	A	A										1	1	1			1	
<i>Tachycineta leucorrhoa</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-de-sobre-branco	R, MI, MP		L	A	C										1	1	1			1	
<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758	andorinha-de-bando	VN, MNR		L	A	C										1	1				1	
Troglodytidae Swainson, 1831																						
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823	corruira	R		L	T, U	C	TR								1	1	1	1	1		1	
<i>Campylorhynchus turdinus</i> (Wied, 1831)	catatau	R															1	1			1	
<i>Pheugopedius genibarbis</i> (Swainson, 1838)	garrinchão-pai-avô	R		L	U	C										1	1	1	1		1	
Donacobiidae Aleixo & Pacheco, 2006																						
<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	japacanim	R		M	U	A											1	1			1	
Poliptilidae Baird, 1858																						
<i>Ramphocaenus melanurus melanurus</i> Vieillot, 1819	chirito	R	EMA	L	U, M	F											1	1			1	
<i>Poliptila plumbea</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-chapéu-preto	R		L	U, C	F										1					1	
<i>Poliptila dumicola</i> (Vieillot, 1817)	balança-rabo-de-máscara	R		M	U, C	F	TR								1	1					1	
Turdidae Rafinesque, 1815																						
<i>Turdus flavipes flavipes</i> Vieillot, 1818	sabiá-una	R, MI, MP	EMA	M	M, C	F	TR											1	1		1	
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	sabiá-branco	R		L	T, C	F	TR								1	1	1	1	1		1	
<i>Turdus fumigatus</i> Lichtenstein, 1823	sabiá-da-mata	R		M	T, M	F	TR										1	1			1	
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818	sabiá-laranjeira	R		L	T, C	F	TR									1	1	1	1		1	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL			
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6				
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	sabiá-poca	R, MI, MP		L	T, C	F	TR								1	1	1	1			1	
<i>Turdus albicollis crotopezus</i> Lichtenstein, 1823	sabiá-coleira	R	EMA	M	U, M	F									1	1	1				1	
Mimidae Bonaparte, 1853																						
<i>Mimus gilvus</i> (Vieillot, 1807)	sabiá-da-praia	R		L	C	C					EN					1	1				1	
<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	sabiá-do-campo	R		L	C	C									1	1	1	1	1		1	
Motacillidae Horsfield, 1821																						
<i>Anthus lutescens</i> Pucheran, 1855	caminheiro-zumbidor	R		L	T	C									1		1	1	1		1	
Passerellidae Cabanis & Heine, 1850																						
<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico	R		L	T, U	C	TR								1	1	1	1	1		1	
<i>Ammodramus humeralis</i> (Bosc, 1792)	tico-tico-do-campo	R		L	T	C	TR								1	1	1	1	1		1	
<i>Arremon taciturnus taciturnus</i> (Hermann, 1783)	tico-tico-de-bico-preto	R		M	T	F										1	1	1			1	
Parulidae Wetmore, Friedmann, Lincoln, Miller, Peters, van Rossem, Van Tyne & Zimmer 1947																						
<i>Setophaga pitayumi</i> (Vieillot, 1817)	mariquita	R		M	C	F									1	1	1	1	1		1	
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	pia-cobra	R		L	U	A										1	1				1	
<i>Basileuterus culicivorus</i> (Deppe, 1830)	pula-pula	R		M	U, M	F									1	1					1	
<i>Myiothlypis flaveola</i> Baird, 1865	canário-do-mato	R		M	T, U	F									1	1					1	
Icteridae Vigors, 1825																						
<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	japu	R		M	C	F	TR										1		1		1	
<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)	guaxe	R		L	M, C	F	TR								1	1	1	1			1	
<i>Icterus pyrrhopterus</i> (Vieillot, 1819)	encontro	R		M	C	C	TR										1	1			1	
<i>Icterus jamaicai</i> (Gmelin, 1788)	corrupião	R, E	ECA	M	C	C	TR								1	1	1	1	1		1	
<i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	pássaro-preto	R		L	T, C	C	TR									1	1	1	1		1	
<i>Agelasticus cyanopus</i> (Vieillot, 1819)	carretão	R		M	T, U	C	TR										1	1			1	
<i>Chrysomus ruficapillus</i> (Vieillot, 1819)	garibaldi	R		L	T, U	A	TR										1	1	1		1	
<i>Molothrus rufoaxillaris</i> Cassin, 1866	chupim-azeviche	R		L	T	C	TR										1	1			1	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL			
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6				
<i>Molothrus oryzivorus</i> (Gmelin, 1788)	iraúna-grande	R		L	T, C	C	TR									1	1	1				1
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	chupim	R		L	T	C	TR									1	1	1	1			1
<i>Sturnella superciliaris</i> (Bonaparte, 1850)	polícia-inglesa-do-sul	R		L	T, U	C	TR							1		1	1	1				1
Thraupidae Cabanis, 1847																						
<i>Cissopis leverianus</i> (Gmelin, 1788)	tietinga	R		L	U, C	F											1	1				1
<i>Schistochlamys melanopis</i> (Latham, 1790)	sanhaço-de-coleira	R		L	U, C	C											1	1				1
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> (Vieillot, 1817)	bico-de-veludo	R		L	U, C	C										1				1		1
<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	cardeal-do-nordeste	R, E	ECA	L	T, U	C	TR							1	1	1	1	1				1
<i>Tangara brasiliensis</i> (Linnaeus, 1766)	cambada-de-chaves	R, E	EMA	M	C	F	TR										1	1				1
<i>Tangara cyanomelas</i> (Wied, 1830)	saíra-pérola	R, E	EMA	M	C	F	TR										1	1				1
<i>Tangara seledon</i> (Statius Muller, 1776)	saíra-sete-cores	R	EMA	M	C	F	TR										1	1				1
<i>Tangara cyanoventris</i> (Vieillot, 1819)	saíra-douradinha	R, E	EMA	M	C	F	TR									1						1
<i>Tangara sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaço-cinzento	R		L	C	C	TR							1	1	1	1	1				1
<i>Tangara palmarum</i> (Wied, 1821)	sanhaço-do-coqueiro	R		L	C	C	TR							1	1	1	1	1				1
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-amarela	R		M	UC	F	TR									1	1	1	1			1
<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	saíra-de-chapéu-preto	R		L	C	F	TR							1	1	1	1	1				1
<i>Conirostrum speciosum</i> (Temminck, 1824)	figuinha-de-rabo-castanho	R		L	C	F	TR							1	1	1	1	1				1
<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	canário-da-terra	R		L	T	C	TR							1	1	1	1	1				1
<i>Sicalis luteola</i> (Sparrman, 1789)	tipio	R, MI, MP		L	T	C	TR									1	1	1				1
<i>Chlorophanes spiza</i> (Linnaeus, 1758)	saí-verde	R		M	C	F	TR										1	1				1
<i>Hemithraupis flavicollis insignis</i> (Sclater, 1856)	saíra-galega	R	EMA	M	C	F	TR										1	1				1
<i>Hemithraupis ruficapilla</i> (Vieillot, 1818)	saíra-ferrugem	R, E		L	C	F	TR									1	1	1				1
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu	R		L	T, U	C										1	1	1	1			1
<i>Eucometis penicillata</i> (Spix, 1825)	pipira-da-taoca	R		M	U, M	F								1								1
<i>Trichothraupis melanops</i> (Vieillot, 1818)	tiê-de-topete	R		M	U, M	F										1						1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL		
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6			
<i>Coryphospingus pileatus</i> (Wied, 1821)	tico-tico-rei-cinza	R		L	T, U	F	TR							1	1	1	1	1			1
<i>Lanio cristatus brunneus</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-galo	R		M	C	F	TR								1	1	1				1
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	pipira-preta	R		L	U, C	F	TR							1							1
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)	tiê-preto	R	EMA	L	M, C	F	TR									1	1				1
<i>Ramphocelus bresilius</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-sangue	R, E		L	U, M	F	TR									1	1				1
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	saí-andorinha	R, MI, MP		L	C	F									1	1	1	1			1
<i>Cyanerpes cyaneus</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-beija-flor	R		L	C	F	TR									1	1				1
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saí-azul	R		L	C	F	TR								1	1	1	1			1
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	cambacica	R		L	C	F								1	1	1	1	1			1
<i>Tiaris fuliginosus</i> (Wied, 1830)	cigarra-preta	R		L	U, M	F									1	1	1				1
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho	R, MR		L	U	C	TR													1	1
<i>Sporophila frontalis</i> (Verreaux, 1869)	pioxó	R, MI, MP	EMA	M	U	F	TR	VU	VU	CR	EN	EN								1	1
<i>Sporophila collaris</i> (Boddaert, 1783)	coleiro-do-brejo	R		L	U	A	TR									1	1				1
<i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1823)	baiano	R		L	U	C	TR							1	1	1	1				1
<i>Sporophila ardesiaca</i> (Dubois, 1894)	papa-capim-de-costas-cinzas	R, E		M	U	C	TR								1	1	1	1			1
<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1823)	coleirinho	R, MI, MP		L	U	C	TR								1	1	1	1			1
<i>Sporophila albogularis</i> (Spix, 1825)	golinho	R, E		M	U	C	TR							1	1						1
<i>Sporophila leucoptera cinereola</i> (Temminck, 1820)	chorão	R		L	U	C	TR									1	1	1			1
<i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Muller, 1776)	caboclinho	R		M	U	C	TR									1	1				1
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	curió	R		L	U, M	C	TR				CR	CR				1	1				1
<i>Emberizoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	canário-do-campo	R		L	U	C	TR								1	1	1				1
<i>Emberizoides ypiranganus</i> Ihering & Ihering, 1907	canário-do-brejo	R		M	U	C	TR								1						1
<i>Saltatricula atricollis</i> (Vieillot, 1817)	batuqueiro	R	ECE	M	U, C	C	TR								1	1	1				1
<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	tempera-viola	R		L	M, C	F	TR									1	1	1			1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	S. CONSERVAÇÃO					REFERÊNCIAS						TOTAL		
								1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6			
<i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	trinca-ferro	R		L	M, C	F	TR								1				1		1
<i>Thlypopsis sordida</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	saí-canário	R		L	U, C	F	TR								1						1
Cardinalidae Ridgway, 1901																					
<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)	tiê-de-bando	R		H	U, M	F	TR									1	1				1
<i>Caryothraustes canadensis brasiliensis</i> Cabanis, 1851	furriel	R	EMA	M	C	F	TR								1	1	1	1			1
<i>Cyanoloxia brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	azulão	R		M	U	C	TR			CR					1	1	1				1
Fringillidae Leach, 1820																					
<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	fim-fim	R		L	C	C	TR							1	1	1	1	1			1
<i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758)	gaturamo	R		L	C	F	TR							1	1	1	1	1			1
<i>Euphonia xanthogaster xanthogaster</i> Sundevall, 1834	fim-fim-grande	R	EMA	M	U, C	F	TR									1	1				1
<i>Euphonia pectoralis</i> (Latham, 1801)	ferro-velho	R	EMA	M	C	F	TR									1	1				1
Estrildidae Bonaparte, 1850																					
<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758)	bico-de-lacre	R, EXO		L	M, C	C														1	1
Passeridae Rafinesque, 1815																					
<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	pardal	R, EXO		L	T, C	T										1	1	1			1

Status = R – Residente; EXO – Exótica; VN – Visitante do Hemisfério Norte; VS – Visitante do Hemisfério Sul; MR – Migrante Reprodutivo; MNR – Migrante não Reprodutivo; MI – Migrante Interno; MP – Migrante Parcial; E – Restrita a Território Brasileiro; Dist. (Distribuição) = EMA – Endêmica de Mata Atlântica; ECE – Endêmica do Cerrado; ECA – Endêmica da Caatinga; GSAA (Grau de Sensibilidade a Alterações Ambientais) = H – Alta; M – Média; L – Baixa; EPF (Estrato Preferencial de Forrageamento) = C – Copa; M – Médio bosque; U – Sub-bosque; T – Terrestre; W – Aquático; A – Aéreo; AP (Ambiente Preferencial) = F – Florestal; C – Aberto; A – Aquático; T – Urbano consolidado; S.Conservação (Status de Conservação): 1 – MMA (2014); 2 – IUCN (2021); 3 – IEMA (2005); 4 – COPAM (2010); SEMA (2017) = CR – Criticamente em Perigo; EN – Em Perigo; VU – Vulnerável; NT – Near Threatened; Referências: 1 – Dossel (2019); 2 – Ambientari (2018); 3 – Srbek-Araujo *et al.* (2014); 4 – Rolim *et al.*, (2016); 5 – Betzel (2019); 6 - Grupo Ambientalista da Bahia (GAMBA) e Fundação SOS Mata Atlântica (2016).

4.4.3.8.3.2 Dados primários

A 1ª campanha resultou em um total de 188 espécies distribuídas em 21 ordens e 51 famílias. As famílias mais representativas foram Tyrannidae com 23 espécies, Thraupidae com 18 espécies e Psittacidae com 14 espécies. Dentre as 188 espécies, 10 não constam nos dados secundários apresentados para a região, a saber: *Coccyua minuta*, *Ramphastos toco*, *Pyrrhura frontalis chiripepe*, *Myrmorchilus strigilatus*, *Herpsilochmus pileatus*, *Herpsilochmus longirostris*, *Hypoedaleus guttatus*, *Cantorchilus leucotis*, *Cantorchilus longirostris longirostris* e *Sporophila plumbea*. As demais espécies (178 espécies) correspondem a 36,1% do total de espécies presentes nos dados secundários (Quadro 4-17).

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



Quadro 4-17; Lista de dados primários do grupo Avifauna.

NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL		
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5			
Tinamiformes Huxley, 1872																					
Tinamidae Gray, 1840																					
<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827)	inambu-chororó	R		L	T	C	CIN	Z						2	4			5	5		16
<i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815)	inambu-chintã	R		L	T	F	CIN	Z						2		6		5	2		15
<i>Rhynchotus rufescens</i> (Temminck, 1815)	perdiz	R		L	T	C	CIN	Z						2	2						4
<i>Nothura maculosa</i> (Temminck, 1815)	codorna-amarela	R		L	T	C	CIN	Z							2						2
Anseriformes Linnaeus, 1758																					
Anatidae Leach, 1820																					
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	ananaí	R, MI, MP		L	W	A	CIN	V							2						2
Galliformes Linnaeus, 1758																					
Cracidae Rafinesque, 1815																					
<i>Penelope superciliaris</i> Temminck, 1815	jacupemba	R		M	T	F	CIN	V											1		1
<i>Ortalis araucuan</i> (Spix, 1825)	aracua-de-barriga-branca	R, E	EMA	M	U, C	F	CIN	V							5	2					7
Suliformes Sharpe, 1891																					
Phalacrocoracidae Reichenbach, 1849																					
<i>Nannopterum brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	biguá	R, MI, MP		L	W	A	CIN	V							4						4
Anhingidae Reichenbach, 1849																					
<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	biguatinga	R, MI, MP		M	W	A		V							2						2
Pelecaniformes Sharpe, 1891																					
Ardeidae Leach, 1820																					
<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	socó-boi	R, MI, MP		M	T, W	A		V							2			2			4
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	garça-vaqueira	R		L	T	C		V								5				15	20
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	garça-branca	R, MI, MP		L	T, W	A		V						1		3			8		12

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	
<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	maria-faceira	R		M	T	C		V, Z									2	2	4
<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	garça-real	R		M	T, W	A		V								2			2
Cathartiformes Seebohm, 1890																			
Cathartidae Lafresnaye, 1839																			
<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha	R, MI, MP		L	T, A	C		V						3	6	4	10	6	29
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	urubu-de-cabeça-amarela	R		M	T, A	C		V						5	6			2	13
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu	R		L	T, A	C		V						25	14	27	23	19	108
Accipitriformes Bonaparte, 1831																			
Accipitridae Vigors, 1824																			
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	gavião-peneira	R		L	C, A	C		V						2					2
<i>Geranospiza caerulescens</i> (Vieillot, 1817)	gavião-pernilongo	R		M	M, C	F		V						4	2				6
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 1790)	gavião-caboclo	R		L	T, C	C		V						2					2
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó	R		L	C	F		V, Z						4	5	12	15	1	37
<i>Geranoaetus albicaudatus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-de-rabo-branco	R		L	T	C		V						2		1		4	7
Gruiformes Bonaparte, 1854																			
Rallidae Rafinesque, 1815																			
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)	saracura-do-mato	R	EMA	M	T	F	CIN	V, Z							4		2		6
<i>Mustelirallus albicollis</i> (Vieillot, 1819)	sanã-carijó	R		M	T	A	CIN	Z									6	2	8
Charadriiformes Huxley, 1867																			
Charadriidae Leach, 1820																			
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	quero-quero	R, MI, MP		L	T	A		V, Z						11	10	13	27	38	99
Recurvirostridae Bonaparte, 1831																			
<i>Himantopus mexicanus</i> (Statius Muller, 1776)	pernilongo-de-costas-negras	R, MI, MP		M	T	A		V							2				2
Jacanidae Cheny & Des Murs, 1854																			

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	jaçanã	R, MI, MP		L	T	A	CIN	V, Z							3	2	4		9
Columbiformes Latham, 1790																			
Columbidae Leach, 1820																			
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1810)	rolinha	R		L	T	F	CIN	C, V, Z						2	9	4	17	18	50
<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	fogo-apagou	R		L	T	F	CIN	C, V, Z						2	39	2	32	25	100
<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	asa-branca	R		M	C	C	CIN	V, Z						10	17	22	40	17	106
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonaterre, 1792)	pomba-galega	R		M	C	F	CIN	V, Z						2					2
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	pomba-amargosa	R		H	C	F	CIN	V, Z					VU	3					3
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	juriti-pupu	R		L	T, U	F	CIN	C, Z						3		25	44	30	102
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	juriti-de-testa-branca	R		M	T	F	CIN	Z								3			3
Cuculiformes Wagler, 1830																			
Cuculidae Leach, 1820																			
<i>Coccyzua minuta</i> (Vieillot, 1817)	chincão-pequeno	R		L	U, M	F		V							1				1
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato	R		L	C	F		V, Z						2			2		4
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	anu-preto	R		L	T, C	C		V, Z						3	5	20	18	12	58
<i>Gura gura</i> (Gmelin, 1788)	anu-branco	R		L	T	C		V, Z						1	1	7	13	8	30
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	saci	R		L	T, U	F		Z									17	2	19
Strigiformes Wagler, 1830																			
Strigidae Leach, 1820																			
<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	corujinha-do-mato	R		L	C	F		Z							4				4
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	murucutu-de-barriga-amarela	R	EMA	H	C	F		Z										2	2
<i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1782)	coruja-buraqueira	R		M	T	C		V, Z								2	2	2	6
Caprimulgiformes Ridgway, 1881																			
Caprimulgidae Vigors, 1825																			
<i>Antrostomus rufus</i> (Boddaert, 1783)	joão-corta-pau	R		L	T	F		Z										2	2

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	bacurau	R		L	T	F		V, Z						2	2	2	6	2	14
<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)	bacurau-tesoura	R		L	T	C		V									4		4
Apodiformes Peters, 1940																			
Trochilidae Vigors, 1825																			
<i>Glaucis hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-bico-torto	R		L	U	F		C										1	1
<i>Phaethornis pretrei</i> (Lesson & Delattre, 1839)	rabo-branco-acanelado	R		L	U	F		C, V							2	1			3
<i>Chlorostilbon lucidus</i> (Shaw, 1812)	besourinho-de-bico-vermelho	R		L	U, C	C		V									2		2
<i>Amazilia lactea</i> (Lesson, 1832)	beija-flor-de-peito-azul	R		L	M, C	F		V									2		2
<i>Heliomaster squamosus</i> (Temminck, 1823)	bico-reto-de-banda-branca	R, E, MI, MP		M	C	F		C						1					1
Trogoniformes A. O. U., 1886																			
Trogonidae Lesson, 1828																			
<i>Trogon viridis melanopterus</i> Swainson, 1838	surucua-de-barriga-amarela	R	EMA	M	C	F	TR	Z										2	2
Coraciiformes Forbes, 1844																			
Alcedinidae Rafinesque, 1815																			
<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-grande	R		L	U, C	A		V, Z								2	2	3	7
Galbuliformes Fürbringer, 1888																			
Galbulidae Vigors, 1825																			
<i>Galbula ruficauda</i> Cuvier, 1816	ariramba	R		L	M	F		C, V, Z						13	3	14	13		43
Bucconidae Horsfield, 1821																			
<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	rapazinho-dos-velhos	R, E		M	C	F		Z						2					2
Piciformes Meyer & Wolf, 1810																			
Ramphastidae Vigors, 1825																			
<i>Ramphastos toco</i> Statius Muller, 1776	tucanuçu	R		M	C	F	TR	V										1	1

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL	
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5		
<i>Ramphastos vitellinus ariel</i> Vigors, 1826	tucano-de-bico-preto	R		M	C	F	TR	V, Z		VU								6	6	
<i>Pteroglossus aracari wiedii</i> Sturm & Sturm, 1847	araçari-de-bico-branco	R	EMA	M	C	F	TR	V										2	2	4
Picidae Leach, 1820																				
<i>Picumnus cirratus</i> Temminck, 1825	picapauzinho-barrado	R		L	M, C	F		V, Z							3	4	5	2	14	
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	pica-pau-branco	R		L	M, C	C		V, Z							4	2	2	9	17	
<i>Veniliornis maculifrons</i> (Spix, 1824)	picapauzinho-de-testa-pintada	R, E	EMA	M	C	F		V, Z						2		2		2	6	
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-do-campo	R		L	T, C	C		V						2	7	3	15	19	46	
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-de-banda-branca	R		L	C	C		Z										1	1	
Cariamiformes Fürbringer, 1888																				
Cariamidae Bonaparte, 1850																				
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	seriema	R		M	T	C		V, Z						2	14	7	5	16	44	
Falconiformes Bonaparte, 1831																				
Falconidae Leach, 1820																				
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	carcará	R		L	T	C		V						7		16	1	2	26	
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	carrapateiro	R		L	T, C	C		V							6	5	5	8	24	
<i>Herpotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	acauã	R		L	C	F		V, Z							2	7		4	13	
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758	quiriquiri	R		L	T, C	C		V									2		2	
<i>Falco femoralis</i> Temminck, 1822	falcão-de-coleira	R		L	T, C	C		V									3		3	
Psittaciformes Wagler, 1830																				
Psittacidae Rafinesque, 1815																				
<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)	maracanã	R		M	C	F	TR	V, Z		NT				1			24		25	
<i>Diopsittaca nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-pequena	R					TR	V, Z							2		6		8	
<i>Psittacara leucophthalmus</i> (Statius Muller, 1776)	periquitão	R		L	C	F	TR	V, Z						3	10	37	13	3	66	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL	
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5		
<i>Aratinga auricapillus</i> (Kuhl, 1820)	jandaia-de-testa-vermelha	R, E		M	C	F	TR	V, Z			NT	VU			12	15	9	3		39
<i>Eupsittula aurea</i> (Gmelin, 1788)	periquito-rei	R		M	U,C	C	TR	V, Z						1	18	14	4	9		46
<i>Eupsittula cactorum</i> (Kuhl, 1820)	periquito-da-caatinga	R, E	ECA	M	C	C	TR	C, V, Z						12	35	1				48
<i>Pyrrhura frontalis chiripepe</i> (Vieillot, 1818)	tiriba	R	EMA	M	C	F	TR	V										2		2
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	tuim	R		L	C	F	TR	V, Z						1		1	4			6
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1788)	periquito-verde	R, E	EMA	L	C	F	TR	V, Z						5	12	9	2			28
<i>Pionus maximiliani</i> (Kuhl, 1820)	maitaca	R		M	C	F	TR	V, Z							2				2	4
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	papagaio-de-peito-roxo	R	EMA	M	C	F	TR	V, Z	VU	EN	CR	VU	CR			2				2
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)	papagaio-moleiro	R		M	C	F	TR	V, Z		NT		CR	VU	2	6	33	44	14		99
<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	curica	R		M	C	F	TR	V, Z							2					2
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio	R		M	C	F	TR	V, Z							2				6	8
Passeriformes Linnaeus, 1758																				
Thamnophilidae Swainson, 1824																				
<i>Myrmorchilus strigilatus</i> (Wied, 1831)	tem-farinha-aí	R	ECA	M	T	F		Z						2						2
<i>Myrmotherula axillaris luctuosa</i> Pelzeln, 1868	choquinha-de-flanco-branco	R	EMA	M	U, M	F		Z										2		2
<i>Formicivora melanogaster</i> Pelzeln, 1868	formigueiro-de-barriga-preta	R		M	U, M	F		Z							2					2
<i>Dysithamnus mentalis mentalis</i> (Temminck, 1823)	choquinha-lisa	R	EMA	M	U, M	F		Z						3			2			5
<i>Herpsilochmus pileatus</i> (Lichtenstein, 1823)	chorozinho-de-boné	R, E	EMA	H	U	F		Z							2					2
<i>Herpsilochmus longirostris</i> Pelzeln, 1868	chorozinho-de-bico-comprido	R	ECE	M	C	F		Z								2				2
<i>Herpsilochmus rufimarginatus scapularis</i> (Wied, 1831)	chorozinho-de-asa-vermelha	R		M	C	F		Z									2	7		9
<i>Thamnophilus pelzelni</i> Hellmayr, 1924	choca-do-planalto	R, E		L	U, M	C		Z							10					10
<i>Thamnophilus ambiguus</i> Swainson, 1825	choca-de-sooretama	R, E	EMA	M	U, M	F		C, Z						2	8	3	25	20		58

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	
<i>Thamnophilus caeruleus caeruleus</i> Vieillot, 1816	choca-da-mata	R	EMA	L	U, M	F		Z							2			2	4
<i>Taraba major</i> (Vieillot, 1816)	choró-boi	R		L	U	F		Z					4	4	7	8			23
<i>Hypoedaleus guttatus</i> (Vieillot, 1816)	chocão-carijó	R	EMA	H	C	F		Z									2		2
<i>Pyriglena leucoptera</i> (Vieillot, 1818)	papa-taoca-do-sul	R	EMA	M	U	F		C, V, Z							1				1
Conopophagidae Sclater & Salvin, 1873																			
<i>Conopophaga melanops melanops</i> (Vieillot, 1818)	cuspidor-de-máscara-preta	R, E	EMA	H	U	F		V										2	2
Dendrocolaptidae Gray, 1840																			
<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-verde	R		M	M	F		Z					11	1					12
<i>Xiphorhynchus fuscus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-rajado	R		H	U, M	F		C					1						1
<i>Lepidocolaptes squamatus</i> (Lichtenstein, 1822)	arapaçu-escamoso	R, E	EMA	H	M, C	F		Z					9			2			11
Xenopidae Bonaparte, 1854																			
<i>Xenops rutilans</i> Temminck, 1821	bico-virado-carijó	R		M	C	F		V					2						2
Furnariidae Gray, 1840																			
<i>Furnarius figulus</i> (Lichtenstein, 1823)	casaca-de-couro-da-lama	R, E		L	T	C		V, Z					7	21	1				29
<i>Furnarius leucopus</i> Swainson, 1838	casaca-de-couro-amarelo	R		L	T	C		C, V, Z						3		2			5
<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)	joão-de-barro	R		L	T	C		V, Z					2	2	7	14	15		40
<i>Pseudoseisura cristata</i> (Spix, 1824)	casaca-de-couro	R, E	ECA	M	T, C	F		V, Z						4					4
<i>Phacellodomus rufifrons</i> (Wied, 1821)	joão-de-pau	R		M	U, C	C		C, V, Z					19	26	33	10	13		101
<i>Synallaxis albescens</i> Temminck, 1823	uí-pi	R		L	U	C		Z					11	14	16	10	2		53
<i>Synallaxis frontalis</i> Pelzel, 1859	petrim	R		L	U	F		V, Z					10	4	1				15
Pipridae Rafinesque, 1815																			
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)	rendeira	R		L	U	F	TR	C, Z							4		2		6
Tityridae Gray, 1840																			
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	caneleiro-preto	R		L	C	F		Z							2				2

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL		
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5			
Platyrinchidae Bonaparte, 1854																					
<i>Platyrinchus mystaceus canchromus</i> Temminck, 1820	patinho	R		M	U	F		Z						2							2
Rhynchocyclidae Berlepsch, 1907																					
<i>Leptopogon amaurocephalus</i> Tschudi, 1846	cabeçudo	R		M	U, M	F		C, V, Z							2	1					3
<i>Tolmomyias flaviventris</i> (Wied, 1831)	bico-chato-amarelo	R		L	C	F		C, V, Z						10	21	9	20	13			73
<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)	teque-teque	R, E	EMA	L	M, C	F		V									2				2
<i>Todirostrum cinereum</i> (Linnaeus, 1766)	ferreirinho-relógio	R		L	U, C	C		V, Z						2	23	12	22	2			61
Tyrannidae Vigors, 1825																					
<i>Hirundinea ferruginea</i> (Gmelin, 1788)	gibão-de-couro	R		L	C	C		V											3		3
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	risadinha	R		L	C	C		Z						19	32	26	24	13			114
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	guaracava-de-barriga-amarela	R		L	C	C		Z						6	2	24	11	20			63
<i>Elaenia chiriquensis</i> Lawrence, 1865	chibum	R, MI, MP		L	C	C		Z						3							3
<i>Elaenia obscura</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	tucão	R		M	M, C	F		Z							4						4
<i>Myiopagis caniceps</i> (Swainson, 1835)	guaracava-cinzenta	R		M	C	F		Z									1				1
<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein, 1823)	marianinha-amarela	R		L	U, M	F		Z							2	2					4
<i>Phaeomyias murina</i> (Spix, 1825)	bagageiro	R		L	C	F		Z						2	3						5
<i>Phyllomyias fasciatus</i> (Thunberg, 1822)	piolhinho	R		M	C	F		Z									4				4
<i>Myiarchus ferox ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira	R, MI, MP		L	M, C	F		Z								2			2		4
<i>Myiarchus tyrannulus</i> (Statius Muller, 1776)	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado	R		L	M, C	F		V, Z						7	8	4	11	4			34
<i>Sirystes sibilator</i> (Vieillot, 1818)	gritador	R		M	C	F		Z								2					2
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi	R		L	T, C	F		V, Z						29	39	42	44	54			208
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	neinei	R, MI, MP		L	C	F		Z							9	3	10	5			27

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	
<i>Myiozetetes cayanensis erythropterus</i> (Linnaeus, 1766)	bentevizinho-de-asa-ferrugínea	R	EMA	L	C	F		Z						2	5	6		7	20
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	bentevizinho-de-penacho-vermelho	R		L	M, C	F		Z						3	5	12	6	14	40
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	suiriri	R, MI, MP		L	C	C		V, Z						7	9	23	34	21	94
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	peitica	R, MI, MP		L	C	F		V										4	4
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	viuvinha	R		L	C	F		V					3		3				6
<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766)	lavadeira-mascarada	R		L	T	A		V						5	2			11	18
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	freirinha	R		M	T, C	A		V										2	2
<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)	enferrujado	R		M	M	F		Z									3		3
<i>Xolmis irupero</i> (Vieillot, 1823)	noivinha	R		L	T, U	C		V						3					3
Vireonidae Swainson, 1837																			
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	pitiguari	R		M	M, C	F	TR	V, Z					6		1	1		8	16
<i>Hylophilus amaurocephalus</i> (Nordmann, 1835)	vite-vite-de-olho-cinza	R, E		M	U, C	F	TR	V, Z										3	3
<i>Vireo chivi</i> (Vieillot, 1817)	juruvicara	R, MI, MP		L	C	F	TR	V, Z									10	9	19
Corvidae Leach, 1820																			
<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821)	gralha-cancã	R, E		M	C	F	TR	V, Z						11					11
Hirundinidae Rafinesque, 1815																			
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora	R, MI, MP		L	A	C		V					4	5	10	10		5	34
<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-do-campo	R, MI, MP		L	A	C		V									2	2	4
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-grande	R, MI, MP		L	A	C		V									2		2
<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	andorinha-do-rio	R		L	A	A		V								2			2
Troglodytidae Swainson, 1831																			
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823	corruíra	R		L	T, U	C		V, Z					5		11	15		29	60

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	
<i>Pheugopedius genibarbis</i> (Swainson, 1838)	garrinchão-pai-avô	R		L	U, C	F		V, Z						5	2	23		5	35
<i>Cantorchilus leucotis</i> (Lafresnaye, 1845)	garrinchão-de-barriga-vermelha	R		L	U	F		V, Z										4	4
<i>Cantorchilus longirostris longirostris</i> (Vieillot, 1819)	garrinchão-de-bico-grande	R, E	EMA	L	U	F		V, Z						1	2	12	16	4	35
Donacobiidae Aleixo & Pacheco, 2006																			
<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	japacanim	R		M	U	A		V, Z						1		1			2
Poliopitilidae Baird, 1858																			
<i>Polioptila plumbea</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-chapéu-preto	R		L	U, C	F		V, Z						8	5	2	8	2	25
<i>Polioptila dumicola</i> (Vieillot, 1817)	balança-rabo-de-máscara	R		M	U, C	F		V, Z										1	1
Turdidae Rafinesque, 1815																			
<i>Turdus flavipes flavipes</i> Vieillot, 1818	sabiá-una	R, MI, MP	EMA	M	M, C	F	TR	V, Z										5	5
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	sabiá-branco	R		L	T, C	F	TR	V, Z						27	22	25	10	39	123
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818	sabiá-laranjeira	R		L	T, C	F	TR	V, Z						3	4	6	2	11	26
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	sabiá-poca	R, MI, MP		L	T, C	F	TR	C, V, Z						7	1		12		20
<i>Turdus albicollis crotopezus</i> Lichtenstein, 1823	sabiá-coleira	R	EMA	M	U, M	F	TR	V, Z								4			4
Mimidae Bonaparte, 1853																			
<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	sabiá-do-campo	R		L	C	C		V, Z						1	2	1	2	12	18
Motacillidae Horsfield, 1821																			
<i>Anthus lutescens</i> Pucheran, 1855	caminheiro-zumbidor	R		L	T	C		Z						2			5		7
Passerellidae Cabanis & Heine, 1850																			
<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico	R		L	T, U	C	TR	V, Z						14	2			1	17
<i>Arremon taciturnus taciturnus</i> (Hermann, 1783)	tico-tico-de-bico-preto	R		M	T	F	TR	Z						2					2

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL		
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5			
Parulidae Wetmore, Friedmann, Lincoln, Miller, Peters, van Rossem, Van Tyne & Zimmer 1947																					
<i>Setophaga pitiayumi</i> (Vieillot, 1817)	mariquita	R		M	C	F		V, Z							6	2	1	2			11
<i>Basileuterus culicivorus</i> (Deppe, 1830)	pula-pula	R		M	U, M	F		V, Z						11		14					25
<i>Myiothlypis flaveola</i> Baird, 1865	canário-do-mato	R		M	T, U	F		C, Z						4	5	1	1				11
Icteridae Vigors, 1825																					
<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	japu	R		M	C	F	TR	V, Z							4				3		7
<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)	guaxe	R		L	M, C	F	TR	V, Z						1		12	5	12			30
<i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788)	corrupião	R, E	ECA	M	C	C	TR	V						2	15	1	10	9			37
<i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	pássaro-preto	R		L	T, C	C	TR	V, Z						5	5	2	11	1			24
Thraupidae Cabanis, 1847																					
<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	cardeal-do-nordeste	R, E	ECA	L	T, U	C	TR	V						2	12		2	2			18
<i>Tangara sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaço-cinzento	R		L	C	C		V						2	2	2	13	3			22
<i>Tangara palmarum</i> (Wied, 1821)	sanhaço-do-coqueiro	R		L	C	C		V						2	3		7	8			20
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-amarela	R		M	U, C	F	TR	V, Z						7	11	5	10	1			34
<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	saíra-de-chapéu-preto	R		L	C	F		V, Z							4		3				7
<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	canário-da-terra	R		L	T	C	TR	V						7	8	5	2	20			42
<i>Hemithraupis ruficapilla</i> (Vieillot, 1818)	saíra-ferrugem	R, E		L	C	F		V, Z							2						2
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu	R		L	T, U	C		V						1	3	3	1	2			10
<i>Trichothraupis melanops</i> (Vieillot, 1818)	tiê-de-topete	R		M	U, M	F		V						4							4
<i>Coryphospingus pileatus</i> (Wied, 1821)	tico-tico-rei-cinza	R		L	T, U	F	TR	C, V						2	29	1	10				42
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)	tiê-preto	R	EMA	L	M, C	F	TR	V								3					3
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	saí-andorinha	R, MI, MP		L	C	F		V							3		2	4			9
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	cambacica	R		L	C	F		V, Z						1		3					4

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



NOME DO TÁXON	NOME EM PORTUGUÊS	STATUS	DIST.	GSAA	EPF	AP	EICON	TR	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL
									1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho	R, MR		L	U	C	TR	V									1		1
<i>Sporophila plumbea</i> (Wied, 1830)	patativa	R		M	U	C	TR	V							3	4		2	9
<i>Sporophila caerulea</i> (Vieillot, 1823)	coleirinho	R, MI, MP		L	U	C	TR	V									2		2
<i>Emberizoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	canário-do-campo	R		L	U	C		V, Z						1		3	8		12
<i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	trinca-ferro	R		L	M, C	F	TR	Z						9		12	4	3	28
Fringillidae Leach, 1820																			
<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	fim-fim	R		L	C	C	TR	V, Z						9	13	8	8	15	53
Estrildidae Bonaparte, 1850																			
<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758)	bico-de-lacre	R, EXO		L	M, C	C		V										5	5

Status = R – Residente; EXO – Exótica; VN – Visitante do Hemisfério Norte; VS – Visitante do Hemisfério Sul; MR – Migrante Reprodutivo; MNR – Migrante não Reprodutivo; MI – Migrante Interno; MP – Migrante Parcial; E – Restrita a Território Brasileiro; Dist. (Distribuição) = EMA – Endêmica de Mata Atlântica; ECE – Endêmica do Cerrado; ECA – Endêmica da Caatinga; GSAA (Grau de Sensibilidade a Alterações Ambientais) = H – Alta; M – Média; L – Baixa; EPF (Estrato Preferencial de Forrageamento) = C – Copa; M – Médio bosque; U – Sub-bosque; T – Terrestre; W – Aquático; A – Aéreo; AP (Ambiente Preferencial) = F – Florestal; C – Aberto; A – Aquático; T – Urbano consolidado; EICON (Espécies de Importância Econômica) = CIN – Cinegéticas; TR – Visadas pelo Tráfego; TR (Tipo de Registro): C – Captura; V – Visualização; Z – Zoofonia; S.Conservação (Status de Conservação): 1 – MMA (2014); 2 – IUCN (2021); 3 – IEMA (2005); 4 – COPAM (2010); SEMA (2017) = CR – Criticamente em Perigo; EN – Em Perigo; VU – Vulnerável; NT – Near Threatened.

4.4.3.8.3.2.1 Distribuição

Segundo Brown e Lomolino (1998), os padrões de distribuição geográfica das espécies estão relacionados a fatores ecológicos e/ou históricos. No mundo todo, os padrões de distribuição geográfica de espécies endêmicas têm sido utilizados na identificação de áreas prioritárias para conservação. Com as iniciativas governamentais para a conservação da natureza, o projeto de Corredores Ecológicos do Ministério do Meio Ambiente, identificou três corredores principais na região da Mata Atlântica: Corredor Central da Mata Atlântica (estados da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais), Corredor da Serra do Mar (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais); e Corredor da Biodiversidade do Alto Rio Paraná (estados do Rio grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, e Paraguai e Argentina) (BENCKE *et al.*, 2006).

Nestes corredores, projetos de desenvolvimento sustentável e outros mecanismos orientam o uso da terra para a manutenção das conexões ecológicas entre as Unidades de Conservação e remanescentes florestais. Desde o ano 2000 a BirdLife International vem trabalhando com ações e estratégias de conservação da natureza e, a partir de 2001 deu-se início a definição de áreas com maior importância para a conservação da Avifauna – IBAs. Desde então, 163 Important Birds Areas – IBAs no domínio da Mata Atlântica foram definidas, das quais 11 estão localizadas no estado do Espírito Santo, 25 estão localizadas no estado de Minas Gerais e 33 estão localizadas no estado da Bahia. O traçado da LT não intercepta diretamente nenhuma IBA, no entanto, cinco IBAs estão situadas dentro da Área de Estudo, sendo elas MG04, MG/BA 02, BA31, ES01 e ES02.

Neste contexto, para as 188 espécies registradas em campo, 24 (12,7%) são endêmicas do bioma Mata Atlântica, cinco (2,6%) são endêmicas do bioma Caatinga e uma é endêmica do bioma Cerrado. Destas, 11 foram registradas no Unidade Amostral 1, 12 na Unidade Amostral 2, 13 na Unidade Amostral 3, 10 na Unidade Amostral 4 e 15 na Unidade Amostral 5 (Quadro 4-18).

Quadro 4-18: Lista de aves com distribuição restrita.

NOME DO TÁXON	DIST.	UA					TOTAL
		1	2	3	4	5	
<i>Ortalis araucuan</i> (Spix, 1825)	EMA		5	2			7
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)	EMA		4		2		6
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	EMA					2	2
<i>Trogon viridis melanopterus</i> Swainson, 1838	EMA					2	2
<i>Pteroglossus aracari wiedii</i> Sturm & Sturm, 1847	EMA				2	2	4
<i>Veniliornis maculifrons</i> (Spix, 1824)	EMA	2		2		2	6
<i>Eupsittula cactorum</i> (Kuhl, 1820)	ECA	12	35	1			48
<i>Pyrrhura frontalis chiripepe</i> (Vieillot, 1818)	EMA					2	2
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1788)	EMA	5	12	9	2		28
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	EMA			2			2
<i>Myrmorchilus strigilatus</i> (Wied, 1831)	ECA	2					2
<i>Myrmotherula axillaris luctuosa</i> Pelzeln, 1868	EMA					2	2
<i>Dysithamnus mentalis mentalis</i> (Temminck, 1823)	EMA	3			2		5
<i>Herpsilochmus pileatus</i> (Lichtenstein, 1823)	EMA		2				2
<i>Herpsilochmus longirostris</i> Pelzeln, 1868	ECE			2			2

NOME DO TÁXON	DIST.	UA					TOTAL
		1	2	3	4	5	
<i>Thamnophilus ambiguus</i> Swainson, 1825	EMA	2	8	3	25	20	58
<i>Thamnophilus caerulescens caerulescens</i> Vieillot, 1816	EMA		2			2	4
<i>Hypoedaleus guttatus</i> (Vieillot, 1816)	EMA					2	2
<i>Pyriglena leucoptera</i> (Vieillot, 1818)	EMA			1			1
<i>Conopophaga melanops melanops</i> (Vieillot, 1818)	EMA					2	2
<i>Lepidocolaptes squamatus</i> (Lichtenstein, 1822)	EMA	9			2		11
<i>Pseudoseisura cristata</i> (Spix, 1824)	ECA		4				4
<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)	EMA				2		2
<i>Myiozetetes cayanensis erythropterus</i> (Linnaeus, 1766)	EMA	2	5	6		7	20
<i>Cantorchilus longirostris longirostris</i> (Vieillot, 1819)	EMA	1	2	12	16	4	35
<i>Turdus flavipes flavipes</i> Vieillot, 1818	EMA					5	5
<i>Turdus albicollis crotopezus</i> Lichtenstein, 1823	EMA			4			4
<i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788)	ECA	2	15	1	10	9	37
<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	ECA	2	12		2	2	18
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)	EMA			3			3

Dist. (Distribuição) = EMA – Endêmica de Mata Atlântica; ECA – Endêmica da Caatinga; ECE – Endêmica do Cerrado.

4.4.3.8.3.2.2 Ambiente preferencial x extrato de forrageamento x sensibilidade a alterações

Como reflexo da paisagem encontrada nas Unidades Amostrais, dentre as 188 espécies registradas em campo, a maioria (112 espécies – 59,5%) está diretamente relacionada aos ambientes florestais. As espécies que ocupam áreas abertas e/ou ambientes antropizados, menos exigentes no tocante a qualidade dos habitats, totalizaram 60. As espécies relacionadas aos ambientes aquáticos totalizaram 15 (Gráfico 4-4).

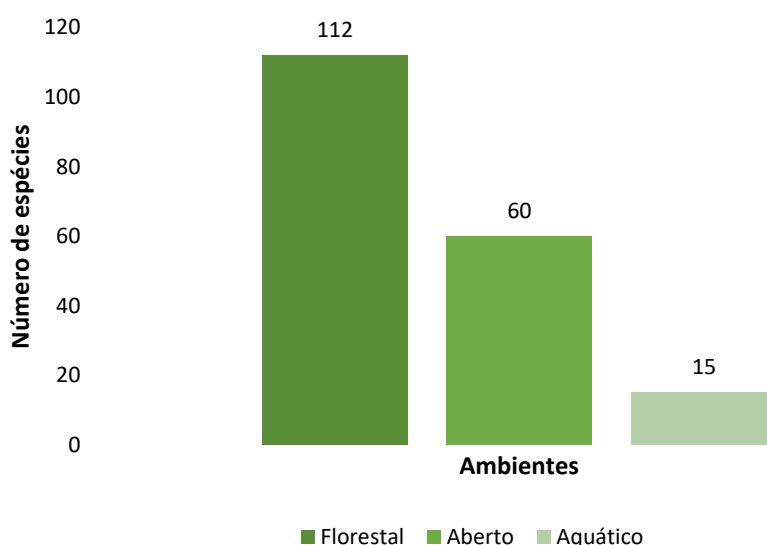


Gráfico 4-4: Número de espécies por ambiente preferencial, grupo Avifauna.

Uma das melhores maneiras de identificar as espécies de aves mais susceptíveis a impactos relacionados aos empreendimentos lineares, tais como linhas de transmissão, no tocante ao efeito barreira gerado, perda e fragmentação de habitats, isolamento populacional e consequentes extinções locais, é através do estrato preferencial de forrageamento das espécies x sensibilidade a alterações ambientais. Neste sentido, as espécies florestais terrestres e/ou que utilizam o sub-bosque estão entre as mais susceptíveis. Dentre as 112 espécies florestais registradas em campo 48 apresentam este tipo de comportamento, das quais 25 são restritas ao sub-bosque e ou terrestres. Tais informações quando cruzadas com a questão da sensibilidade a alterações ambientais, permitem aferir quais espécies serão impactadas diretamente com a implantação do empreendimento. Desta forma, dentre as 25 espécies restritas ao sub-bosque/terrestres, duas espécies destacam-se, a saber: *Herpsilochmus pileatus* e *Conopophaga melanops melanops*. Segundo Goosem (1997), em ambientes isolados a extinção local de populações é algo frequente e o retorno destas espécies ao remanescente só é possível através da recolonização que, por sua vez, depende diretamente da proximidade e conectividade com áreas fonte e da qualidade dos habitats matriz. Somadas as duas espécies citadas anteriormente, um total de sete espécies foram classificadas com alta sensibilidade a alterações ambientais e estão mais susceptíveis aos impactos relacionados a implantação do empreendimento (Quadro 4-19).

Quadro 4-19: Espécies com alta sensibilidade a alterações ambientais, grupo Avifauna.

NOME DO TÁXON	GSAA	EPF	AP	UA					TOTAL
				1	2	3	4	5	
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	H	C	F	3					3
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	H	C	F					2	2
<i>Herpsilochmus pileatus</i> (Lichtenstein, 1823)	H	U	F		2				2
<i>Hypoedaleus guttatus</i> (Vieillot, 1816)	H	C	F					2	2
<i>Conopophaga melanops melanops</i> (Vieillot, 1818)	H	U	F					2	2
<i>Xiphorhynchus fuscus</i> (Vieillot, 1818)	H	U, M	F	1					1
<i>Lepidocolaptes squamatus</i> (Lichtenstein, 1822)	H	M, C	F	9			2		11

GSAA (Grau de Sensibilidade a Alterações Ambientais) = H – Alta sensibilidade; EPF (Estrato Preferencial de Forrageamento) = C – Copa; M – Médio bosque; U – Sub-bosque.

Outras características biológicas e comportamentais, tais como tamanho corpóreo e migração, quando analisadas em conjunto, permitem aferir análises mais robustas sobre os impactos ambientais relacionados a probabilidade de colisão com as estruturas. As aves que utilizam as estruturas das linhas de transmissão como recurso (como poleiro para forrageio e/ou reprodução), envolvem tanto espécies não-passeriformes como passeriformes, principalmente aquelas relacionadas a áreas abertas/antropizadas, menos exigentes no tocante a qualidade dos habitats. Dentre as espécies registradas em campo estão os representantes da família Hirundinidae (andorinhas), alguns dos representantes da família Falconidae (falcões), família Cathartidae (urubus) e alguns dos representantes das famílias Accipitridae (gaviões), Columbidae (pombas e rolas) e Tyrannidae.

Quanto aos impactos relacionados a possíveis colisões com a rede elétrica, estes, segundo Pereira (2014), ocorrem com maior frequência em locais denominados “corredores de voo”, tais como travessias de rios de grande porte e áreas alagadas. As aves mais susceptíveis a colisão, estão entre os não-passeriformes, são as aves de maior porte (tamanho corpóreo e envergadura), predadoras, migratórias e/ou associadas a ambientes aquáticos. Dentre as 188 espécies registradas em campo, 45 enquadram-se nestes quesitos (Quadro 4-20).

Quadro 4-20: Aves mais susceptíveis a colisão com a rede elétrica.

NOME DO TÁXON	EPF	AP	UA					TOTAL
			1	2	3	4	5	
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	W	A		2				2
<i>Nannopterum brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	W	A		4				4
<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	W	A		2				2
<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	T, W	A		2		2		4
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	T	C			5		15	20
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	T, W	A	1		3		8	12
<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	T	C				2	2	4
<i>Ptilerodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	T, W	A			2			2
<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	T, A	C	3	6	4	10	6	29
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	T, A	C	5	6			2	13
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	T, A	C	25	14	27	23	19	108
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	C, A	C	2					2
<i>Geranospiza caerulescens</i> (Vieillot, 1817)	M, C	F	4	2				6
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 1790)	T, C	C	2					2
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	C	F	4	5	12	15	1	37
<i>Geranoaetus albicaudatus</i> (Vieillot, 1816)	T	C	2		1		4	7
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	T	A	11	10	13	27	38	99
<i>Himantopus mexicanus</i> (Statius Muller, 1776)	T	A		2				2
<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	C	C	10	17	22	40	17	106
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1792)	C	F	2					2
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	C	F	3					3
<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	U, C	A			2	2	3	7
<i>Ramphastos toco</i> Statius Muller, 1776	C	F					1	1
<i>Ramphastos vitellinus ariel</i> Vigors, 1826	C	F					6	6
<i>Pteroglossus aracari wiedii</i> Sturm & Sturm, 1847	C	F				2	2	4
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	C	C					1	1
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	T	C	2	14	7	5	16	44
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	T	C	7		16	1	2	26
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	T, C	C		6	5	5	8	24
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	C	F		2	7		4	13
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758	T, C	C				2		2
<i>Falco femoralis</i> Temminck, 1822	T, C	C			3			3
<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)	C	F	1			24		25

NOME DO TÁXON	EPF	AP	UA					TOTAL	
			1	2	3	4	5		
<i>Diopsittaca nobilis</i> (Linnaeus, 1758)				2			6		8
<i>Psittacara leucophthalmus</i> (Statius Muller, 1776)	C	F	3	10	37	13	3		66
<i>Aratinga auricapillus</i> (Kuhl, 1820)	C	F	12	15	9	3			39
<i>Eupsittula aurea</i> (Gmelin, 1788)	U, C	C	1	18	14	4	9		46
<i>Eupsittula cactorum</i> (Kuhl, 1820)	C	C	12	35	1				48
<i>Pyrrhura frontalis chiripepe</i> (Vieillot, 1818)	C	F						2	2
<i>Brotoyeris tirica</i> (Gmelin, 1788)	C	F	5	12	9	2			28
<i>Pionus maximiliani</i> (Kuhl, 1820)	C	F		2				2	4
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	C	F			2				2
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)	C	F	2	6	33	44	14		99
<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	C	F		2					2
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	C	F		2				6	8

Com base nas características da paisagem, 16 pontos se destacam por reunirem condições ambientais que os classifica como de maior suscetibilidade a colisões da avifauna com a LT (Quadro 4-21). Esses locais são caracterizados por serem pontos onde o traçado da linha intercepta rios e/ou apresentam relevo acentuado, com a presença de fragmentos de vegetação nativa. O Programa de Anticolisão da Avifauna deverá averiguar os pontos aqui indicados, para a escolha dos trechos da linha a receberem sinalizadores anticolisão.

Quadro 4-21: Pontos de maior suscetibilidade a colisões da avifauna com a LT.

CÓD	COORDENADAS			OBSERVAÇÃO
1	24K	352515	7816321	Rio Piraquê-Açu, Área de relevo acentuado
2	24K	353063	7838931	Rio Doce
3	24K	356773	7849154	Rio Terra Alta
4	24K	358760	7868626	Rio Iiritimirim, Área de relevo acentuado
5	24K	358872	7889963	Rio São José
6	24K	360789	7915137	Rio Barra Seca
7	24K	361870	7930051	Rio Cricaré
8	24K	360908	7945546	Rio Cotaxé
9	24K	361919	7958672	Rio Itauninha
10	24K	366561	8009206	Rio Itaúnas
11	24K	368435	8022444	Rio Mucuri
12	24K	373538	8075457	Rio Alcobaça
13	24K	372858	8094700	Área de relevo acentuado, remanescentes de vegetação nativa
14	24K	371743	8134892	Rio do Prado, área de relevo acentuado
15	24K	365333	8213900	Rio Jequitinhonha
16	24K	357021	8296313	Rio Pardo

4.4.3.8.3.2.3 Sazonalidade

A questão da sazonalidade pode ser considerada um fator determinante sobre populações de aves, pois está diretamente relacionada a disponibilidade de recursos tróficos oferecidos pelo ecossistema tais como proteção e alimento, principalmente nas regiões onde as estações são bem definidas. Já as migrações normalmente estão relacionadas a deslocamentos associados à busca de boas condições para se alimentar e reproduzir. As espécies que migram dentro do território brasileiro são classificadas, segundo Sick (1997), como residentes-migratórias. Já as espécies que migram de outros países para o Brasil são denominadas visitantes segundo Piacentini *et al.*, (2015).

Durante o inverno, normalmente a disponibilidade de recursos torna-se mais escassa, o que promove o deslocamento de espécies para outras áreas em busca de melhores condições para se alimentar e/ou reproduzir. As aves que não migram, ou seja, que permanecem em seus habitats, tornam-se menos ativas, buscando equilibrar os gastos energéticos com a disponibilidade desses recursos, o que dificulta sua identificação, podendo interferir diretamente nos resultados obtidos em inventários.

Dentre as 188 espécies registradas em campo, 24 foram classificadas como migratórias. Destas, apenas *Sporophila lineola* apresenta-se como Migrante Reprodutivo. As demais espécies (23 espécies) foram classificadas como Migrantes Internos/Migrantes Parciais, ou seja, espécies residentes-migratórias, aquelas que realizam deslocamentos dentro do território (Quadro 4-22)

Quadro 4-22: Lista de aves migratórias registradas em campo.

NOME DO TÁXON	STATUS	UA					TOTAL
		1	2	3	4	5	
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	R, MI, MP		2				2
<i>Nannopterum brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	R, MI, MP		4				4
<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	R, MI, MP		2				2
<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	R, MI, MP		2		2		4
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	R, MI, MP	1		3		8	12
<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	R, MI, MP	3	6	4	10	6	29
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	R, MI, MP	11	10	13	27	38	99
<i>Himantopus mexicanus</i> (Statius Muller, 1776)	R, MI, MP		2				2
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	R, MI, MP		3	2	4		9
<i>Heliomaster squamosus</i> (Temminck, 1823)	R, E, MI, MP		1				1
<i>Elaenia chiriquensis</i> Lawrence, 1865	R, MI, MP	3					3
<i>Myiarchus ferox ferox</i> (Gmelin, 1789)	R, MI, MP			2		2	4
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	R, MI, MP		9	3	10	5	27
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	R, MI, MP	7	9	23	34	21	94
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	R, MI, MP					4	4
<i>Vireo chivi</i> (Vieillot, 1817)	R, MI, MP				10	9	19
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	R, MI, MP	4	5	10	10	5	34
<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	R, MI, MP				2	2	4
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	R, MI, MP				2		2
<i>Turdus flavipes flavipes</i> Vieillot, 1818	R, MI, MP					5	5

NOME DO TÁXON	STATUS	UA					TOTAL
		1	2	3	4	5	
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	R, MI, MP	7	1		12		20
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	R, MI, MP		3		2	4	9
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	R, MR				1		1
<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1823)	R, MI, MP				2		2

R – Residente; MI – Migrante Interno; MP – Migrante Parcial; MR – Migrante Reprodutivo.

4.4.3.8.3.2.4 Espécies ameaçadas de extinção

Segundo ICMBio (2018), dentre as 1.979 espécies/subespécies avaliadas para o grupo de avifauna, 236 estão presentes em pelo uma das categorias de ameaça. Destas, 42 estão presentes na categoria Criticamente em Perigo, 72 na categoria Em Perigo e 120 na categoria Vulnerável. As principais ameaças estão relacionadas a perda, fragmentação e/ou diminuição da qualidade dos habitats, associadas principalmente a atividades agropecuárias, seguidas pela expansão urbana, implantação de empreendimentos para geração de energia, tais como barragens e represas, parque eólicos e linhas de transmissão, poluição industrial urbana e agrícola (agrotóxicos) e pela caça, pesca e captura, esta última, envolvendo o tráfico de animais.

Quanto a distribuição das espécies ameaçadas pelos biomas brasileiros, o bioma Mata Atlântica destaca-se dos demais no quesito espécies ameaçadas, mesmo sendo detentora da 2ª maior biodiversidade de aves do Brasil (1.092 espécies de aves com 213 endemismos). Atualmente, as ameaças mais comuns são a agropecuária, a expansão urbana desordenada, a exploração predatória de madeiras e diversas espécies vegetais, comercialização de animais silvestres, fragmentação das áreas preservadas, a industrialização, pesca predatória, turismo desordenado, o consumo excessivo, produção de lixo e poluição.

Dentre as 188 espécies registradas em campo, destacam-se cinco quanto ao status de ameaça, a saber: *Patagioenas plumbea*, *Ramphastos vitellinus ariel*, *Aratinga auricapillus*, *Amazona vinacea* e *Amazona farinosa*. Além destas citadas, destaca-se *Primolius maracana*, espécie incluída na categoria *Near Threatened* da lista apresentada pela IUCN (2021). Esta categoria engloba espécies cujas populações estão em declínio (Quadro 4-23).

Quadro 4-23: Lista de aves ameaçadas de extinção registradas em campo.

NOME DO TÁXON	S. CONSERVAÇÃO					UA					TOTAL
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)					VU	3					3
<i>Ramphastos vitellinus ariel</i> Vigors, 1826		VU								6	6
<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)		NT				1			24		25
<i>Aratinga auricapillus</i> (Kuhl, 1820)		NT	VU			12	15	9	3		39
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	VU	EN	CR	VU	CR			2			2
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)		NT		CR	VU	2	6	33	44	14	99

S. Conservação (Status de Conservação) 1 – MMA, 2014; 2 – IUCN, 2021; 3 – IEMA, 2005; 4 – COPAM, 2010; 5 – SEMA, 2017 = CR – Criticamente em Perigo; EN – Em Perigo; VU – Vulnerável; NT – *Near Threatened*.

4.4.3.8.3.2.5 Espécies de importância econômica

As espécies de importância econômica englobam as espécies cinegéticas e aquelas visadas pelo tráfico de animais silvestres. Conforme mencionado anteriormente, segundo ICMBio (2018), a caça e captura de indivíduos (tráfico de animais) se apresentam como um dos principais fatores do declínio populacional de muitas espécies.

As espécies cinegéticas, são apreciadas por caçadores e comumente utilizadas na culinária pela população. Dentre estas espécies, as registradas em campo foram os representantes das famílias Tinamidae, Anatidae, Cracidae, Phalacrocoracidae, Rallidae, Jacanidae e Columbidae.

Quanto as espécies visadas pelo tráfico, as cores, o canto e a inteligência estão entre os principais atrativos. Segundo Ribeiro e Silva (2007), o tráfico de animais constitui o 3º maior comércio ilícito do mundo, perdendo apenas para o tráfico de drogas e armas. Como exemplo, o trabalho de Nunes, Barreto e Franco (2012) apresenta uma lista das espécies de aves mais traficadas, elaborada com base em processos administrativos do IBAMA de Santa Catarina entre janeiro de 2008 e junho de 2010, a qual apresenta as espécies *Saltator similis*, *Sporophila caerulescens*, *Sicalis flaveola*, *Sporophila angolensis*, *Sporophila frontalis*, *Turdus rufiventris*, *Cyanoloxia brissonii*, *Zonotrichia capensis*, *Sporophila plumbea* e *Sporagra magellanica* como as mais representativas, totalizam cerca de 56% dos 2.534 exemplares obtidos. Outro trabalho similar feito no estado de Minas Gerais (SOUZA; VILELA; CAMARA, 2014), um estudo quali-quantitativo das espécies de aves encaminhadas ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) do IBAMA de Belo Horizonte/Minas Gerais no período de janeiro a dezembro de 2008, analisou 11.318 aves distribuídas em 2.391 termos de recebimentos. Destas, 2.114 eram da espécie *Sicalis flaveola*, 1.975 da espécie *Saltator similis*, 1.109 da espécie *Sporophila nigricollis*, 826 da espécie *Sporophila caerulescens*, 521 da espécie *Zonotrichia capensis*, 404 da espécie *Cyanoloxia brissonii*, 370 da espécie *Gnorimopsar chopi*, 295 da espécie *Amazona aestiva*, 265 da espécie *Turdus leucomelas* e 205 da espécie *Psittacara leucophthalmus*. Juntas, estas 10 espécies corresponderam a aproximadamente 71,4% da lista apresentada.

Para os dados obtidos em campo, constam as espécies *Psittacara leucophthalmus*, *Amazona aestiva*, *Turdus leucomelas*, *Zonotrichia capensis*, *Gnorimopsar chopi*, *Sicalis flaveola*, *Sporophila plumbea*, *Sporophila caerulescens* e *Saltator similis*. Além destas, todos os representantes da família Psittacidae e Ramphastidae, sofrem com perda de indivíduos na natureza em função da retirada de ninhos e filhotes.

Desta forma, no total, juntando as espécies cinegéticas e aquelas visadas pelo tráfico, foram contabilizadas 62 espécies de importância econômica.

4.4.3.8.3.2.6 Espécies bioindicadoras

Dentre as espécies registradas com ocorrência comprovada para a abrangência do empreendimento, 29 se enquadram em pelo menos um dos quesitos apresentados na metodologia. Destas, sete possuem alta sensibilidade a alterações ambientais, cinco estão ameaçadas de extinção, 24 são endêmicas de Mata Atlântica e duas são espécies florestais com alta sensibilidade a alterações ambientais restritas ao sub-bosque/terrestre em seus forrageamentos.

Destacam-se entre as 29 espécies, aquelas que englobam ao menos três dos quatro quesitos apresentados na metodologia, são elas: *Herpsilochmus pileatus* e *Conopophaga melanops melanops* (Quadro 4-24).

Quadro 4-24: Lista de aves bioindicadoras registradas em campo.

NOME DO TÁXON	QUESITOS				UA					TOTAL
	1	2	3	4	1	2	3	4	5	
<i>Ortalis araucuan</i> (Spix, 1825)			X			5	2			7
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)			X			4		2		6
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	X	X			3					3
<i>Pulsatrix koenigswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	X		X						2	2
<i>Trogon viridis melanocephalus</i> Swainson, 1838			X						2	2
<i>Ramphastos vitellinus ariel</i> Vigors, 1826		X							6	6
<i>Pteroglossus aracari wiedii</i> Sturm & Sturm, 1847			X				2	2	2	4
<i>Veniliornis maculifrons</i> (Spix, 1824)			X		2		2		2	6
<i>Aratinga auricapillus</i> (Kuhl, 1820)		X			12	15	9	3		39
<i>Pyrrhura frontalis chiripepe</i> (Vieillot, 1818)			X						2	2
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1788)			X		5	12	9	2		28
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)		X	X				2			2
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)		X			2	6	33	44	14	99
<i>Myrmotherula axillaris luctuosa</i> Pelzeln, 1868			X						2	2
<i>Dysithamnus mentalis mentalis</i> (Temminck, 1823)			X		3			2		5
<i>Herpsilochmus pileatus</i> (Lichtenstein, 1823)	X		X	X		2				2
<i>Thamnophilus ambiguus</i> Swainson, 1825			X		2	8	3	25	20	58
<i>Thamnophilus caerulescens caerulescens</i> Vieillot, 1816			X			2			2	4
<i>Hypoedaleus guttatus</i> (Vieillot, 1816)	X		X						2	2
<i>Pyrgilena leucoptera</i> (Vieillot, 1818)			X				1			1
<i>Conopophaga melanops melanops</i> (Vieillot, 1818)	X		X	X					2	2
<i>Xiphorhynchus fuscus</i> (Vieillot, 1818)	X				1					1
<i>Lepidocolaptes squamatus</i> (Lichtenstein, 1822)	X		X		9			2		11
<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)			X					2		2
<i>Myiozetetes cayanensis erythropterus</i> (Linnaeus, 1766)			X		2	5	6		7	20
<i>Cantorchilus longirostris longirostris</i> (Vieillot, 1819)			X		1	2	12	16	4	35
<i>Turdus flavipes flavipes</i> Vieillot, 1818			X						5	5
<i>Turdus albicollis crotopezus</i> Lichtenstein, 1823			X				4			4
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)			X				3			3

4.4.3.8.3.2.7 Riqueza e abundância

A riqueza regional, contabilizando dados primários e secundários, foi de 502 espécies. Destas 492 constam nos dados secundários e 188 nos dados primários. As 188 espécies registradas em campo estão distribuídas em 3.745 indivíduos.

Quanto a riqueza local, no comparativo das Unidades Amostrais, esta manteve-se equilibrada, variando de 102 espécies na Unidade Amostral 5 (54,2% do total de espécies inventariadas) a 92 espécies na Unidade Amostral 1 (48,9% do total de espécies inventariadas) (Quadro 4-25).

Quadro 4-25: Riqueza e Abundância do grupo das Aves por Unidade Amostral.

PARÂMETROS	UA1	UA2	UA3	UA4	UA5
Riqueza	92	101	96	98	102
Abundância	479	768	755	918	825

No tocante a questão da distribuição das abundâncias entre as espécies registradas em campo, destacaram-se como as mais representativas: *Pitangus sulphuratus* (5,5%), *Turdus leucomelas* (3,28%), *Camptostoma obsoletum* (3%), *Coragyps atratus* (2,88%) e *Patagioenas picazuro* (2,83%).

Para as espécies citadas no parágrafo anterior, as mais abundantes do estudo, estas são espécies consideradas “generalistas”, mais adaptadas a diferentes recursos e condições, capazes de atravessar facilmente os habitats matriz e facilmente enquadradas nos modelos que descrevem a estrutura espacial das populações, a saber: metapopulação, fonte-poço e paisagem. A questão do isolamento entre parcelas de habitats está diretamente relacionada às características biológicas e comportamentais das espécies envolvidas. Segundo Ricklefs (2011), quando uma grande área é fracionada em fragmentos, algumas espécies tornam-se mais abundantes, enquanto outras tornam-se mais raras ou desaparecem por completo. Para as espécies florestais não restritas ao sub-bosque, teoricamente, estas possuem uma melhor capacidade de voo, e conseqüentemente, uma maior facilidade de atravessar os habitats matriz. Para as espécies restritas ao sub-bosque, especificamente os insetívoros de sub-bosque, a pouca capacidade de voo, somada a questões ecológicas e comportamentais, acabam por exigir dos habitats matriz uma mínima disponibilidade de recursos (SIMBERLOFF; ABELLE, 1982; WILCOVE; ROBINSON, 1990).

Caso não haja um mínimo de conexão entre os remanescentes, estas estão sujeitas ao isolamento, perda da variabilidade genética e, conseqüentemente, extinções locais. Para estas espécies, até mesmo estreitas clareiras lineares, abertas no interior de uma floresta para servirem de estradas por exemplo, podem funcionar como barreiras para a dispersão destas espécies (GOOSEM, 1997). Desta forma, quando a dispersão é limitada, as diferentes partes de uma população se comportam independentemente umas das outras e a disputa por recursos dentro do fragmento torna-se intensa (RICKLEFS, 2011), resultando na dominância de algumas espécies em detrimento de outras, ou seja, a diversidade do habitat diminui por uma redução da riqueza. Neste contexto, de maneira geral, em virtude de grande parte das espécies registradas estarem associadas aos ambientes florestais, pode-se dizer que a comunidade de aves da região tende a sofrer de alguma forma com efeito barreira gerado pela perda e fragmentação de habitats em virtude da implantação do empreendimento.

Uma das melhores forma de ilustrar a distribuição das abundâncias de espécies é através da curva de dominância de espécie ou curva da componente dominância, na qual as espécies são dispostas de forma sequencial da mais abundante para a menos abundante. Vale ressaltar que os modelos biológicos são mecanicistas e tentam relacionar a forma como o espaço total de nicho é dividido entre as espécies em uma assembleia. O padrão resultante foi Log, apontando uma uniformidade intermediária com sobreposição de nicho e alta competição (Quadro 4-25).

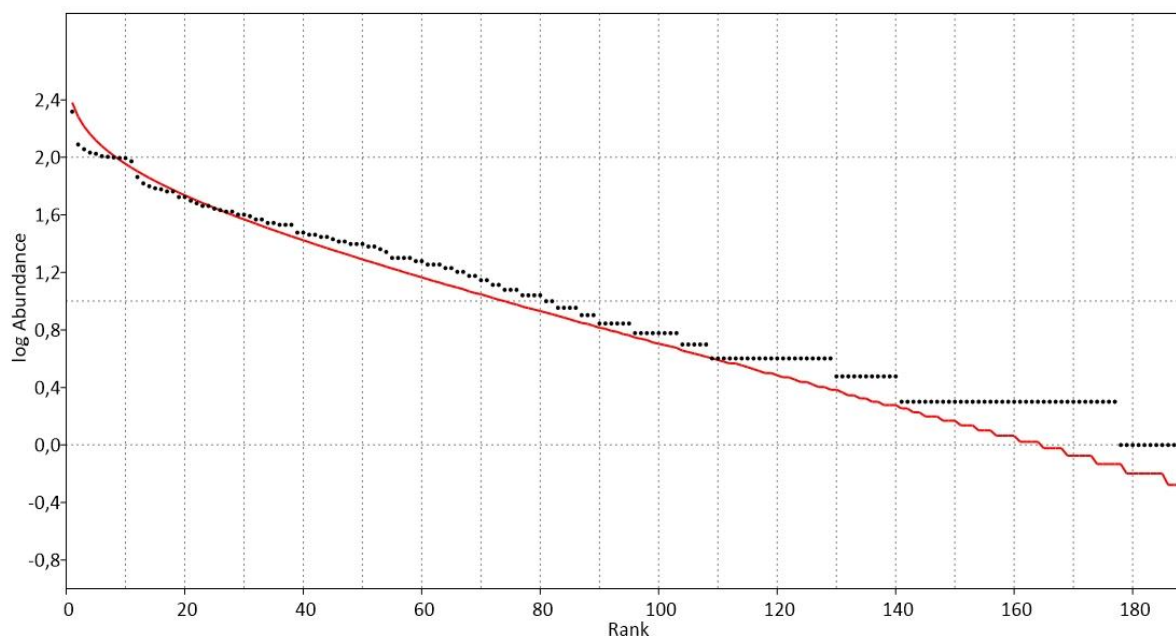


Gráfico 4-5: Curva de dominância do grupo Avifauna.

4.4.3.8.3.2.8 Sucesso metodológico x suficiência amostral

Ao analisar o sucesso metodológico, pode-se aferir as metodologias mais eficientes para determinados grupos faunísticos, servindo como base para estudos posteriores. Neste contexto, o método Censo Pontual de Abundância de Indivíduos e Espécies destacou-se dos demais métodos com 16,5556 indivíduos-censo. Para o método Lista de Mackinnon, este apresentou-se com 16,2222 indivíduos horas-dia. O método Captura com Redes de neblina foi o menos representativo com 0,003111 indivíduos-m².

A melhor maneira de se ilustrar o quão suficiente foi a amostragem de um estudo com fauna, é através da curva de acúmulo de espécies. Tais dados ainda podem ser complementados através de estimadores de riqueza. A curva de acúmulo de espécies apresentada foi elaborada considerando cada Unidade Amostral uma amostra, totalizando cinco amostras. A linha verde-escuro representa os dados obtidos em campo (dados primários) e a linha verde-clara o estimador de riqueza Jackknife de 1ª ordem.

A tendência ainda ascendente de ambas as curvas apresentadas, corroborada pelo intervalo entre os valores apresentados para a riqueza obtida (n=188) e a riqueza estimada (n=244,8) (Gráfico 4-6), sugere que novas espécies podem vir a ser descritas com novas amostragens. De qualquer forma, segundo Barros (2007), a estabilização da curva é bastante difícil, pois muitas espécies raras costumam ser adicionadas após muitas amostragens, sobretudo em regiões tropicais.

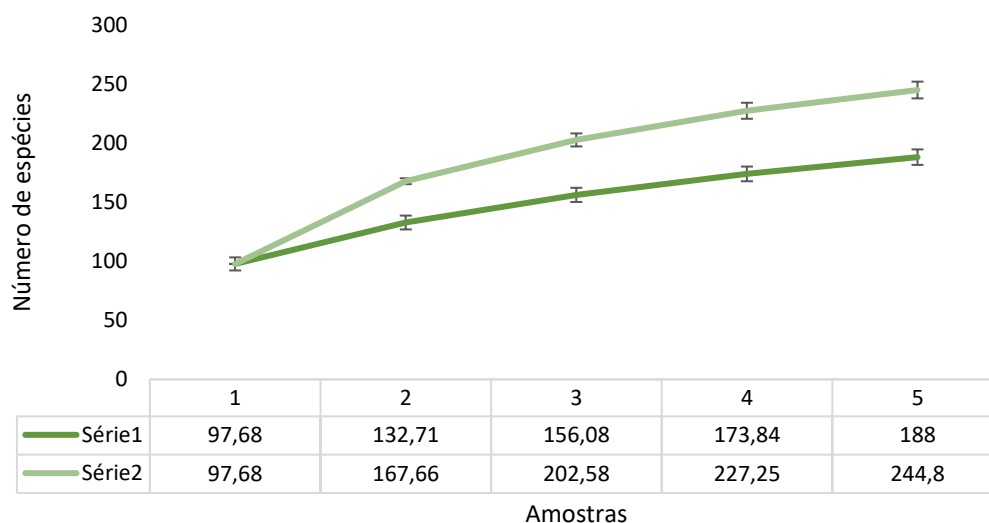


Gráfico 4-6: Curva de rarefação do grupo Avifauna.

4.4.3.8.3.2.9 Diversidade

No comparativo dos dois Unidades Amostrais, os valores obtidos para Índice de Shannon apresentaram-se relativamente equilibrados, variando de $H' = 4,166$ na Unidade Amostral 2 a $H' = 4,049$ na Unidade Amostral 3. O mesmo equilíbrio foi observado para o Índice de Pielou, variando de $J' = 0,9073$ na Unidade Amostral 1 a $J' = 0,8871$ na Unidade Amostral 3. Em ambos os casos a Unidade Amostral 3 destacou-se como a menos diversa e equilibrada, fatos que podem ser atribuídos a baixa representatividade de remanescentes naturais, baixa conectividade e a baixa qualidades dos habitats. De maneira geral, os valores obtidos para cada Unidade Amostral apontam uma alta diversidade regional (Quadro 4-25).

Quadro 4-26: : Parâmetros de Diversidade do grupo Avifauna.

PARÂMETROS	UA1	UA2	UA3	UA4	UA5
Shannon_H	4,103	4,166	4,049	4,115	4,142
Equitability_J	0,9073	0,9028	0,8871	0,8976	0,8956

4.4.3.8.3.2.10 Similaridade

A similaridade é calculada com o intuito de avaliar o quanto as Unidades Amostrais se assemelham no tocante a composição de espécies e distribuição das abundâncias. Neste contexto, dentre as 188 espécies analisadas, 40 foram comuns a todas as Unidades Amostrais. Estas 40 espécies estão distribuídas em 2.354 indivíduos, o que corresponde a aproximadamente 62,8% do total de indivíduos contabilizados no estudo. No tocante a composição de espécies, os cálculos apontaram uma similaridade em torno de 50% entre as Unidades Amostrais, atribuída principalmente a características fitofisionômicas distintas de cada Unidade Amostral, sugerindo uma que cada Unidade Amostral possui uma Avifauna peculiar e uma alta diversidade regional (Quadro 4-27 e Gráfico 4-7).

Quadro 4-27: Matriz de similaridade do grupo Avifauna.

	UA1	UA2	UA3	UA4	UA5
UA1	*	45,1128	54,0984	49,6063	41,6058
UA2	*	*	47,0149	45,2555	42,9577
UA3	*	*	*	49,2308	50
UA4	*	*	*	*	49,2537
UA5	*	*	*	*	*

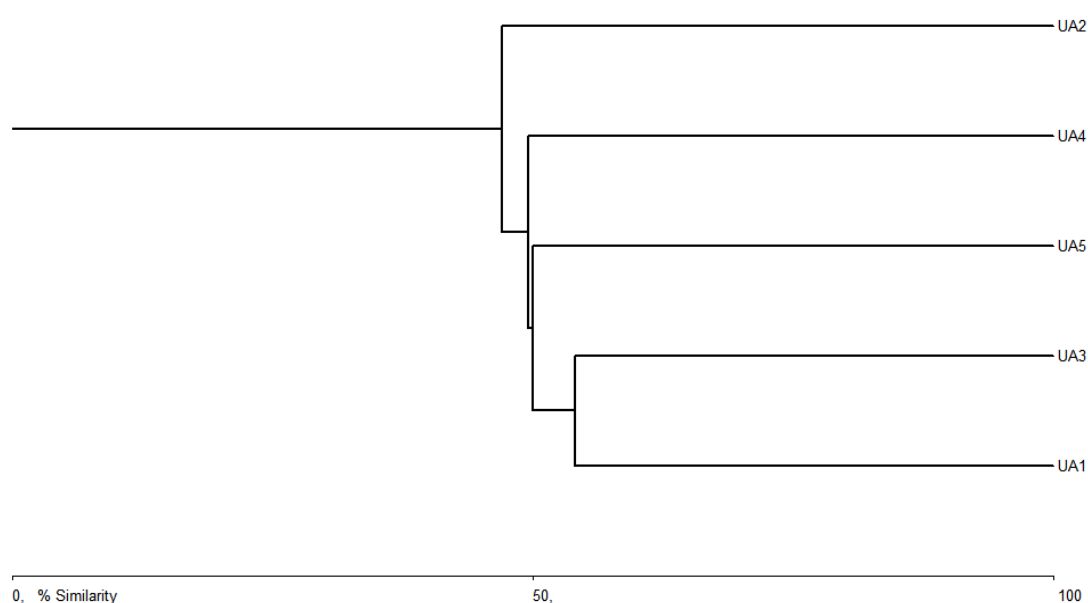


Gráfico 4-7: Dendrograma de similaridade do grupo Avifauna.

4.4.3.8.3.2.11 Considerações finais

Para o empreendimento em questão, a Avifauna pode ser impactada de diversas formas, diretamente ou indiretamente. Os impactos negativos, diretos e indiretos, estão relacionados principalmente a interferências no fluxo gênico, resultante da perda e fragmentação do hábitat, com influência nas populações da avifauna.

Considerando que a dinâmica populacional é espacial e temporal, mesmo em ambientes preservados, e que ações antrópicas interferem diretamente na estrutura dessa dinâmica, pode-se aferir que a questão do isolamento entre fragmentos e ou parcelas de hábitats está diretamente relacionada às características biológicas e comportamentais das espécies envolvidas. Caso os fragmentos estejam distantes e não haja um mínimo de conexão entre os eles, muitas espécies estão sujeitas ao isolamento, perda da variabilidade genética e, conseqüentemente, diminuição de populações locais. Para espécies florestais, principalmente insetívoro de sub-bosque, até mesmo estreitas clareiras lineares, abertas no interior de uma floresta para servirem de estradas por exemplo, podem funcionar como barreiras para a sua dispersão (GOOSEM, 1997).

Pode-se concluir que a realização desta campanha alcançou seus objetivos propostos, principalmente no que diz respeito ao aumento do conhecimento no tocante a composição de espécies da Avifauna na área de estudo. Com a realização da próxima campanha e cumpridas as amostragens nas diferentes estações sazonais, espera-se que haja registro de novas espécies de mais difícil observação, como mostrado na curva de acumulação de espécies para todos os grupos, possibilitando maior conhecimento, a caracterização da distribuição espacial/temporal das espécies e como o empreendimento pode influenciar na Avifauna local.

4.4.3.9 MASTOFAUNA TERRESTRE

4.4.3.9.1 Introdução

Mamíferos são animais com temperatura corpórea constante, possuem pelos em pelo menos algum momento da vida, glândulas sudoríparas, sebáceas e mamárias. Apresentam grande variação em sua anatomia, biologia, ecologia e comportamento. São amplamente distribuídos pelo planeta, mas sua maior diversidade é concentrada nas zonas tropicais.

A grande variedade de biomas do Brasil possibilita uma elevada riqueza da flora e da fauna, fazendo do Brasil o país com a maior biodiversidade do planeta, com aproximadamente 14% da biodiversidade mundial e a maior diversidade de mamíferos (COSTA *et al.*, 2005). No mundo são reconhecidas atualmente 6.495 espécies de mamíferos, de acordo com o *Mammal Diversity Database* - ASM (2018). Para o Brasil, estudos realizados por Paglia *et al.*, (2012) indicam a ocorrência de 701 espécies, distribuídas em 243 Gêneros, 50 Famílias e 12 Ordens.

O bioma Mata Atlântica abriga aproximadamente 250 espécies de mamíferos, sendo 55 endêmicas (VARJABEDIAN, 2010).

O conhecimento sobre a mastofauna se encontra desequilibrado, com algumas ordens menos conhecidas que outras e muitas lacunas ainda precisam ser descobertas. Espera-se que o número de espécies aumente conforme os inventários sejam intensificados e análises citogenéticas e moleculares sejam implementadas (SABINO & PRADO, 2005). Além disso, grande parte da mastofauna está seriamente ameaçada pelas atividades humanas, especialmente em regiões com intensa atividade agrícola (TROLLE *et al.*, 2007; LESSA *et al.*, 2008; DRUMOND *et al.*, 2005). Pelo fato de desempenharem diversas funções que afetam a manutenção dos ecossistemas, tais como polinização e dispersão de espécies vegetais e controle do tamanho de populações de roedores e pragas, os mamíferos são ótimos indicadores de qualidade e alterações ambientais (MACHADO *et al.*, 1998).

4.4.3.9.2 Métodos de amostragem

Entre mamíferos, existe uma variação muito grande de tamanho corpóreo, hábitos de vida e preferências de habitat. Por isso, pesquisas e inventários de mamíferos requerem a utilização de várias metodologias específicas para diferentes grupos de espécies (PARDINI *et al.*, 2006). Para as amostragens da mastofauna terrestre (mamíferos não voadores de pequeno, médio e grande porte), em cada unidade amostral foram

utilizados os métodos padronizados de Armadilhas de Intercepção e Queda (AIQ) (as mesmas utilizadas na amostragem da herpetofauna), Armadilhas de Contenção Viva (*live traps*), Procura Ativa e Armadilhas Fotográficas (*camera traps*).

4.4.3.9.2.1 Armadilhas de intercepção e queda (AIQ)

Consiste em conjuntos formados, cada um, por quatro baldes plásticos com capacidade para 60 litros, dispostos em “Y”, distanciados dez metros um do outro, enterrados com suas aberturas no nível do solo e interligadas por cercas-guia, construídas em tela plástica preta de 50 cm altura (CECHIN e MARTINS, 2000). Em conjunto com o grupo Herpetofauna, as armadilhas foram instaladas em cada ponto amostral. As armadilhas foram revisadas diariamente e permaneceram abertas durante quatro noites por Unidade Amostral (Quadro 4-28).

O esforço amostral empregado foi de 48 baldes-dia para cada Unidade Amostral (4 baldes por ponto amostral *3 conjuntos de AIQ por Unidade Amostral *4 noites) e 240 baldes-dia por campanha (4 baldes por ponto amostral *3 conjuntos de AIQ por Unidade Amostral *4 noites *5 UA).

Quadro 4-28: Coordenadas das Armadilhas de Intercepção e Queda para o diagnóstico do grupo de Mastofauna.

U.A.	PONTO AMOSTRAL	COORDENADAS (UTM – SIRGAS 2000)		
UA 5	P1	24K	352673	7813506
UA 5	P2	24K	352720	7813469
UA 5	P3	24K	352772	7813513
UA 4	P1	24K	359643	7891514
UA 4	P2	24K	360089	7891323
UA 4	P3	24K	358944	7892385
UA 3	P1	24K	373836	8093808
UA 3	P2	24K	373807	8093823
UA 3	P3	24K	373733	8093823
UA 2	P1	24K	366296	8212675
UA 2	P2	24K	366488	8212897
UA 2	P3	24K	366513	8213177
UA 1	P1	24L	349628	8375666
UA 1	P2	24L	349775	8375525
UA 1	P3	24L	350911	8375535

4.4.3.9.2.2 Armadilhas de contenção viva (*live traps*)

Comumente utilizado como método de amostragem em levantamentos da mastofauna, direcionado para a captura de mamíferos de pequeno porte este método consiste na instalação de armadilhas de contenção viva (*live traps*) em cada ponto amostral. As armadilhas foram iscadas com uma mistura de frutas, pasta de amendoim, fubá e sardinha e foram revisadas diariamente. Os espécimes capturados

foram cuidadosamente retirados das armadilhas e, após os procedimentos de identificação (coleta das medidas biométricas) e marcação foram soltos no mesmo local de captura.

Em cada ponto amostral foram utilizadas 10 Shermans e cinco Tomahawks, equidistantes 10 metros, totalizando 15 armadilhas por ponto amostral e permaneceram abertas durante quatro noites. Desta forma, o esforço amostral empregado para este método foi de 60 armadilhas-noite por ponto amostral (15 armadilhas * 4 noites), 180 armadilhas-noite por Unidade Amostral (15 armadilhas * 3 pontos amostrais * 4 noites) e 900 armadilhas-noite por campanha (45 armadilhas por UA * 4 noites * 5 Unidades Amostrais).

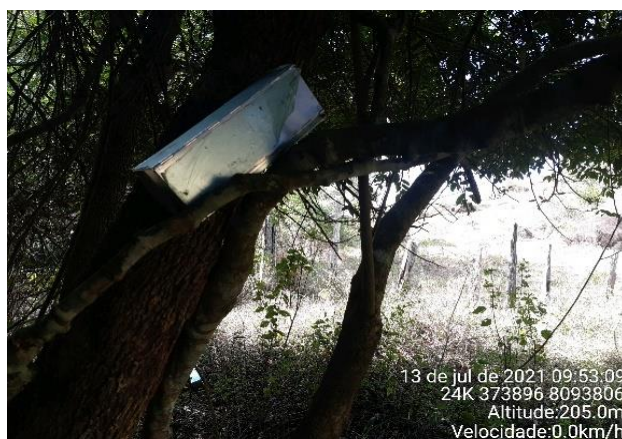


Foto 4-13: Armadilha de Contenção viva, tipo Sherman.



Foto 4-14: Captura com armadilha de contenção tipo Tomahawk.

4.4.3.9.2.3 Procura ativa (vestígios e visualizações diretas)

Método de amostragem eficiente para o registro de mamíferos de médio e grande porte que consiste na procura por vestígios (tocas, pegadas, fezes, carcaças, pelos) e visualizações diretas de indivíduos em seus habitats, em buscas diurnas e/ou noturnas. A procura por animais e seus vestígios foi realizada em locais propícios para ocorrência das espécies como, por exemplo, ao longo das estradas de terra, em bancos de areia e nas margens de córregos e demais corpos hídricos presentes na área de estudo e nas suas adjacências. Nos pontos amostrais foram percorridos transectos aleatórios a pé, em busca de vestígios produzidos por mamíferos, nas cinco Unidades Amostrais. Os vestígios encontrados foram identificados com auxílio de guias de campo.

Para cada registro efetuado foi anotada a espécie observada, o tipo de registro, a data e local, além do horário de avistamento e, quando possível, realizado o registro fotográfico. Quando realizada a observação direta de espécies formadoras de bandos, foram contados o número de indivíduos. Esse método foi aplicado um dia em cada ponto amostral, com duração 1 hora para o período diurno (09:00 às 12:00) e 3 horas para o período noturno (18:00 às 22:00).

Desta forma, o esforço amostral empregado para este método foi de 4 horas-homem por dia em cada ponto amostral, 12 horas-homem por Unidade Amostral (4 horas por ponto amostral * 3 pontos amostrais

por UA), totalizando 60 horas-homem por campanha (4 horas por ponto amostral * 3 pontos amostrais por UA * 5 UA).

4.4.3.9.2.4 Armadilhas fotográficas

As armadilhas fotográficas consistem, basicamente, de câmeras fotográficas que ficam acopladas a um sistema disparador que pode ser um sensor de raios infravermelhos (RIV), capazes de detectar calor corporal irradiado e movimentos relativos ao fundo de dispersão dos RIV, ou sensor de radar (detecta movimentos contra um fundo relativamente fixo. É um método de amostragem eficiente para o registro de mamíferos de médio e grande porte, principalmente espécies mais esquivas, difíceis de capturar e observar diretamente (TOMAS e MIRANDA, 2006).

As armadilhas foram fixadas nos troncos das árvores a aproximadamente 0,5 metro de altura, em locais propícios para os registros, como clareiras, trilhas pré-existentes no ambiente ou associados a aspectos físicos particulares dos habitats, como proximidade de corpos d'água.

Foi instalada uma armadilha fotográfica em cada ponto amostral. As armadilhas permaneceram operantes por quatro noites consecutivas. Desta forma, o esforço amostral empregado neste método por campanha foi de três armadilhas por dia, sendo quatro noites para cada Unidade Amostral durante a campanha, totalizando 12 armadilhas-dia por Unidade Amostral (3 armadilhas * 4 noites * Unidade Amostral), 60 armadilhas-dia por campanha (12 armadilhas-dia * 5 UAs * Campanha).

Quadro 4-29: Coordenadas das Armadilhas fotográficas para o diagnóstico do grupo de Mastofauna da 1ª campanha.

U.A.	PONTO AMOSTRAL	COORDENADAS (UTM – SIRGAS 2000)		
UA 5	Cam1	24K	352743	7813479
UA 5	Cam2	24K	352765	7813520
UA 5	Cam3	24K	352649	7813535
UA 4	Cam1	24K	359910	7891339
UA 4	Cam2	24K	359588	7891476
UA 4	Cam3	24K	359766	7891545
UA 3	Cam1	24K	373858	8093835
UA 3	Cam2	24K	373759	8093818
UA 3	Cam3	24K	373813	8093838
UA 2	Cam1	24K	366518	8212901
UA 2	Cam2	24K	366595	8212906
UA 2	Cam3	24K	366464	82122888
UA 1	Cam1	24L	349654	8375705
UA 1	Cam2	24L	349706	8375563
UA 1	Cam3	24L	350707	8375425

Além dos métodos supracitados, também foram utilizados métodos complementares para o levantamento da mastofauna como os registros da fauna atropelada nas vias de acesso para as Unidades Amostrais ou registros ocasionais ou por terceiros que possam ocorrer durante os deslocamentos da equipe dentro da área de abrangência do empreendimento. Os dados obtidos através destes métodos serão utilizados

apenas para complementação da lista de espécies, não sendo utilizados nas análises estatísticas. Um resumo de todos os métodos aplicados pode ser observado no Quadro 4-30.

Quadro 4-30: Resumo de esforço amostral para o Diagnóstico de Fauna do grupo Mastofauna.

GRUPO	MÉTODO	DIA	UNIDADE AMOSTRAL	CAMPANHA
MASTOFAUNATERRESTE	Armadilha de Interceptação e Queda	4 baldes por ponto amostral * 3 conjuntos de AIQ por Unidade Amostral = 12 baldes-dia	4 baldes * 3 conjuntos de AIQ * 4 noites = 48 baldes-dia	48 baldes-dia * 5 Unidades Amostrais = 240 baldes-dia
	Armadilha de contenção viva	15 armadilhas por ponto amostral * 3 pontos amostrais por UA = 45 armadilhas	45 armadilhas * noites = 180 armadilhas- noite	180 armadilhas-noite * 5 Unidades Amostrais = 900 armadilhas-noite
	Procura Ativa	4 horas-homem	84 horas-homem x 3 pontos amostrais = 12 horas-homem	12 horas-homem x 5 Unidades Amostrais = 60 horas-homem
	Armadilha Fotográfica (camera trap)	3 câmeras	3 câmeras * 4 dias = 12 câmeras-dia	12 câmeras-dia * 5 Unidades Amostrais = 60 câmeras-dia

As identificações de espécies e vestígios da mastofauna foram realizadas com auxílio de guias de campo e bibliografia específica. (PAGLIA, *et al.*, 2012, EMMONS; FEER, 1997; BECKER; DALPONTE, 1999; BORGES; TOMAS, 2004; ANGELO *et al.*, 2008; CARVALHO JR; LUZ, 2008; MAMEDE; ALHO, 2008).

A classificação, nomenclatura e ordem filogenética das espécies de mamíferos seguiu Paglia *et al.*, (2012). O grau de ameaça das espécies (dados primários e secundários) está baseado na Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (MMA, 2014), na *International Union Conservation of Nature – IUCN* (IUCN, 2019), na Lista de espécies de mamíferos ameaçados do estado de Minas Gerais (COPAM, 2010), na lista da fauna ameaçada do estado do Espírito Santo (IEMA, 2005) e na lista da fauna ameaçada do estado da Bahia (SEMA 2017).

No tocante a distribuição das espécies, foram aferidas informações a respeito dos biomas de ocorrência resultando na seguinte classificação (PAGLIA *et al.*, 2012): AM – Amazônica, MA – Mata Atlântica, CE – Cerrado, CA – Caatinga, PT – Pantanal, PP – Pampa e RB – Restrito ao Território Brasileiro.

4.4.3.9.2.5 Dados secundários

Com o intuito de se estimar os resultados esperados, é apresentado a seguir, para o grupo Mastofauna, a lista de espécies de provável ocorrência para a região do empreendimento a partir de dados secundários. Os dados foram obtidos e compilados de diversos trabalhos, tais como estudos disponíveis em periódicos,

estudos acadêmicos não publicados ou relatórios técnico-científicos. Foram considerados apenas estudos realizados em até 100 km de distância do traçado da LTE identificações ao nível de espécie (Quadro 4-31).

Quadro 4-31: Lista das fontes de dados secundários utilizados para caracterizar a composição da Mastofauna regional na Área de Estudo (AE) do empreendimento.

Nº	REFERÊNCIA	MUNICÍPIO	ESTADO	RIQUEZA
1	Dossel, 2019	Cruz das Almas, Sapeaçu, Castro Alves, Conceição do Almeida, Santo Antônio de Jesus, Varzedo, São Miguel das Matas, Amargosa, Laje, Jiquiriçá, Mutuípe, Ubaíra, Santa Inês, Cravolândia, Itaquara, Wenceslau Guimarães, Jaguaquara, Jequié, Jitaúna, Manoel Vitorino, Boa Nova, Bom Jesus da Serra e Poções*	Bahia	13
2	Ambientare, 2018	Poções, Planalto, Caatíba, Itambé, Macarani, Jordânia, Bandeira, Almenara, Jequitinhonha, Felisburgo, Joáima, Monte Formoso, Ponto dos Volantes e Padre Paraíso	Bahia e Minas Gerais	18
3	Srbek-Araujo <i>et al.</i> , 2014	Linhares	Espírito Santo	96
4	Tonini <i>et al.</i> , 2010	Cariacica	Espírito Santo	35
5	Rolim <i>et al.</i> , 2016	Linhares	Espírito Santo	44
7	Grupo Ambientalista da Bahia (GAMBA) e Fundação SOS Mata Atlântica, 2016	Guaratinga	Bahia	4

*Utilizados apenas dados dos municípios a menos de 100 km do traçado do empreendimento.

4.4.3.9.3 Resultados e discussão

4.4.3.9.3.1 Dados secundários

Com base em sete trabalhos encontrados, 126 espécies da mastofauna podem ser consideradas como de potencial ocorrência para a região do empreendimento. Destas, 12 são endêmicas da Mata Atlântica e 17 espécies estão listadas em pelo menos uma das categorias de ameaça das listas consultadas

(Quadro 4-32).

Quadro 4-32: Lista da mastofauna de potencial ocorrência para a região do empreendimento.

TÁXON	NOME COMUM	CATEGORIA DE AMEAÇA					IUCN	ENDÊMICOS	RARAS, IMPORTÂNCIA ECONÔMICA, CINEGÉTICA, POTENCIALMENTE INVASORAS OU RISCO EPIDEMIOLÓGICO
		ES	BA	MG	MMA				
Ordem Cingulata									
Família Dasypodidae									
<i>Cabassous tatouay</i>	Tatu-do-rabo-mole-grande	-	-	-	-	-	-	-	Cn, Iec, Rep
<i>Cabassous unicinctus</i>	Tatu-de-rabo-mole	-	-	-	-	-	-	-	Cn, Iec, Rep
<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	-	-	-	-	-	-	-	Cn, Iec, Rep
<i>Dasypus septemcinctus</i>	Tatu-galinha-pequeno	-	-	-	-	-	-	-	Cn, Iec, Rep
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	-	-	-	-	-	-	-	Cn, Iec, Rep
<i>Priodontes maximus</i>	Tatu-canastra	CR	EN	EN	VU	VU	-	-	Cn, Iec, Rep
Ordem Pilosa									
Família Bradypodidae									
<i>Bradypus variegatus</i>	Preguiça-comum	-	-	-	-	-	-	-	
<i>Bradypus torquatus</i>	Preguiça	-	-	-	-	-	-	-	
Família Myrmecophagidae									
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	-	-	-	-	-	-	-	
Ordem Primates									
Família Cebidae									
<i>Sapajus robustus</i>	Macaco-prego	-	EN	EN	EN	EN	EN	Mata Atlântica	Rep
<i>Sapajus nigritus</i>	Macaco-prego-preto	-	-	-	-	-	NT	-	Rep
Família Callithrichidae									
<i>Callithrix jacchus</i>	Sagui-de-tufos-brancos	-	-	-	-	-	-	Mata Atlântica	Rep

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	NOME COMUM	CATEGORIA DE AMEAÇA					ENDÊMICOS	RARAS, IMPORTÂNCIA ECONÔMICA, CINEGÉTICA, POTENCIALMENTE INVASORAS OU RISCO EPIDEMIOLÓGICO
		ES	BA	MG	MMA	IUCN		
<i>Callithrix geoffroyi</i>	Mico-da-cara-branca	-	-	-	-	-	Mata Atlântica	Rep
Família Atelidae								
<i>Alouatta guariba</i>	Bugio	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Alouatta guariba guariba</i>	Barbado-vermelho	-	CR	CR	CR	-	Mata Atlântica	Rep
<i>Brachyteles hypoxanthus</i>	Muriquido-norte	CR	CR	CR	CR	CR	Mata Atlântica	Rep
Família Pitheciidae								
<i>Callicebus personatus</i>	Sassuá	VU	-	-	VU	VU	Mata Atlântica	Rep
Ordem Carnivora								
Família Canidae								
<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	-	-	-	-	-	-	
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará	-	EN	EN	VU	NT	-	
Família Felidae								
<i>Puma concolor</i>	Sussuarana	EN	VU	VU	VU	-	-	
<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaririca	VU	VU	VU	-	-	-	Cn
<i>Leopardus guttulus</i>	Gato-do-mato-pequeno	-	-	-	-	-	-	Cn
<i>Leopardus wiedii</i>	Gato-maracajá	-	-	-	-	-	-	Cn
<i>Puma yagouaroundi</i>	Gato-mourisco	-	VU	VU	-	-	-	
<i>Panthera onca</i>	Onça-pintada	CR	CR	CR	VU	NT	-	Cn
Família Mustelidae								
<i>Eira barbara</i>	Irara	-	-	-	-	-	-	
<i>Galictis cuja</i>	Furão	-	-	-	-	-	-	
<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	-	-	-	-	-	-	
Família Procyonidae								
<i>Nasua nasua</i>	Quati	-	-	-	-	-	-	
<i>Potos flavus</i>	Jupará	-	-	-	-	-	-	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	NOME COMUM	CATEGORIA DE AMEAÇA					ENDÊMICOS	RARAS, IMPORTÂNCIA ECONÔMICA, CINEGÉTICA, POTENCIALMENTE INVASORAS OU RISCO EPIDEMIOLÓGICO
		ES	BA	MG	MMA	IUCN		
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada	-	-	-	-	-	-	
Ordem Perissodactyla								
Família Tapiridae								
<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	EN	EN	EN	VU	VU	-	Cn
Ordem Artiodactyla								
Família Cervidae								
<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro	-	-	-	-	-	-	Cn
<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro	-	-	-	-	DD	-	Cn
Família Tayassuidae								
<i>Pecari tajacu</i>	Cateto	VU	-	-	-	-	-	Cn
<i>Tayassu pecari</i>	Queixada	EN	EN	EN	VU	VU	-	Cn
Ordem Didelphimorphia								
Família Didelphidae								
<i>Chironectes minimus</i>		CR	-	-	-	-	-	
<i>Didelphis aurita</i>	Gamba-de-orelha-preta	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Gracilinanus microtarsus</i>	Catita	-	-	-	-	-	-	
<i>Marmosa murina</i>	Catita	-	-	-	-	-	-	
<i>Marmosops incanus</i>	Cuíca	-	-	-	-	-	-	
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	Cuíca-de-quatro-olhos	-	-	-	-	-	-	
<i>Caluromys philander</i>	Cuíca-lanosa	-	-	-	-	-	-	
<i>Marmosa paraguayana</i>	Cuíca	-	-	-	-	-	-	
<i>Monodelphis americana</i>	Cuíca-de-três listras	-	-	-	-	-	-	
<i>Monodelphis iheringi</i>	Cuíca	-	-	-	-	DD	Mata Atlântica	

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	NOME COMUM	CATEGORIA DE AMEAÇA					ENDÊMICOS	RARAS, IMPORTÂNCIA ECONÔMICA, CINEGÉTICA, POTENCIALMENTE INVASORAS OU RISCO EPIDEMIOLÓGICO
		ES	BA	MG	MMA	IUCN		
<i>Philander frenatus</i>		-	-	-	-	-	-	
Ordem Rodentia								
Família Caviidae								
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara	-	-	-	-	-	-	Cn, Rep
<i>Kerodon rupestris</i>	Mocó	-	-	-	VU	-	-	Cn
Família Echimyidae								
<i>Thrichomys paratus</i>	Rabudo	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Thrichomys apereoides</i>	Punare	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Trinomys setosus denigratus</i>	Rato-de-espino	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Phyllomys pattoni</i>	Rato-de-espino	-	-	-	-	-	Mata Atlântica	Rep
Família Cricetidae								
<i>Cerradomys scotti</i>	Rato-do-mato	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Cerradomys subflavus</i>	Rato-do-mato	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Cerradomys vivoi</i>	Rato-do-mato	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Euryoryzomys russatus</i>	Rato-do-mato	-	-	-	-	-	Mata Atlântica	Rep
<i>Hylaeamys seanezi</i>	Rato-do-mato	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Necomys lasiurus</i>	Rato-do-mato	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Nectomys squamipes</i>	Rato-do-mato	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Oecomys catherinae</i>	Rato-de-arvore	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Oligoryzomys nigripes</i>	Rato-do-mato	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Thaptomys nigrita</i>	Rato-do-mato	-	-	-	-	-	Mata Atlântica	Rep
<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i>	Rato-de-fava	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Akodon cursor</i>	Rato-do-mato	-	-	-	-	-	-	Rep

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	NOME COMUM	CATEGORIA DE AMEAÇA					ENDÊMICOS	RARAS, IMPORTÂNCIA ECONÔMICA, CINEGÉTICA, POTENCIALMENTE INVASORAS OU RISCO EPIDEMIOLÓGICO
		ES	BA	MG	MMA	IUCN		
<i>Blarinomys breuceps</i>	Rato-domato	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Hylaeamys seuanezi</i>	Rato-domato	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Oligorizomys nigripes</i>	Rato-domato	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	Rato-da-árvore	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Juliomys pictipes</i>	Rato-domato	-	-	-	-	-	Mata Atlântica	Rep
Família Muridae								
<i>Rattus rattus</i>	Rato	-	-	-	-	-	-	Rep, Pin
Família Erethizontidae								
<i>Chaetomys subspinosus</i>	Ouriço-preto	VU	VU	VU	VU	VU	Mata Atlântica	
<i>Sphiggurus insidiosus</i>	Ouriço-cacheiro	-	-	-	-	-	-	
<i>Coendou insidiosus</i>	Porco-espino da Bahia	-	-	-	-	-	-	
Família Sciuridae								
<i>Guerlinguetus ingrami</i>	Esquilo	-	-	-	-	-	-	
Família Cuniculidae								
<i>Cuniculus paca</i>	Paca	-	-	-	-	-	-	Cn
Família Dasyproctidae								
<i>Dasyprocta leporina</i>	Cutia	-	-	-	-	-	-	
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia	-	-	-	-	DD	-	
Ordem Lagomorpha								
Família Leporidae								
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapiti	-	-	-	-	EN	-	
Ordem Chiroptera								
Família Emballonuridae								
<i>Rhyrichon ycteris naso</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	NOME COMUM	CATEGORIA DE AMEAÇA					ENDÊMICOS	RARAS, IMPORTÂNCIA ECONÔMICA, CINEGÉTICA, POTENCIALMENTE INVASORAS OU RISCO EPIDEMIOLÓGICO
		ES	BA	MG	MMA	IUCN		
<i>Saccopteryx bilineata</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Saccopteryx leitura</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
Família Noctilionidae								
<i>Carollia perspicillata</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Chirodemia villosum</i>	Morcego-fruteiro	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Chrotopterus awrites</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego-vampiro	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Dryadon ycteris capixaba</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Glossophaga soricina</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Artibeus gnomus</i>	Morcego-fruteiro-de-listras	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Artibeus liturçtus</i>	Morcego-fruteiro-de-listras	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Artibeus obscurus</i>	Morcego-fruteiro-de-listras	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Artibeus planirostris</i>	Morcego-fruteiro-de-listras	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Carollia breuicauda</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Lampron ycteris brachyotis</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Lonchophylla mordax</i>	Morcego	-	-	-	-	NT	-	Rep
<i>Lophostoma brasiliense</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Micron ycteris hirsuta</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Micron ycteris megalotis</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Micron ycteris microtis</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	NOME COMUM	CATEGORIA DE AMEAÇA					ENDÊMICOS	RARAS, IMPORTÂNCIA ECONÔMICA, CINEGÉTICA, POTENCIALMENTE INVASORAS OU RISCO EPIDEMIOLÓGICO
		ES	BA	MG	MMA	IUCN		
<i>Icticon ycteris minuta</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Iyimon crenulatum</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Phyllostomus discolor</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Phyllostomus hastatus</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego-fruteiro-de-listras	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Platyrrhinus recifinus</i>	Morcego-fruteiro-de-listras	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Pygoderma bilabiatum</i>	Morcego-fruteiro-de-listras	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Rhinophylla pumilio</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Strurnira lilium</i>	Morcego-fruteiro	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Strurnira tildae</i>	Morcego-fruteiro	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Tonatia bidens</i>	Morcego	-	-	-	-	DD	-	Rep
<i>Tonatia saurophila</i>	Morcego-fruteiro	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Trachops cirrhosus</i>	Morcego-fruteiro	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Trinycteris nicefori</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Uroderma nsgnrosirurn</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Vampyressa pusilla</i>	Morcego	-	-	-	-	DD	-	Rep
Famflia Vespertilionidae	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Eptesicus diminutus</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Eptesicus furinalis</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Lasiurus blosseuillii</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Lasiurus ega</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Myotis albescens</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Myotis nigricans</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
Famflia Molossidae								

TÁXON	NOME COMUM	CATEGORIA DE AMEAÇA					ENDÊMICOS	RARAS, IMPORTÂNCIA ECONÔMICA, CINEGÉTICA, POTENCIALMENTE INVASORAS OU RISCO EPIDEMIOLÓGICO
		ES	BA	MG	MMA	IUCN		
<i>Cynomops planirostris</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Molossus molossus</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
<i>Molossus rufus</i>	Morcego	-	-	-	-	-	-	Rep
Família Phyllostomidae								
<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego-de-cara-branca	-	-	-	-	-	-	Rep

Categoria de Ameaça: ES – (IEMA, 2005), BA – (SEMA, 2017), MG – (COPAM, 2010), MMA – (MMA, 2014), IUCN – (IUCN, 2020); Raras, Importância econômica, cinegética, potencialmente invasoras, risco epidemiológico: Cn – espécie cinegética, RR – espécie rara, Iec – importância econômica, Pin – potencialmente invasora, Rep – risco epidemiológico.

4.4.3.9.3.2 Dados primários

Na 1ª campanha, realizada no período seco, onde as coletas foram realizadas entre as datas de 08 à 28 de julho de 2021, foram comprovadas as ocorrências de 18 espécies com 35 registros. Estas estão distribuídas em sete Ordens (Didelphimorphia, Cingulata, Pilosa, Primates, Rodentia, Carnivora e Artiodactyla) e 14 famílias (Didelphidae, Dasypodidae, Myrmecophagidae, Callitrichidae, Pitheciidae, Sciuridae, Cricetidae, Cuniculidae, Felidae, Canidae, Mustelidae, Procyonidae, Tayassuidae e Cervidae). Dentre as espécies registradas em campo, uma não se encontra listada para os dados secundários, o gambá *Didelphis albiventris*. Os registros em campo representam 13,49% das espécies de potencial ocorrência para a região (Quadro 4-33).

Quadro 4-33: Lista de dados primários do grupo Mastofauna.

TÁXON	NOME COMUM	BIOMAS	ENDEMISMO	RTB	EXO	IUCN	MMA	ES	MG	BA	CITES	HÁBITAT	N	REGISTRO	IMP. ECON	BIO
Didelphimorphia																
DIDELPHIDAE																
<i>Didelphis albiventris</i>	gambá,sarué	CE,CA,PT,PP										AF	2	LT, BA	Sd	
<i>Didelphis aurita</i>	gambá,mucura	ATL	MA									F	2	MC, BA	Sd	X
<i>Gracilinanus microtarsus</i>	cuíca	ATL	MA	BR								F	3	LT		X
Cingulata																
DASYPODIDAE																
<i>Euphractus sexcinctus</i>	tatu-peludo,tatu-peba	AM,ATL,CE,CA,PT,PP										A	1	BA	Sd	
Pilosa																
MYRMECOPHAGIDAE																
<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá-de-colete,tamanduá-mirim	AM,ATL,CE,CA,PT,PP										AF	1	CA		
Primates																
CALLITRICHIDAE																
<i>Callithrix geoffroyi</i>	sagui-de-cara-branca	ATL	MA	BR							II	F	3	BA	Tr Sd	X
PITHECIIDAE																
<i>Callicebus personatus</i>	guigó, sauá	ATL	MA	BR		VU	VU	VU	EM		II	F	3	BA	Tr Sd	X
Rodentia																
SCIURIDAE																
<i>Guerlinguetus ingrami</i>	caxinguelê,esquilo	ATL	MA	BR								F	1	BA		X
CRICETIDAE																
<i>Oligoryzomys nigripes</i>	rato-do-mato	ATL,CE,CA,PT,PP										AF	3	AIQ	Sd	
CUNICULIDAE																

LT 500 KV POÇÕES III – MEDEIROS NETO II – JOÃO NEIVA 2 E
SUBESTAÇÃO ASSOCIADA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA
PROCESSO IBAMA 02001.001772/2021-17
AGOSTO/2021



TÁXON	NOME COMUM	BIOMAS	ENDEMISMO	RTB	EXO	IUCN	MMA	ES	MG	BA	CITES	HÁBITAT	N	REGISTRO	IMP. ECON	BIO
<i>Cuniculus paca</i>	paca	AM,ATL,CE,C A,PT,PP									III	F	1	BA	Cn Tr	
Carnivora																
FELIDAE																
<i>Panthera onca</i>	onça-pintada	AM,ATL,CE,C A,PT,PP				NT	VU	CR	CR	CR	I	F	1	BA	Cn Tr Hm	X
<i>Puma yagouaroundi</i>	jaguarundi,gato-mourisco	AM,ATL,CE,C A,PT,PP					VU			VU	II	F	1	BA	Tr	X
CANIDAE																
<i>Cerdocyon thous</i>	cachorro-do-mato, graxaim, raposa	ATL,CE,CA,PT, PP									II	AF	3	BA, MC	Tr	
MUSTELIDAE																
<i>Lontra longicaudis</i>	lontra	AM,ATL,CE,PT ,PP				NT			VU	VU	I	AQ	1	BA	Tr Hm	X
PROCYONIDAE																
<i>Nasua nasua</i>	quati	AM,ATL,CE,C A,PT,PP									III	F	4	BA	Tr	
<i>Procyon cancrivorus</i>	guaxinim,mão-pelada	AM,ATL,CE,C A,PT,PP										F	1	BA		
Artiodactyla																
TAYASSUIDAE																
<i>Pecari tajacu</i>	cateto,caititu	AM,ATL,CE,C A,PT,PP				VU		V U	VU		II	AF	2	BA	Cn Tr	X
<i>Mazama gouazoubira</i>	veado-catingueiro	AM,ATL,CE,C A,PT,PP										F	2	BA	Cn	

Biomias: AM – Amazonia, ATL – Mata Atlântica, CE – Cerrado, CA – Caatinga, PT – Pantanal, PP – Pampas; Endemismo: MA – espécie endêmica da Mata Atlântica; RTB (espécies restritas ao território Brasileiro): BR – sim; Exo (espécies exóticas); Espécies ameaçadas: IUCN – (IUCN 2020), MMA – (MMA,2014), ES – (IEMA, 2005), MG – (COPAM, 2010), BA – (SEMA, 2017); CITES – I – Apêndice I, II – Apêndice II, III – Apêndice III; Hábitat: A – ambientes abertos, F – ambientes florestais, AF – ambientes abertos e florestais, AQ – ambientes aquáticos; n (abundância); Registro: BA – busca ativa, CA – câmera-trap, AIQ – Armadilha de interceptação e Queda, LT – live-trap, MC – Metodologia complementar; Imp.Econ. (Importância Econômica): Cn – espécie cinegética, TR – Tráfico de animais silvestres, Sd – importância para saúde, Hm – Conflito com o homem; Bio (espécie bioindicadoras): X – sim.

Dois registros foram provenientes de encontros oportunistas fora das unidades amostrais, ambos encontrados mortos por atropelamento nas rodovias de deslocamento entre as UAs. Portanto, estes registros foram contabilizados apenas para a composição da lista de espécies dos dados primários. São eles: *Didelphis aurita* (gambá-de-orelhas-pretas) registrado atropelado na rodovia estadual ES-245 e *Cercopithecus thomasi* (cachorro-do-mato) registrado atropelado na rodovia BA-290 (Foto 4-15 e Foto 4-16).



Foto 4-15: *Didelphis aurita* (gambá-de-orelhas-pretas) registrado fora das UAs.



Foto 4-16: *Cercopithecus thomasi* (cachorro-do-mato), registrado fora das UAs.

4.4.3.9.3.2.1 Distribuição

Dentre as espécies registradas em campo cinco espécies são consideradas endêmicas do bioma Mata Atlântica (ATL), são elas: *Didelphis aurita*, *Gracilinanus microtarsus*, *Callithrix geoffroyi*, *Callicebus personatus* e *Guerlinguetus ingrami*. Nenhuma das espécies foi considerada endêmica do bioma Cerrado ou Caatinga. Outras nove espécies apresentam ampla distribuição, com ocorrência para os seis biomas brasileiros (AM, ATL, CE, CA, PT, PP), são as espécies *Euphractus sexcinctus*, *Tamandua tetradactyla*, *Cuniculus paca*, *Panthera onca*, *Puma yagouaroundi*, *Nasua nasua*, *Procyon cancrivorus*, *Pecari tajacu* e *Mazama gouazoubira*. Ainda em relação a distribuição, as espécies *Gracilinanus microtarsus*, *Callithrix geoffroyi*, *Callicebus personatus* e *Guerlinguetus ingrami* são espécies consideradas exclusivas do território brasileiro.

4.4.3.9.3.2.2 Espécies ameaçadas de extinção

Dentre as 18 espécies registradas, cinco delas são consideradas ameaçadas de extinção, a saber:

- ***Callicebus personatus* (guigó):** apresenta *status* de ameaça Vulnerável (VU) em nível mundial (IUCN, 2020), nacional (MMA, 2014) e para o estado no Espírito Santo (IEMA, 2005) e classificada com Em Perigo (EM) para o estado de Minas Gerais (COPAM, 2010);
- ***Panthera onca* (onça-pintada):** classificada como Quase Ameaçada (NT) em nível mundial (IUCN, 2020), ou seja, não é considerada ameaçada, porém encontra-se próxima de se enquadrar em uma das categorias de ameaça em um futuro próximo. Listada com *status* Vulnerável (VU) em

nível nacional (MMA, 2014) e Criticamente Ameaçada para os estados do ES (IEMA, 2005), BA (SEMA, 2017) e MG (COPAM, 2010);

- ***Puma yagouaroundi* (gato-mourisco):** classificada como espécie Vulnerável (VU) em nível nacional (MMA, 2014) e para o estado da BA (SEMA, 2017);
- ***Lontra longicaudis* (lontra):** classificada como Quase Ameaçada (NT) em nível mundial (IUCN, 2020), ou seja, não é considerada ameaçada, porém encontra-se próxima de se enquadrar em uma das categorias de ameaça em um futuro próximo e categorizada como Vulnerável para os estados de MG (COPAM, 2010) e BA (SEMA, 2017);
- ***Pecari tajacu* (cateto):** apresenta status Vulnerável em nível mundial (IUCN, 2020) e para os estados do ES (IEMA, 2005) e MG (COPAM, 2010).

4.4.3.9.3.2.3 Espécies de importância econômica

As espécies que se enquadram como importância econômica são aquelas atreladas a caça, comércio, de importância para a saúde e/ou que apresentam conflitos com o ser humano, seja para o consumo de sua carne ou produtos da fauna ou que ocasionam prejuízos ou que representam riscos a saúde de homens e animais (ALVES; GONÇALVES; VIEIRA, 2012).

Dentre as espécies registadas em campo são consideradas cinegéticas as espécies: *Cuniculus paca*, *Panthera onca*, *Pecari tajacu* e *Mazama gouazoubira*, relacionadas principalmente ao consumo de proteínas pela população e caça.

Outras seis espécies estão relacionadas a importância para saúde, podendo ser vetores de doença: *Didelphis albiventris*, *Didelphis aurita*, *Euphractus sexcinctus*, *Callithrix geoffroyi*, *Callicebus personatus*, *Oligoryzomys nigripes* e duas espécies (*Panthera onca* e *Lontra longicaudis*) estão relacionadas a conflitos com o homem, principalmente atrelados a prejuízos relacionados a lavouras e criações decorrentes de predação.

Já as espécies visadas pelo tráfico de animais silvestres são aquelas alvos de caça, visando ao mercado ilegal e somaram nove espécies. Tais espécies também são apontadas pela CITES. As espécies *Panthera onca* e *Lontra longicaudis* encontram-se listadas no Apêndice I, as espécies *Callithrix geoffroyi*, *Callicebus personatus*, *Puma yagouaroundi*, *Cerdocyon thous* e *Pecari tajacu* no Apêndice II e *Cuniculus paca* e *Nasua nasua* no Apêndice III.

4.4.3.9.3.2.4 Espécies bioindicadoras

Para a seleção das espécies bioindicadoras foram estabelecidos critérios visando identificar as espécies mais sensíveis as alterações ambientais, como as espécies ameaçadas de extinção, as espécies endêmicas e as espécies aloantrópicas, ou seja, aquelas Critério: Ameaçadas, Endêmicas e aloantrópica, ou seja, aquelas que necessitam de ambientes mais preservados para sua sobrevivência. Com isso nove espécies foram selecionadas atendendo pelo menos um dos critérios estabelecidos. A saber: *Didelphis aurita*, *Gracilinanus microtarsus*, *Callithrix geoffroyi*, *Callicebus personatus*, *Guerlinguetus ingrami*, *Panthera onca*, *Puma yagouaroundi*, *Lontra longicaudis* e *Pecari tajacu*.

4.4.3.9.3.2.5 Riqueza e abundância

A riqueza regional (S'), contabilizando os dados secundários e primários, foi de 127 espécies, das quais 126 espécies constam nos dados secundários e 18 espécies constam nos dados primários.

Para a riqueza local, considerando apenas os dados primários dentro das UAs a riqueza foi de 17 espécies, distribuídas em sete Ordens (Didelphimorphia, Cingulata, Pilosa, Primates, Rodentia, Carnivora e Artiodactyla) e 14 famílias (Didelphidae, Dasypodidae, Myrmecophagidae, Callitrichidae, Pitheciidae, Sciuridae, Cricetidae, Cuniculidae, Felidae, Canidae, Mustelidae, Procyonidae, Tayassuidae e Cervidae). Dentre as UAs, a maior riqueza foi evidenciada para a U.A. 5 com sete espécies e a menor riqueza registrada para a U.A. 2 com duas espécies registradas (Foto 4-16).

Quadro 4-34: Riqueza de espécies por Unidade Amostral do grupo Mastofauna para a 1ª campanha.

PARÂMETROS	UA 1	UA 2	UA 3	UA 4	UA 5	GERAL
Riqueza (S')	4	2	4	4	7	17

Quanto a abundância, foram obtidos 33 registros ao longo desta 1ª campanha, sendo *Nasua nasua* a espécie mais abundante com quatro registros (12,12% da amostra). Em relação as UAs, a que apresentou a maior abundância foi a U.A. 5 com 11 registros e a que apresentou a menor abundância a UA 2 com três registros (Quadro 4-35). O Quadro 4-36 apresenta as abundâncias absolutas e relativas de cada espécie registrada em campo.

Quadro 4-35: Abundância por Unidade Amostral do grupo Mastofauna, para a 1ª campanha.

PARÂMETROS	UA 1	UA. 2	U.A. 3	U.A. 4	U.A. 5	GERAL
Abundância (n)	7	3	8	4	11	33

Quadro 4-36: Abundância Absoluta e relativa para o grupo Mastofauna durante a 1ª campanha.

ESPÉCIE	AA	AR
<i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766)	4	12,12
<i>Didelphis aurita</i> (Wied-Neuwied, 1826)	3	9,09
<i>Gracilinanus microtarsus</i> (Wagner, 1842)	3	9,09
<i>Callithrix geoffroyi</i> (Humboldt, 1812)	3	9,09
<i>Callicebus personatus</i> (É. Geoffroy, 1812)	3	9,09
<i>Oligoryzomys nigripes</i> (Olfers, 1818)	3	9,09
<i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766)	2	6,06
<i>Pecari tajacu</i> (Linnaeus, 1758)	2	6,06
<i>Mazama gouazoubira</i> (G. Fischer, 1814)	2	6,06
<i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	1	3,03
<i>Tamandua tetradactyla</i> (Linnaeus, 1758)	1	3,03
<i>Guerlinguetus ingrami</i> (Thomas, 1901)	1	3,03
<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)	1	3,03
<i>Puma yagouaroundi</i> (É. Geoffroy, 1803)	1	3,03

ESPÉCIE	AA	AR
<i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)	1	3,03
<i>Lontra longicaudis</i> (Olfers, 1818)	1	3,03
<i>Procyon cancrivorus</i> (G. Cuvier, 1798)	1	3,03
Total	33	100,00

Com o intuito de representar a distribuição de frequência das espécies de mamíferos registradas em campo, foi elaborada a curva de dominância, elencando de forma sequencial das espécies mais abundantes para as de menor abundância. A curva apresentou um padrão Geométrico ($\chi^2 = 0,3984$; P (same) = 0,9954), sugerindo que os nichos espaciais ocorram em intervalos regulares não apresentando dominância de espécies (Gráfico 4-8).

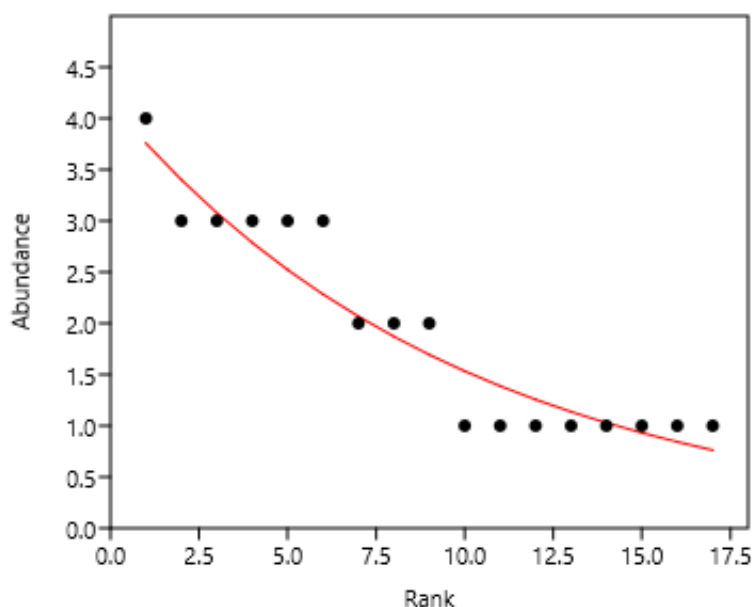


Gráfico 4-8: Curva da componente dominância para o grupo Mastofauna para a 1ª campanha.

4.4.3.9.3.2.6 Sucesso metodológico / suficiência amostral

De forma a representar a suficiência da amostra foram elaboradas curvas de rarefação, onde a linha verde-escura representa a riqueza observada em campo e a linha verde-clara representa a riqueza estimada, neste caso pelo estimador Jackknife de 1ª ordem. Cada amostra foi representada por um dia amostral, sendo quatro dias para cada uma das cinco UAs, totalizando 20 amostras. As duas curvas se mostraram ascendentes e sem tendência à estabilização (Gráfico 4-9), sugerindo que com o aumento dos esforços amostrais, realização de mais campanhas, novas espécies serão registradas. Os resultados obtidos em campo (17 espécies) representam cerca de 60% das espécies estimadas (28,4 espécies).

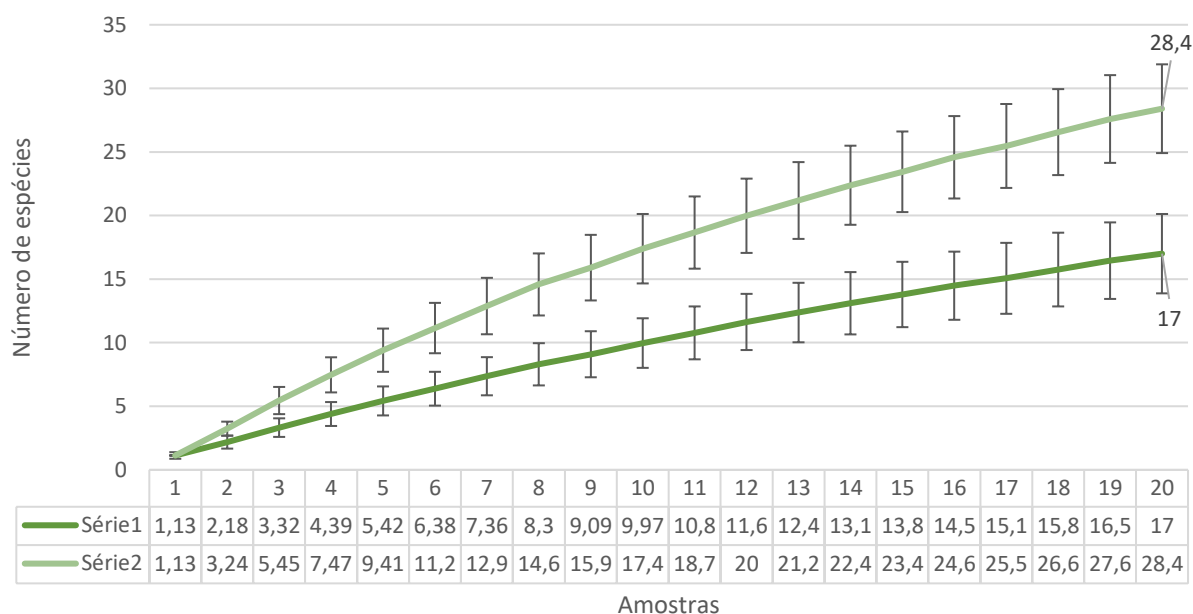


Gráfico 4-9: Curva do Coletor/Rarefação do grupo Mastofauna da 1ª campanha amostral. Linha verde-escura representa a riqueza observada e linha verde-clara representa a riqueza estimada.

4.4.3.9.3.2.7 Diversidade

Em relação a diversidade, os dados Gerais, representativos de todas as UAs, apontaram para uma diversidade mediana com $H' = 2,703$. A unidade amostral que apresentou maior diversidade foi a U.A. 5 com $H' = 1,799$ e a que apresentou menor diversidade foi a U.A. 2 com $H' = 0,6365$. A diversidade registrada para as UAs está relacionada diretamente aos ambientes encontrados em cada área e a condição ambiental dos mesmos, por exemplo, a U.A. 5 apresenta uma maior influência do bioma Mata Atlântica, enquanto a U.A. 2 apresenta uma maior influência do bioma Caatinga. O bioma Caatinga, por sua vez, sofre uma maior interferência sazonal, desfavorecendo a detectabilidade de animais, principalmente no período da seca, época da realização desta campanha. Portanto- espera-se que para a 2ª campanha, a ser realizada no período chuvoso, a diferença de diversidade entre as UAs seja menor. As demais UAs (U.A. 1, U.A. 3 e U.A.4) apresentaram resultados semelhantes quanto a diversidade.

Quanto a equitabilidade, o índice de Pielou apontou uma comunidade equilibrada, considerando todas as UAs, com $J' = 0,9541$. Da mesma forma foi verificado para as UAs individualmente, com índices acima de 90%. Destaca-se a U.A. 4 por apresentar 100% de equitabilidade, devido a cada espécie registrada para a área apresentar a mesma abundância, ou seja, foram registrados para a área quatro indivíduos de quatro espécies diferentes

Quadro 4-37: Parâmetros de Diversidade e Equitabilidade do grupo Herpetofauna para os Unidades Amostrais.

PARÂMETROS	UA 1	UA 2	UA 3	UA 4	UA 5	GERAL
Riqueza (S')	4	2	4	4	7	17
Abundância (n)	7	3	8	4	11	33
Diversidade (H')	1,277	0,6365	1,321	1,386	1,799	2,703
Equitabilidade (J')	0,9212	0,9183	0,9528	1	0,9243	0,9541

4.4.3.9.3.2.8 Diversidade

Os índices de similaridade buscam identificar o quanto as áreas amostradas têm em comum, correlacionando a riqueza e a abundância de cada localidade. Com os dados obtidos é possível notar uma baixa similaridade entre as áreas, entre 14% e 21%, apontando que cada área possui uma fauna particular. Tais dados eram esperados visto o grande distanciamento das áreas e a grande variedade de tipologias ambientais encontradas. Para Mastofauna, a grande diversidade de espécies no grupo e principalmente a especificidade de habitats para algumas espécies dificulta uma análise mais consolidada, necessitando de mais dados para uma melhor compreensão. Portanto, espera-se esclarecer de forma mais assertiva com a inclusão dos dados referentes a próxima campanha (Quadro 4-38 e Gráfico 4-10)

Quadro 4-38: Matriz de similaridade do grupo Mastofauna.

	UA 1	UA 2	UA 3	UA 4	UA 5
UA 1	*	20	0	0	0
UA 2	*	*	0	0	14,2857
UA 3	*	*	*	0	21,0526
UA 4	*	*	*	*	0
UA 5	*	*	*	*	*

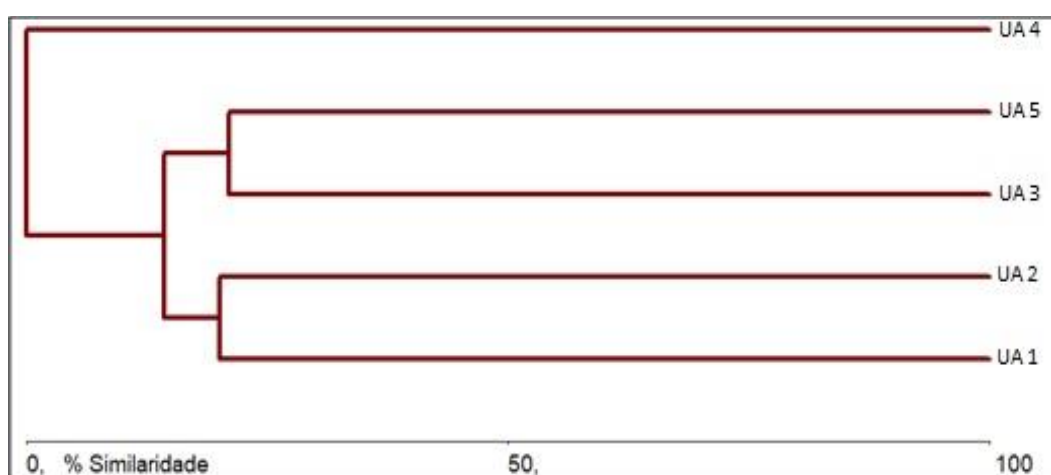


Gráfico 4-10: Dendrograma de similaridade para o grupo Mastofauna, 1ª campanha amostral.

4.4.3.9.3.2.9 Considerações finais

Os mamíferos podem ser utilizados como eficientes indicadores de qualidade ambiental, pois atuam diretamente na estruturação e manutenção dos ecossistemas naturais (AZEVEDO-RAMOS *et al.*, 2003). A representatividade de espécies da mastofauna registrada em campo indica o grau de conservação das áreas estudadas, demonstrando que apesar da intensa antropização e alteração de habitats, os remanescentes ainda podem abrigar populações de mamíferos.

Algumas das espécies registradas são predadoras, topo de cadeia, sugerindo a existência de toda uma cadeia trófica até consumidores primários. Muitas das espécies deslocam-se por longas distâncias na busca de recursos como abrigo e alimento. A possibilidade desses deslocamentos, em muitos casos, depende das características biológicas e comportamentais das espécies envolvidas. O deslocamento da fauna, de maneira geral, em ambientes fragmentados, pode ser explicado através dos modelos que descrevem a estrutura espacial das populações (RICKLEFS, 2011).

No entanto, em cada modelo existem peculiaridades, uma vez que dependem de fatores como proximidade entre fragmentos, existência de corredores de habitats, qualidade dos habitats matriz e do número de colonizadores potenciais produzidos por cada fragmento, ressaltando a necessidade da manutenção de remanescentes naturais, por menor que sejam. Estes, por sua vez, aumentam a diversidade da paisagem, podem servir como fonte de colonizadores para áreas vizinhas em sucessão, como pontos de parada, como rotas para dispersão, além de funcionar como banco de genes das espécies ali presentes.

Espera-se que com a realização da próxima campanha um número maior de espécies seja registrado e as dúvidas sejam melhores esclarecidas. Para isso é de suma importância a continuidade dos inventários da Mastofauna.

4.4.3.10 CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS

Para a caracterização faunística da Área de Estudo, foi realizada uma campanha de campo para levantamento de dados primários em cinco Unidades Amostrais. A 1ª campanha foi realizada durante o período da seca, estação do inverno, entre dias 8 e 28 de julho de 2021. A 2ª campanha está prevista para o período chuvoso.

Nas áreas amostradas, alguns fatores influenciaram o sucesso amostral dos grupos faunísticos um deles está relacionado a interferência nos processos ecológicos, e está associado a descaracterização, fragmentação e destruição dos remanescentes naturais, como por exemplo, a conversão de áreas naturais em áreas destinadas a atividades agropastoris. Entretanto, os resultados demonstraram que alguns remanescentes ainda apresentam condições para o estabelecimento e sobrevivência de populações da fauna. Todavia é extremamente importante a vegetação nativa, que não for diretamente afetada pela obra, seja preservada e seus remanescentes fiscalização, com foco na viabilização da manutenção das populações faunísticas na região.

Para o empreendimento em questão, a fauna pode ser impactada de diversas formas diretamente ou indiretamente, nas fases de implementação e operação da LT, principalmente a interferências na dispersão, gerada pela perda e fragmentação de habitats, o que pode influenciar nas espécies da fauna silvestre. Além disso, destaca-se também que na fase de operação do empreendimento, ocorre o principal impacto relacionado com as aves, devido ao risco de colisões com a linha de transmissão.

Aponta-se a importância dos remanescentes florestais naturais existentes na área de estudo e a considerável quantidade de áreas protegidas na região como alternativas de refúgio, proteção, alimento e rotas para dispersão de diversas espécies.

Neste contexto, para a mitigação dos impactos ambientais que possam acometer a fauna durante as diferentes fases do empreendimento sugere-se a implementação de programas ambientais, voltados para monitoramento dos mesmos grupos estudados durante o diagnóstico, estudo anticolisão da avifuna, além de um programa de resgate de fauna. Programas voltados à educação ambiental e sensibilização de trabalhadores que atuaram nas obras também serão importantes ferramentas em prol à conservação da fauna de ocorrência local e regional.



Foto 4-17: *Enyalius bibronii*, UA 1.



Foto 4-18: *Boana crepitans*, v.



Foto 4-19: *Bothrops leucurus*, UA 2.



Foto 4-20: *Rhinella diptycha*, UA 2.



Foto 4-21: *Leptodactylus fuscus*, UA 3.



Foto 4-22: *Thamnodynastes nattereri*, UA 3.

Pode-se concluir que o presente estudo alcançou seus objetivos propostos, principalmente no que diz respeito ao conhecimento mínimo da comunidade faunística na área de abrangência do empreendimento. A listagem das espécies ocorrentes, destacando as espécies de importância ecológica (ameaçadas de extinção, endêmicas, exóticas, bioindicadoras) permitiu avaliar as possíveis interferências do empreendimento e propor medidas a serem adotadas para mitigar os impactos sobre a fauna local. Com a continuidade dos estudos realizados, cumpridos as amostragens nas diferentes estações sazonais e a implementação de programas ambientais, espera-se que haja registro de novas espécies de mais difícil observação, como mostrado na curva de acumulação de espécies para todos os grupos, possibilitando maior conhecimento e a caracterização da distribuição espacial/temporal das espécies e como o empreendimento pode influenciar na fauna local.

4.4.3.11 REGISTROS FOTOGRÁFICOS

4.4.3.11.1 Herpetofauna



Foto 4-23: *Philodryas olfersii*, UA 4.



Foto 4-24: *Sphaenorhynchus mirim*, UA 4.



Foto 4-25: *Boana semilineata*, UA 5.



Foto 4-26: *Thoropa miliaris*, UA 5.

4.4.3.11.2 Avifauna



Foto 4-27: *Xenops rutilans*, UA 1.



Foto 4-28: *Zonotrichia capensis*, UA 1.



Foto 4-29: *Coragyps atratus*, UA 2.



Foto 4-30: *Eupsittula cactorum*, UA 2.



Foto 4-31: *Pyriglena leucoptera*, UA 3.



Foto 4-32: *Donacobius atricapilla*, UA 3.



Foto 4-33: *Galbula ruficalda*, UA 4.



Foto 4-34: *Tolmomyias flaviventris*, UA 4.



Foto 4-35: *Glaucis hirsutus*, UA 5.

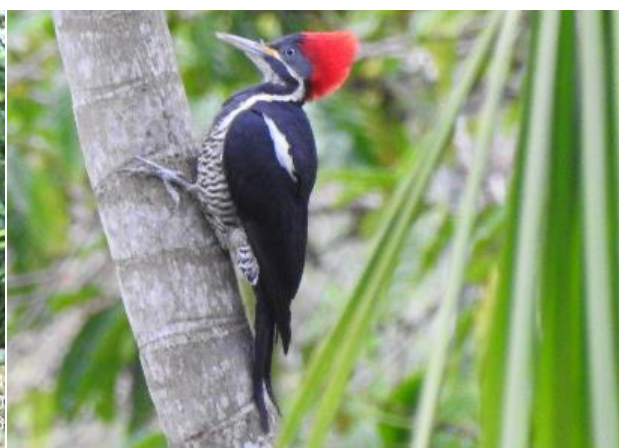


Foto 4-36: *Dryocopus lineatus*, UA 5.

4.4.3.11.3 Mastofauna



Foto 4-37: *Oligoryzomys nigripes*, UA 1.



Foto 4-38: *Nasua nasua*, vestígio, rastro, UA 3.



Foto 4-39: *Tamandua tetradactyla*, câmera-trap, UA 4.



Foto 4-40: *Didelphis aurita*, UA 4.



Foto 4-41: *Gracilinanus microtarsus*, UA 5.



Foto 4-42: *Callithrix geoffroyi*, UA 5.